

CENTRO PRESBITERIANO DE PÓS GRADUAÇÃO ANDREW JUMPER
SEMINÁRIO PRESBITERIANO DE BRASÍLIA

LAURA COIMBRA MACHADO CIBULSKA VALENTE MAZONI

O SERMÃO DO MONTE APLICADO À PRÁTICA DO ACONSELHAMENTO BÍBLICO

Brasília
2020

M476s

Mazoni, Laura Coimbra Machado Cibulska Valente.

O sermão do monte aplicado à prática do aconselhamento bíblico / Laura Coimbra Machado Cibulska Valente Mazoni. – 2020.

148 f.

Orientador: Prof. Dr. Emílio Garófalo Neto

Monografia (mestrado) – Centro de Pós-Graduação

Andrew Jumper, Seminário Presbiteriano de Brasília, Brasília, DF, 2020.

1.Aconselhamento Bíblico. 2.Sermão do Monte.
3.Orientação espiritual. I.Título.

CDU 27-58.472

Catlogação na Publicação:

Jônathas Rafael Camacho Teixeira dos Santos (CRB-1/2951)

*“Bem-aventurado será o gênero humano
Se seu coração obedecer ao Amor,
O mesmo a quem o próprio Céu estrelado obedece.”*

(Boécio, 524)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. A IDENTIDADE DO CRISTÃO	13
1.1 Bem-aventurados	14
1.2 A diferença fundamental.....	17
1.3 Bem-aventurados os pobres de espírito.....	21
1.4 Bem-aventurados os que choram	25
1.5 Bem-aventurados os mansos	28
1.6 Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça	32
1.7 Bem-aventurados os misericordiosos.....	35
1.8 Bem-aventurados os puros de coração	39
1.9 Bem-aventurados os pacificadores.....	44
1.10 Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça	47
2. INSTRUÇÕES ACERCA DO RELACIONAMENTO DO CRISTÃO COM DEUS	51
2.1 Disciplinas espirituais	52
2.1.1 <i>Leitura Bíblica</i>	52
2.1.2 <i>Oração</i>	55
2.1.3 <i>Jejum</i>	68
2.2 Santificação	73
2.3 O temor devido a Deus e não aos homens	78
3. INSTRUÇÕES ACERCA DO RELACIONAMENTO DO CRISTÃO COM O SEU CORAÇÃO.....	83
3.1 A importância do cuidado com o coração	84
3.2 O tesouro	88
3.3 A adoração	91
3.4 Os olhos.....	93
3.5 A ansiedade.....	96
4. INSTRUÇÕES ACERCA DO RELACIONAMENTO DO CRISTÃO COM O OUTRO	103
4.1 Sal e Luz.....	103
4.2 O cuidado com a língua	108
4.3 Proativos e Generosos	117
5. OS ARGUMENTOS FINAIS DE JESUS	134
5.1 O caminho e a porta estreita.....	134
5.2 Cuidado com os falsos profetas	136
5.3 A necessidade da intimidade	138

5.4 A Palavra não deve ser desperdiçada	139
5.5 O fundamento da casa do verdadeiro cristão	140
CONCLUSÃO	143
REFERÊNCIAS	147

INTRODUÇÃO

“Dizer que a característica mais óbvia da moderna Igreja Cristã é, infelizmente, a superficialidade, segundo penso não é formular um juízo exageradamente severo.”¹ – Essa frase poderia ser dita por qualquer pastor ou conselheiro bíblico dos nossos tempos, mas foi escrita pelo D. Martyn Lloyd-Jones, em 1984. Quase quarenta anos depois, o cenário é ainda pior, uma vez que muitos cristãos têm abandonado a igreja para viverem centrados em si, se alimentando de um evangelho barato disponibilizado na internet. A vida cristã se tornou tão superficial que quase não toca no verdadeiro Evangelho.

A necessidade do retorno às Escrituras tem enchido as igrejas históricas e, por consequência, os gabinetes pastorais e consultórios de conselheiros de pessoas sedentas por respostas aos seus sofrimentos e em busca da verdadeira felicidade. Billy Graham descreve como é essa verdadeira felicidade: “A felicidade que possui valor permanente na vida não é superficial, e não depende de circunstâncias. É uma felicidade, um contentamento que enche a alma ainda mesmo no meio das circunstâncias as mais adversas e no meio de ambientes mais que nocivos e desanimadores.”² O senhor Jesus não só afirma que essa felicidade é possível, como nos mostra o caminho para ela no Sermão do Monte.

Logo no início do sermão, Jesus apresenta uma descrição da natureza do cristão: as bem-aventuranças. Elas não são um código moral a ser seguido por quem quer encontrar a felicidade. Ao contrário, as bem-aventuranças são o reflexo daquele que já a encontrou na cruz de Cristo. A partir daí, Jesus segue revelando as funções e o propósito dos cidadãos do seu reino: fala da sua relevância na sociedade, da importância da lei e do real sentido da aplicação da lei. Ele mostra que a lei precisa estar gravada no coração para que os frutos sejam verdadeiros. Diante disso, ele fala da natureza da comunhão com Deus e mostra como essa comunhão resultará em um comportamento justo por parte dos seus. Em apenas um sermão simples, mas de profundidade sem igual, Jesus revelou o segredo da felicidade que permanece para sempre.

¹ LLOYD-JONES, D. Martyn. *Estudos no Sermão do Monte*. São José dos Campos: Fiel, 1984, p. 8.

² GRAHAM, Billy. *O Segredo da Felicidade*. São Paulo: Eclésia, 2003, p. 7.

As palavras do Deus encarnado nos trazem vida e nos dão respostas para todas as áreas da existência humana, pois falam da identidade do cidadão do Reino e de como devem ser os seus relacionamentos – com Deus, consigo mesmo e com a sociedade.

Billy Graham diz que se essas verdades forem aplicadas pelos cristãos em todas as partes do universo, podem transformar o mundo em que vivemos.³ D. Martyn Lloyd-Jones segue pela mesma linha: “Repito que se ao menos cada crente da Igreja atual estivesse vivendo o Sermão do Monte, (...) estariam acontecendo coisas notáveis e assombrosas; o mundo ficaria atônito, e homens e mulheres seriam impelidos e atraídos para nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo”.⁴ Esses homens nos mostram que a igreja precisa, desesperadamente, começar a viver a vida cristã. Os conselheiros bíblicos devem então assumir a grande responsabilidade de viver uma vida profundamente transformada e convidar outros irmãos a encontrar, em Cristo, a verdadeira e duradoura felicidade.

O Sermão do Monte é um daqueles textos que todo cristão já leu, mas poucos entenderam integralmente. Eu fazia parte dos que nunca tinham entendido, mesmo tendo ouvido incontáveis sermões e estudos sobre ele. As bem-aventuranças me pareciam uma descrição dos grandes homens e mulheres da fé, um alvo que eu dificilmente atingiria e sobre o qual nunca quis pensar muito. Foi assim até pouco tempo atrás.

Há alguns meses, num grupo de estudo bíblico em ordem cronológica, chegamos a esse sermão e eu me vi obrigada a me debruçar sobre essa passagem. Eu precisava entender para poder explicar. Logo no começo do estudo, apenas lendo as diferentes traduções, percebi que estava completamente errada. Quando recorri aos comentários e aos autores cristãos que escreveram sobre o sermão, fui profundamente confrontada pelo Espírito. Foi como se os meus olhos tivessem sido abertos, pela primeira vez, para a riqueza e para a profundidade do que Jesus estava falando ali.

As bem-aventuranças falam sobre o caráter de todo cristão, num crescente que só a verdadeira conversão pode produzir. Em todo o sermão, Jesus nos ensina a lidar com o nosso coração, nos ensina a ter um relacionamento saudável com as outras pessoas e nos mostra como deve ser o nosso relacionamento com o próprio Deus! Em apenas três capítulos, o Senhor levanta pontos capazes de nos virar do avesso e revelar tudo o que há dentro de nós.

³ GRAHAM, *O Segredo da Felicidade*.

⁴ LLOYD-JONES, *Estudos no sermão do monte*, p. 38.

Quando percebi a riqueza daquelas palavras, quis me aprofundar para responder à questão que grita dentro de mim depois desse estudo: Como O Sermão do Monte pode ser aplicado ao aconselhamento bíblico? O presente estudo se dedica a demonstrar como o Sermão do Monte pode ser aplicado ao aconselhamento bíblico para gerar profunda transformação em todas as áreas do relacionamento humano. Para isso, é preciso analisar como as bem-aventuranças explicam a construção do caráter do cristão; e descrever e interpretar os trechos que tratam do relacionamento do homem com Deus, com as questões do seu próprio coração e os que tratam do relacionamento do homem com a sociedade, seus irmãos e seus inimigos.

1 A IDENTIDADE DO CRISTÃO

Para entender o Sermão do Monte e aplicar as suas instruções é preciso entender com quem, e a respeito de quem Jesus estava falando. O presente capítulo se propõe a explicar quem são os destinatários da mensagem. Depois é preciso entender o que Jesus queria dizer com “bem-aventurados” e daí então chegar ao objetivo de explicar como o correto entendimento das bem-aventuranças é útil para a prática do aconselhamento bíblico.

A vinda de Cristo ao mundo inaugurou um novo tempo, um novo reino. Ele veio como descendente do rei Davi, para reinar eternamente sobre a nação de Israel; veio como sacerdote, para cumprir a lei cerimonial em sua plenitude; e como profeta, para ensinar aos seus seguidores a viver como o Pai gostaria. A partir daquele momento, uma nova raça passou a existir, chamados de cristãos. Cristãos autênticos são aqueles que creem que Jesus é o único capaz de os livrar da miséria do pecado e, por isso, entregam a sua vida a ele, para que possam ser adotados pelo Pai e receber o Espírito que os capacita a viver ainda neste mundo. Eles vivem neste mundo, mas não são mais daqui; o reino governa o coração, a mente e as atitudes dessas pessoas. O rei do universo agora habita dentro delas.

Essa perspectiva acerca do novo reino nos ajuda a entender o que Jesus estava ensinando no Sermão do Monte, registrado em Mateus, capítulos 5 a 7. Ele não queria reformar a nossa sociedade ou apresentar um exemplo de vida ideal; seu objetivo não era social no sentido de regras morais para a sociedade não cristã, mas espiritual. O Sermão do Monte descreve a natureza essencial daqueles que já se tornaram cidadãos do seu reino, não as características necessárias para entrar no reino. “No Sermão do Monte não nos é recomendado: ‘Vivei deste modo e vos tornareis cristãos’. Pelo contrário, somos ali ensinados: ‘Visto que sois cristãos, vivei deste modo’.”¹ Esses cidadãos do reino de Cristo assumem então a função de transformar a sociedade onde vivem, enquanto esperam a vinda do reino em sua plenitude.

O Senhor conhece a inclinação do coração humano a seguir regras para alcançar a graça e sabe que iríamos tentar com todas as forças nos adaptar àquele padrão moral para ter direito ao céu, por isso mesmo ele fez com que as exigências do sermão fossem impossíveis a qualquer um que tentasse atingi-las por conta própria. A isso se deve ao fato de muitos

¹ LLOYD-JONES. *Estudos no sermão do monte*, p.274.

cristãos darem pouca importância ao que Jesus disse ali. O nosso desejo é o de sermos perfeitos a partir do nosso esforço e vontade, mas falhamos repetidamente; sendo assim, é mais fácil abandonar do que persistir. Precisamos reorientar os nossos corações para perceber que o Sermão do Monte aponta para a cruz de Cristo. Se ele não tivesse morrido para abrir o caminho até o Pai e se não tivesse enviado o Espírito Santo, ele não exigiria de nós a perfeição descrita ali, mas ele o faz precisamente porque morreu. Ao receber o Espírito Santo, somos plenamente capacitados a cumpri-lo. Ivênio dos Santos diz que o principal objetivo do sermão é nos fazer descobrir a nossa total incapacidade de melhorarmos a nós mesmos ou nos santificarmos por nossos próprios esforços.² O Sermão do Monte é a mensagem da graça capacitadora de Deus para dar esperança aos fracos que são justificados por Jesus, a andar no caminho do Reino, guardando todas as coisas como Jesus ordenou.

O princípio fundamental, portanto, está aqui: somente aquele que creu, aceitou e entregou sua vida a Cristo, aquele que já se tornou nova criatura, pode viver a vida descrita pelo Sermão do Monte. Martyn Lloyd-Jones diz que é vão, desnecessário e fútil confrontar qualquer outra pessoa com qualquer injunção particular do sermão³. Este também é um princípio fundamental do aconselhamento bíblico pela mesma razão: não faz sentido mostrar o caminho indicado por Deus àqueles que não creem. Sendo assim, a mensagem do Sermão do Monte é válida a todo e qualquer aconselhamento que seja bíblico porque ela fala das características daqueles que fazem parte do novo reino instituído por Cristo, daqueles que têm a Bíblia como a sua única regra de fé e de prática.

1.1. Bem-aventurados

Jesus começa o sermão com as bem-aventuranças. Acerca delas, Billy Graham diz: “As bem-aventuranças são revolucionárias! São surpreendentes! De grande profundidade, conquanto assombrosamente simples! Aplicadas em todas as partes do universo, podem transformar o mundo em que vivemos.”⁴ Para ele, ali Jesus estava chamando a atenção dos

² SANTOS, Ivênio. *Alma nua: O Desnudamento da Alma Através de Uma Abordagem Psicoteológica do Sermão do Monte*. Curitiba: Palavra, 2006.

³ LLOYD-JONES, *Estudos no sermão do monte*, p.385.

⁴ GRAHAM, *O Segredo da Felicidade*, p.4.

seus ouvintes para a felicidade nesta vida e na vida eterna. Robert Glenn fez um apanhado de alguns autores que explicam o que significa ser bem-aventurado:

A palavra é difícil de traduzir diretamente, e temos dificuldade para entender a ideia. Eis uma breve pesquisa do que outros disseram sobre ela: A Concordância de Strong traduz a palavra que Jesus usou como supremamente bendito, afortunado, próspero e feliz. Martyn Lloyd-Jones descreveu o homem bem-aventurado como 'o tipo de homem que deveria ser congratulado...imitado, pois somente ele é o homem verdadeiramente feliz'. D. A. Carson sugere que ser bem-aventurado significa ter a aprovação de Deus. John MacArthur chama este conceito de 'feliz, não um sentimento superficial de bem-estar baseado nas circunstâncias, mas uma experiência sobrenatural profunda de contentamento baseado no fato de que a vida da pessoa está correta com Deus'. Ed Welch diz que 'os bem-aventurados são honrados, seu status é invejável, eles são os recipientes óbvios da aprovação e do favor de Deus. Substitua 'bem-aventurados são' por 'quão honráveis são' e você entenderá o que estou dizendo'. Phillip Yancey sugere que 'sortudos' é, na cultura contemporânea, a ideia mais próxima a que podemos chegar deste conceito, simplesmente porque é o tipo de felicidade que você não pode merecer, ou conquistar, ou trabalhar para obter por si mesmo.⁵

John Stott ressalta que traduzir a palavra *makarios* como "feliz" induz a um sério erro porque a felicidade é um estado subjetivo e Jesus está julgando objetivamente a pessoas. "Ele não está declarando como se sentirão ('felizes'), mas sim o que Deus pensa delas e o que são por causa disso: são 'bem-aventuradas'".⁶ Emilio Garofalo Neto, em seu primeiro sermão da série sobre as bem-aventuranças, explica que Jesus não está falando de uma alegria boba, mas de algo mais pleno, mais enraizado, mais duradouro, que vai permear nossa vida mesmo nessa terra de sombras e melancolia.⁷ Billy Graham vai na mesma direção:

A felicidade que possui valor permanente na vida não é superficial, e não depende de circunstâncias. É uma felicidade, um contentamento que enche a alma ainda mesmo no meio das circunstâncias as mais adversas e no meio de ambientes mais que nocivos e desanimadores. É essa felicidade que sorri quando tudo vai mal, e mesmo através das lágrimas. A felicidade pela qual nossa alma suspira é essa felicidade imperturbável ante o sucesso ou a derrota, que se radica profundamente em o nosso íntimo e nos faculta interior descanso, paz e contentamento, sejam quais forem os problemas que se agitem na superfície. Essa espécie de felicidade não precisa de estímulos de fora.⁸

⁵ GLENN, R. W. *Crucificando a moralidade: o evangelho das Bem-Aventuranças*. São José dos Campos: Fiel, 2014, p. 15-16.

⁶ STOTT, John R. W. *Contracultura cristã: A mensagem do Sermão do Monte*. São Paulo: ABU, 1981, p. 18.

⁷ GAROFALO NETO, Emilio. *Um sermão para mudar o mundo*. [Sermão]. Disponível em: <<http://ipsemear.org/sermao/um-sermao-para-mudar-o-mundo/>>. Acesso em: 21 out. 2020.

⁸ GRAHAM, *O Segredo da Felicidade*, p. 7.

O bem-aventurado é bendito, abençoado, feliz. Esta é, portanto, a característica principal do povo que faz parte do reino de Deus. Dietrich Bonhoeffer diz que os seguidores de Cristo não são chamados bem-aventurados pela vida que levam, mas pelo chamado e promessa que receberam.⁹

Ao todo, são oito as bem-aventuranças explicadas por Jesus, e todas elas juntas são bênçãos concedidas aos cristãos. Ali ele descreve aqueles que serão conhecidos como cidadãos do seu reino. Robert Glenn afirma que essas são as qualidades que caracterizam os pecadores que encontraram a graça; é a descrição geral da natureza essencial do indivíduo crente.¹⁰ É importante ressaltar que todas as bem-aventuranças devem ser encontradas em todos os cristãos. Seria confortável se Jesus tivesse pedido que escolhêssemos quais combinam melhor com a nossa personalidade, ou qual delas se adaptam melhor à nossa vida, mas ele não nos dá essa opção. Essas não são partes de personalidade que algumas pessoas têm, não é algo natural, mas é o conjunto de características de todos aqueles que nasceram de novo. É como o fruto do Espírito: não podemos escolher algumas partes porque é um fruto só, que nasce naturalmente daquele que é pleno do Espírito. As características descritas nas bem-aventuranças são frutos espirituais de quem já encontrou o salvador Jesus Cristo, e a felicidade que ali é descrita está disponível para todos aqueles que já fazem parte do seu reino.

A lógica do mundo em que vivemos é absolutamente contrária à lógica dos cidadãos desse novo reino. Os que são considerados felizes aqui são os autossuficientes, os independentes, os que se preocupam com as próprias coisas, e os que levam uma vida livre de sofrimento. As bem-aventuranças são o oposto de tudo o aquilo que o mundo valoriza e aprova: felizes são os pobres de espírito, os que choram, os mansos, aqueles que têm fome de justiça, os misericordiosos, puros de coração, pacificadores e perseguidos. Jesus nos desperta para questionar se estamos vivendo em função dessa alegria proposta pelo mundo ou se estamos procurando nos ajustar ao padrão descrito no Sermão do Monte.

⁹ BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*. São Paulo: Mundo Cristão, 2016, p. 78

¹⁰ GLENN, *Crucificando a moralidade*.

1.2 A diferença fundamental

A pergunta que deve surgir em nossos corações é: por que tão poucas pessoas vivem como bem-aventuradas e tantos outros, que se dizem cristãos, vivem uma vida miserável? Ao ler as bem-aventuranças, achamos que deve ser difícil a vida do pacificador, dos que têm misericórdia, porque precisam se importar muito com as outras pessoas. Pensamos assim e levamos uma vida miserável por pura e simples falta de fé. Acreditamos mais no que o mundo diz sobre a felicidade do que nas palavras do próprio Senhor Jesus! Ele disse que veio para que tivéssemos vida em abundância, ele disse que os que vivem de acordo com as suas exigências são os felizes, os bem-aventurados.

Parece impossível que um cristão comum tenha todas essas características, já que só as vimos sendo evidenciadas em alguns poucos que são conhecidos como os grandes homens da fé, porém, o que Jesus está dizendo é que todas elas também estão disponíveis para os pequenos. “Nós, os pecadores fracos, justificados por Jesus, não fomos deixados à nossa própria sorte para tentarmos ser santos na ‘marra’, através de autodisciplina e coisas tais.”¹¹ As bem-aventuranças pressupõem que nós nos convertemos de nossos pecados e de nossa justiça própria para crer em Jesus como aquele que viveu a vida que nós nunca poderíamos viver e morreu a morte que nós merecíamos morrer e, agora, nos dá o benefício de ter essa vida e essa morte como um dom gratuito.¹² A graça de Jesus é tudo que temos; sabemos que não podemos produzir de nós mesmos as características que Jesus chama bem-aventuradas. Se estamos no firme fundamento desta graça, então podemos viver como um filho do reino – podemos entender e obedecer aos mandamentos que seguem as bem-aventuranças.

Os conselheiros bíblicos precisam ter essas verdades muito claras em seu coração para que de fato possam ajudar seus aconselhados na caminhada. Temos tratado as doenças da alma de uma forma errada: partimos do princípio de que depois da queda teremos que lidar com as dores do pecado e buscamos apenas amenizar os sintomas, facilitando a vida do aconselhado. Essa não é uma visão bíblica para a nossa vida hoje. É claro que a queda afetou todas as coisas, é óbvio que lidamos com tantas dores por conta do pecado, mas não precisamos tentar facilitar a vida de ninguém. Essa abordagem faria algum sentido se vivêssemos no período do Antigo Testamento, onde as leis cerimonial e judicial amenizavam

¹¹ SANTOS, *Alma nua*, p. 15.

¹² GLENN, *Crucificando a moralidade*.

os sintomas da queda. Mas não vale para nós, que vivemos depois da vinda do nosso Salvador! Cristo veio em glória e cumpriu toda a lei cerimonial, abrindo o caminho para o Pai, explicou a profundidade da lei moral e nos deu o seu Santo Espírito para que pudéssemos viver a vida que nos foi prometida.

Jesus é o primogênito dos mortos, um segundo Adão, o fundador de uma nova raça de seres humanos. Jesus veio para fazer de nós novas criaturas, diferentes das que caminham por este mundo; veio para nos dar uma vida plena, feliz, abundante, enquanto ainda estamos aqui e ainda mais na eternidade. Ora, se o cristão vive como o povo de Israel vivia antes de Cristo, para quê Jesus precisou morrer? Ele não morreu para mudar só a nossa vida depois da morte; ele inaugurou um novo reino para que vivêssemos uma vida diferente aqui mesmo! Se o nosso trabalho como conselheiros nos leva só a amenizar sintomas, tornamos desnecessária a sua vinda. Se o nosso único motivo de alegria é a eternidade sem pecado, não entendemos que seu reino já está entre nós. Se tratamos das dores dos nossos irmãos sem entender que somos essencialmente diferentes, nosso trabalho é inútil: a psicologia já faz isso muito bem.

Entender as bem-aventuranças como a descrição do caráter daqueles que nasceram de novo é o ponto chave porque mostra que é absolutamente impossível para um não cristão genuinamente ajudar o cristão. O cristão é alguém essencialmente diferente e por isso deve ser tratado de forma diferente. Não podemos esperar que suas dificuldades sejam tratadas como as de qualquer outro ser humano, porque as suas necessidades, os seus desejos, as suas guerras são completamente diferentes. Vamos tentar pensar da seguinte forma: é como se os cidadãos do reino de Cristo tivessem, com os mesmos órgãos, um funcionamento diferente para o corpo; como se eles não seguissem as regras que a humanidade pensa ser natural. Como um humano comum poderia tratar a dor de barriga desse cidadão do reino de Cristo, se ele não entende o funcionamento de seu corpo? É exatamente isso o que tem acontecido com os nossos irmãos: eles sentem as dores na alma, mas não buscam ajuda no único médico que sabe exatamente onde dói e porque dói, e que sabe exatamente qual é o remédio para extirpar aquela dor. O médico humano poderia dar um remédio que amenizasse a dor, mas jamais saberia como eliminá-la completamente. Quantas vezes nós, conselheiros cristãos, buscamos na farmácia do mundo o remédio para os nossos irmãos? Quantas vezes procuramos nos livros de medicina do humano comum as razões das dores que sentimos? As soluções deles parecem mais fáceis, mais rápidas, mais específicas, mas não são eficazes.

A vida cristã não é uma questão de preto no branco, pois não temos um conjunto de leis e regras para seguir em todas as ocasiões. Algumas situações que enfrentamos são tão acinzentadas que não sabemos se estamos caminhando na direção certa, e parece que a palavra de Deus não dá direcionamento para todas as situações. Mas o apóstolo Pedro, aquele que caminhou com Jesus e teve seu caráter visivelmente transformado, nos diz que “Seu divino poder nos deu todas as coisas de que necessitamos para a vida e para a piedade, por meio do pleno conhecimento daquele que nos chamou para a sua própria glória e virtude.” (2 Pedro 1:3). Essa frase mostra que temos um manual de instruções, mas ele não é fácil e óbvio como os do mundo. Só conseguimos entender tudo o que está escrito no nosso manual por meio do *pleno conhecimento* daquele que nos chamou, que nos resgatou do império das trevas, e a maneira de conhecê-lo é através da sua Palavra.

A Bíblia revela quem Deus é, revela quem nós somos e nos ensina, desde o princípio, que precisamos desse manual para sobreviver. Quando Moisés acabou de revisar e atualizar a lei para o povo, na entrada da terra prometida, ele disse: “Guardem no coração todas as palavras que hoje lhes declarei solenemente, para que ordenem aos seus filhos que obedeçam fielmente a todas as palavras desta lei. Elas não são palavras inúteis. São a sua vida. Por meio delas vocês viverão muito tempo na terra da qual tomarão posse do outro lado do Jordão.” (Deuteronômio 32:46,47). As palavras de Moisés estabeleceram o padrão para o devido respeito às Escrituras na antiga aliança e mostram como a lei conduz à vida. Depois vemos o Salmo 119, que tem 176 versículos que celebram as Escrituras, revelando a sua importância e a felicidade de uma vida baseada nelas. Quando Jesus iniciou o seu ministério e foi tentado por Satanás, ele derrotou o tentador com três citações de Deuteronômio. A sua primeira resposta já deixou claro como era a sua relação com a Lei: “Está escrito: ‘Nem só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus’.” (Mateus 4:4) As Escrituras eram vida para Moisés e alimento para Jesus. Mais tarde podemos ver Paulo instruindo Timóteo a perseverar naquilo que ele aprendeu a respeito das Escrituras, porque não há nada como a palavra de Deus para mostrar a verdade, denunciar a rebelião, corrigir nossos erros e ensinar como viver o caminho de Deus. Paulo também fala sobre a inspiração e suficiência da Palavra de Deus: “Quanto a você, porém, permaneça nas coisas que aprendeu e das quais tem convicção, pois você sabe de quem o aprendeu. Porque desde criança você conhece as sagradas letras, que são capazes de torná-lo sábio para a salvação mediante a fé em Cristo Jesus. Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a

correção e para a instrução na justiça, para que o homem de Deus seja apto e plenamente preparado para toda boa obra. ” (2 Timóteo 3.14-17). É importante ressaltar nas palavras de Paulo que não podemos escolher o que desejamos acreditar que seja inspirado. A Bíblia se sustenta como um todo e é a Palavra de Deus, mas essa Palavra não irá sustentar aquele que se torna árbitro do que vai ou não acreditar. Ela nos sustenta quando fazemos como Jesus e nos alimentamos dela diariamente, nos tornamos íntimos e plenos conhecedores daquele que nos chamou.

Precisamos concentrar nossos esforços em conhecê-lo cada dia mais, para sabermos como agir nas situações acinzentadas, e para ajudar os nossos irmãos a caminhar neste mundo. O primeiro passo para conhecê-lo é acreditar no que ele diz; portanto, se Jesus disse que temos que ser como as pessoas descritas nas bem-aventuras para sermos felizes, vamos buscar entender o que isso significa e vamos viver assim, pela força do Espírito; se ele diz que teremos vida em abundância se formos suas ovelhas, vamos abandonar tudo aquilo que nos leva a uma vida miserável. A presença dele em todas as áreas das nossas vidas e em todas as nossas dores, é tudo o que precisamos para sermos cristãos que agem de fato como pessoas que não pertencem a este mundo.

A identidade do cristão é baseada naquilo que a Palavra de Deus diz e é construída pouco a pouco, a cada dia, conforme vamos crescendo à semelhança de Jesus. Ao mesmo tempo que a palavra revela o que há em nós, ela apresenta um caminho “ainda mais excelente”, um padrão perfeito. Mais uma vez: é diferente do que o mundo diz. O mundo diz que não existe padrão, não existe certo ou errado, que você tem que ser quem verdadeiramente é, que você não deve passar a vida se esforçando para se adaptar. O mundo insiste que devemos descobrir quem somos. A Bíblia nos mostra um caminho melhor: conhecer a Cristo e sermos refeitos em sua imagem. A lógica se inverte de novo: só vamos ser quem realmente somos quando nos escondermos em Cristo; só vamos ser realmente felizes quando nos adaptarmos ao padrão. Essa ideia de que a vida cristã não pode exigir esforço é muito errada. Jesus diz que devemos nos esforçar para entrar pela porta estreita! A palavra grega que descreve esse esforço é *agōnizesthe*, que é a mesma raiz da palavra agonizar. Esse é o esforço feito pelos atletas para ganhar uma competição, então temos que nos esforçar, lutar bravamente, dar o máximo de nós para entrar pela porta estreita, sabendo que só vamos conseguir pelo poder do Espírito que habita em nós. Parece uma ideia paradoxal, mas, na verdade, é uma ideia incrível: o padrão de Deus é infinitamente alto porque ele é

infinitamente Santo, mas em sua grande misericórdia ele enviou o seu filho para nos livrar do pecado e a sua morte nos deu o privilégio de ter o Espírito Santo em nós para nos capacitar a atingir o alto padrão de Deus. Se a nossa vida cristã para na morte de Cristo, o ciclo virtuoso não se completa. É como se parássemos no portão do reino dos céus, sem jamais nos tornarmos cidadãos ativos; como se o passaporte tivesse sido carimbado, mas a viagem jamais se completasse. O conselheiro age como embaixador desse reino e ajuda àquele que chega a tomar parte na vida ali, ajuda os que já estão ali há algum tempo nas questões burocráticas, e às vezes trabalha como guia, apresentando as maravilhas do reino.

Emilio Garofalo Neto diz que as bem-aventuranças servem como bons medidores para testar a saúde espiritual, a maturidade espiritual de alguém, como bons medidores de frutos, e como bom medidor para saber se de fato alguém é crente ou não.¹³ Ivênio dos Santos mostra que as dificuldades da vida cristã estão intimamente ligadas à negligência de alguma parte das bem-aventuranças.¹⁴ Portanto, para saber como se constrói a identidade do cristão, precisamos entender detalhadamente cada uma das bem-aventuranças.

1.3 Bem-aventurados os pobres de espírito

“Bem-aventurados os pobres de espírito, porque herdarão a terra.”

Mateus 5.3

Os primeiros a serem chamados por Jesus de bem-aventurados são os pobres de espírito. Ele não fala de uma pobreza material, mas espiritual. É curioso Jesus falar que a primeira característica daqueles que viverão no seu reino é a pobreza, porque isso diz muito sobre o tipo de rei que ele é. O que Jesus está dizendo é que ele deve reinar soberano, e que não vai dividir seu trono com ninguém.

Em que sentido a pobreza de espírito se relaciona com a questão do reinado de Cristo? Robert Glenn¹⁵ e Ivênio dos Santos¹⁶ lembram do momento da queda: a sugestão da serpente

¹³ GAROFALO NETO, Emilio. *Um sermão para mudar o mundo*. [Sermão]. Disponível em: <<http://ipseinear.org/sermao/um-sermao-para-mudar-o-mundo/>>. Acesso em: 21 out. 2020.

¹⁴ SANTOS, Alma nua.

¹⁵ GLENN, *Crucificando a moralidade*.

¹⁶ *ibid.*

foi que Adão e Eva deveriam comer da árvore do conhecimento do bem e do mal para serem como Deus. Eles queriam o domínio do conhecimento e o que o domínio traz: louvor e glória. Eles queriam governar sobre si mesmos, como criaturas autônomas. No momento da queda, Adão e Eva se tornaram espiritualmente ricos: cheios de si, certos de que, sendo independentes, governariam melhor para os seus próprios interesses. Aquele que é rico de espírito não precisa se submeter a Deus porque é autossuficiente, autoconfiante e o único governante que ele apoia é ele mesmo.

O pobre de espírito é o extremo oposto disso: ele reconhece sua completa falência espiritual diante de Deus — não tem nada para oferecer e nada a reivindicar.¹⁷ Depois da queda, esse reconhecimento só é possível ao ser humano quando o Espírito Santo o convence do seu pecado; é um estado de espírito que jamais conseguiríamos produzir por nós mesmos. O Senhor nos escolhe, nos chama, nos convence do pecado e finalmente somos levados ao arrependimento e à completa certeza de tudo o que podemos oferecer a Deus não passam de trapos de imundícia. No momento da conversão, todo cristão entende bem o que é ser pobre de espírito. Martyn Lloyd-Jones diz que essa bem-aventurança indica um completo esvaziamento, uma vez que nos livramos de nós mesmos e admitimos que somos fracos e incapazes e que o nosso sustento depende da misericórdia de Deus.¹⁸ O pobre de espírito não mede o valor da vida por riquezas terrenas, mas em termos de realidades eternas, que duram para sempre. Ao desprezar as riquezas terrenas, ele recebe as riquezas que Cristo adquiriu por sua morte e ressurreição. Nesse momento, o Senhor coloca em nossa vida um pedaço do céu e a alegria e o contentamento entram em nossa alma pela primeira vez.¹⁹

Sendo assim, podemos entender que esse traço faz parte da identidade de todo cristão: todos somos bem-aventurados e herdaremos a terra. De fato, só pode tomar posse da parte do reino que lhe cabe aquele que sabe que não merecia nem estar ali. Mas o nosso coração é terrivelmente enganoso e nós, aos poucos, começamos a sentir falta de ter o controle nas mãos. Aos poucos, começamos a juntar pedras que formam degraus, e que estabelecem para nós um pedestal. Quando subimos ali, voltamos as costas para Deus e nos colocamos diante de um espelho ou de outras pessoas, e começamos a exaltar o valor que há em nós.

¹⁷ STOTT, *Contracultura cristã*.

¹⁸ LLOYD-JONES, *Estudos no sermão do monte*.

¹⁹ GRAHAM, *O Segredo da Felicidade*.

Quando iniciamos o movimento de olhar para nós mesmos buscando o valor, passamos a achar que o mundo inteiro deve fazer o mesmo. Assim, tentamos nos autenticar, queremos ser reconhecidos e exaltados. Não é esse o motivo pelo qual não saímos das redes sociais? Estamos constantemente em busca de aprovação, viciados em sermos vistos, admirados, reconhecidos. Essa busca por reconhecimento se mostra na satisfação que sentimos ao ver que uma postagem recebeu bastante interação. Assim, passamos a confiar em nós mesmos e naquilo que os outros dizem e pensam sobre nós. Quanto mais o mundo nos julga e nos aplaude, mais nos distanciamos da presença de Deus.

As consequências dessas tentativas de sermos reis no nosso reino de uma pessoa são desastrosas para a nossa vida espiritual. Nosso orgulho gera em nós o medo da rejeição, da insegurança e da frustração.²⁰ E tudo isso é amplificado pelo uso das redes sociais, o que gera um ciclo vicioso: vamos nos enriquecendo espiritualmente, tentando confiar mais em nós mesmos todos os dias, ao mesmo tempo que nos sentimos paupérrimos, como se não valêssemos nada. Quantos cristãos têm sofrido com crises de *burnout* por trabalhar demais, talvez em busca de provar o seu valor? Quantos não têm sofrido nada, sem se envolver com nada, para preservar a sua saúde mental, se colocando em primeiro lugar? Quantas vezes nós enterramos o nosso desespero debaixo de frases motivacionais que nos fazem sentir poderosos? Jesus diz que ninguém vai ser bem-aventurado enquanto for rei do seu próprio reino, enquanto achar que está no centro do universo.

Billy Graham diz que a autoconfiança que o mundo prega e exige como fórmula para o sucesso não vai levar à felicidade.²¹ Felizes são aqueles que negam a si mesmos para serem transformados em pessoas completas, plenas, à semelhança de Jesus. Hernandez Dias Lopes fala que a verdadeira felicidade não está nas coisas externas, mas nas internas.²² Ser pobre de espírito não significa ter uma vida espiritual pobre ou uma autoestima baixa, mas ter uma opinião correta de si mesmo. A palavra grega para designar a pobreza aqui é *ptokós*, que descreve a pobreza absoluta e total daquele que está afundado na miséria. John Stott explica que a palavra “pobre”, no Antigo Testamento, ganhou um novo sentido: pobre é aquele que está sofrendo, aflito e sabe que não tem condições de salvar-se e, por isso, busca a salvação de Deus, reconhecendo que não é digno dela.²³

²⁰ SANTOS, *Alma nua*.

²¹ GRAHAM, *O Segredo da Felicidade*.

²² LOPES, Hernandez Dias. *Mateus: Jesus, o rei dos reis*. São Paulo: Hagnos, 2019.

²³ STOTT, *Contracultura cristã*.

A função do conselheiro bíblico não é ajudar o aconselhado a juntar pedrinhas para o seu pedestal de justiça própria, mas fazê-lo olhar para trás e se deparar com a presença do Deus altíssimo. Juntamos pedrinhas quando ressaltamos o valor do aconselhado, quando os motivamos à autoconfiança, quando tentamos elevar a sua autoestima de forma vazia, quando participamos da prática de não olhar para os seus pecados. Nessa primeira bem-aventurança, Jesus está dizendo que a única coisa que importa é o julgamento dele e que os valores do mundo não valem absolutamente nada. Só renunciamos aos nossos julgamentos e ao nosso cetro de autoridade quando enfrentamos a glória de Deus. Quando nos colocamos sob o julgamento de Cristo, percebemos que não há em nós nenhum valor intrínseco, e que merecemos a ira de Deus; então, vemos o filho de Deus vivo entregando a sua vida para nos resgatar da miséria do pecado. Diante de tão imenso amor, somos levados a nos esvaziar de qualquer senso de justiça, de qualquer autossuficiência, de qualquer coisa que nos engrandeça, e somos livres para admitir o nosso desespero e experimentar uma mudança real e duradoura.

Portanto, o conselheiro deve chamar a atenção do aconselhado para o fato de que a história não é sobre ele. Precisamos trazer nossos irmãos para a perspectiva de que tudo o que aconteceu na história e acontece na nossa vida é sobre Deus. Fazer isso não é derrubar o aconselhado dizendo que ele não é nada e nem digno de nenhuma valorização, porque só Espírito Santo pode convencê-lo disso. O trabalho consiste em mostrar a ele a majestade do Rei que já governa sobre a terra e que a governará por toda a eternidade; mostrar o reino que é herdado aqui mesmo pelo pobre de espírito; o valor que adquirimos quando nos escondemos em Cristo e na sua justiça; a segurança que podemos ter em todo e qualquer trabalho porque o bem que há em nós não surge pelo nosso esforço, mas vem do Senhor, por misericórdia; e a coragem e a liberdade resultantes dessas certezas.

Depois de colocar a existência sob essa nova perspectiva, o aconselhado precisa ser instruído sobre a necessidade de apresentar-se diante do Deus vivo diariamente, com o espírito humilde e contrito, porque esse é o único antídoto contra o nosso desejo de construir um pedestal. A palavra de Deus revela o pecado que há em nós, a constante necessidade e dependência que temos dele e não nos deixa pensar que temos qualquer riqueza. Devemos ensiná-lo a buscar compreender qual é a verdadeira motivação por trás de tudo o que ele faz, para não correr o risco de buscar a sua própria glória. Só os que são verdadeiramente humildes

poderão tomar posse do reino dos céus. Devemos começar bem por baixo, se queremos atingir grandes alturas espirituais.²⁴

1.4. Bem-aventurados os que choram

“Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados.”

Mateus 5.4

Na segunda bem-aventurança, Jesus diz que o cristão é alguém que chora e por isso é feliz. Ele não é feliz apesar do choro, mas porque chora. Jesus aqui fala de uma tristeza espiritualmente provocada, um choro espiritual, que vem como resultado de um mundo pecaminoso.²⁵ Esse é o sentimento que naturalmente surge no coração daquele que se viu pobre de espírito e entregou sua vida a Cristo. O choro vem quando olhamos para trás e vemos a multidão de pecados que nos segue, mas Cristo nos consola dizendo que todos eles estão perdoados. O choro vem também quando olhamos para frente e, conhecendo o nosso coração, sabemos que vamos cair em pecado novamente; Cristo também nos consola com a certeza de que todos eles serão perdoados. Neste momento, o cristão é infinitamente feliz porque entendeu que sua dor foi derrotada no calvário.

Essa conclusão, apesar de encher nossos corações de alegria e esperança, pode acabar nos levando para um caminho tortuoso: pensar que depois da conversão nós temos que estar num estado de permanente alegria e que qualquer tristeza que nos atinja seja errada. É uma estrada complicada porque Jesus chorou quando contemplou Jerusalém, quando Lázaro morreu, antes de ser crucificado e pode ter chorado em outros momentos que não ficaram registrados. Se não havia pecado em Cristo, como a tristeza pôde invadir o seu coração ao ponto de levá-lo às lágrimas?

Muitos conselheiros têm seguido por essa estrada, impedindo seus aconselhados de chorar, forçando neles uma alegria jovial, intensa. Não é o mesmo que o mundo faz conosco, dia após dia? O mundo evita o sofrimento a qualquer custo e esconde a dor debaixo de diversas camadas de véus como posses, vaidades e viagens, para evitar encará-la; enquanto

²⁴ RYLE, John Charles. *Meditações no evangelho de Mateus*. 2 ed. São José dos Campos: Fiel, 2018.

²⁵ LLOYD-JONES, *Estudos no sermão do monte*.

os conselheiros escondem a dor debaixo de diversas páginas da Bíblia, assumindo assim que ela desapareceu. Não é fácil culpá-los por isso. É difícil demais lidar com a dor, tanto com a nossa como com as dores das pessoas ao nosso redor. É um momento em que o controle se esvai das nossas mãos, não sabemos o que fazer ou o que dizer, e tentamos tudo o que é possível para enxugar aquelas lágrimas. Pensamos que o papel do conselheiro é ser consolador e que consolar é fazer a pessoa sair da tristeza logo: quanto mais rápido livramos as pessoas das lágrimas, melhores conselheiros nos sentimos!

Jesus disse que bem-aventurados são aqueles que choram, não os que foram consolados. Jesus disse que o cristão chora e está tudo bem. Ele quer que o choro faça parte da nossa existência como fez da dele. Jesus não chorou porque sentiu saudade de Lázaro, mas porque viu a dor estampada no rosto abatido das irmãs dele, porque doeu nele o sofrimento que o pecado nos causa. Lázaro morreu porque o pecado entrou no mundo e foi isso o que levou o nosso Salvador às lágrimas e, posteriormente, à cruz. É verdade que toda a nossa dor se encerra no calvário e se encerrará quando o reino vier em glória, mas até lá viveremos em um mundo onde a dor transborda. O pecado está dentro de nós e está impregnado no mundo de tal maneira que não existe absolutamente nada que não tenha sido afetado por ele. É o pecado que faz o cristão chorar.

Robert Glenn diz que o cristão chora por sua pobreza espiritual, pelo seu próprio pecado, pelo pecado do mundo, pelo pecado que os outros cometem contra ele e o que todo este pecado fez a Jesus.²⁶ O pecado é a razão de toda dor e não podemos nos tornar indiferentes a ele. Além disso, é importante pensar no papel da dor nos nossos corações: ela nos torna humildes quando percebemos que não temos o controle de tudo; gera em nós compaixão pelos outros, porque já experimentamos o sofrimento; e nos aproxima de Jesus porque sabemos que o Deus criador do universo cuida dos seus. O choro nos faz parecidos com Jesus e não deve ser negligenciado.

Como então devemos lidar com a dor dos nossos aconselhados? Devemos deixá-los chorar e não fazer nada? A primeira coisa a fazer é identificar a razão daquela dor. Aqui cabe o princípio da escuta ativa, de quem sabe que tendemos a ocultar os nossos pecados. Depois de ouvir, é preciso levar a questão às Escrituras, para definir o diagnóstico daquela dor e então, finalmente, depositar tudo aos pés da cruz e encontrar ali consolo para o coração

²⁶ GLENN, *Crucificando a moralidade*.

ferido. Parece simples e claro, mas é o “como fazer isso” que nos atrapalha. Ivênio dos Santos ressalta que “Jesus não disse ‘aconselhai os que choram’, mas ‘chorai com os que choram’.”²⁷ Esse detalhe muda tudo na nossa relação com o aconselhado. Nós falamos demais e ouvimos pouco. Queremos encontrar logo uma solução para o problema. O lugar de chorar junto é o de se fazer corpo, de estar ali quando a pessoa não quer receber uma palavra de consolo e nem ser incentivada a caminhar no meio do sofrimento; quando ela só quer estar ali, quieta, sentindo aquela dor. Sentir a dor é importantíssimo para o processo de cura. Nós somos chamados a sentir junto para, então, juntos, sairmos do fundo do poço.

Chorar é a única reação correta ao encarar o mundo como ele realmente é, mas Deus envia o consolo da graça quando reagimos assim, a fim de que possamos nos deleitar no consolo e no conforto que vem de Deus. Jesus nos dá a perfeita esperança de que aqueles que choram pela tristeza causada pelo pecado serão consolados! Seremos consolados quando o nosso salvador vier nos resgatar e fizer novas todas as coisas, mas já somos consolados porque a sua morte nos deu o privilégio de termos o consolador em nossos corações e que paz essas certezas promovem em nós! Essa bem-aventurança nos ajuda a entender a definição da palavra bem-aventurança descrita anteriormente. J. C. Ryle diz que aqueles que se preocupam mais com o pecado do que com qualquer outra coisa na terra são verdadeiramente felizes!²⁸ Somos plenamente felizes pela esperança que temos em Jesus, e por isso podemos chorar a dor do mundo. Estamos seguros de que a dor não vai nos separar de Deus, que nem mesmo o sofrimento mais profundo pode tirá-lo de dentro de nós.

Somos felizes porque fazemos parte de um corpo que chora, que sofre, que clama ao nosso lado. A igreja precisa lembrar disso e os seus líderes também. Talvez a razão pela qual muitos líderes têm abandonado o ministério seja a dificuldade em se ver como corpo. A dor nos torna cada vez mais fechados, mais distantes, quando achamos que temos em nós a solução. Cristo nos deu o Consolador, nos deu um corpo bem ajustado, nos deu ferramentas como a leitura bíblica e a oração porque sabia que não seria fácil, todavia, ele nos diz que fugir não é a solução. O mundo evita chorar porque, ao se deparar com o horror do pecado, ficará completamente perdido e essa tristeza produzirá somente morte e desespero. O cristão pode olhar para o pecado porque tem a bendita esperança no Senhor Jesus. Podemos carregar o

²⁷ SANTOS, *Alma nua*, p. 88.

²⁸ RYLE, *Meditações no evangelho de Mateus*, p. 34.

sofrimento do mundo e chorar por ele, sem ficarmos fracos ou amargurados por isso, mas carregando a dor na força daquele que suportou a cruz.²⁹

Os que choram não serão consolados pela habilidade do conselheiro, mas pelo Consolador que cura os quebrantados de coração.³⁰ Nós somos apenas instrumentos nas mãos dele, então descansemos no fato de que não é a nossa função fazer ninguém parar de chorar e prossigamos em mostrar qual é o único e real motivo para o choro. Deus não espera que entendamos todas as dores do mundo, não quer que tenhamos resposta para tudo, mas nos convida a nos humilharmos, a chorarmos e a nos colocarmos diante dele como pessoas completamente necessitadas, e assim seremos consolados.

1.5. Bem-aventurados os mansos

“Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra.”

Mateus 5.5

Dizer, no Brasil, em 2020, que a mansidão é uma característica que faz parte da identidade do cristão, parece uma ironia. Os cristãos têm se mostrado beligerantes, irritadiços, dispostos a discutir qualquer assunto, cheios de razão e de direitos. As redes sociais estão repletas de cristãos com esses comportamentos e este é o testemunho que muitos têm dado aos de fora. Jesus não estava sendo irônico ao fazer essa afirmação, mas certamente há muito deboche desses que se dizem cristãos em relação à Palavra de Deus.

Bem-aventurados são os mansos. Enquanto a humanidade pensa em poderio, agressividade, autossegurança e força, Jesus fala de gentileza, humildade, cortesia. Enquanto o mundo diz que precisamos nos impor, saber nos defender, Jesus diz que não há nada em nós a ser defendido.

Talvez a mansidão seja a característica do cristão mais diferente daquilo que é esperado pelo mundo e por isso temos uma ideia tão fraca sobre ela. Pensamos que a pessoa mansa é alguém desprovida de força e de atitude, com uma espécie de covardia, uma fracassada. Vemos a mansidão de modo negativo, como se fosse uma característica ruim, algo

²⁹ BONHOEFFER, *Discipulado*.

³⁰ STOTT, *Contracultura cristã*.

que nos torna tolos. A Bíblia cita duas pessoas, em especial, como mansas: Moisés (Números 12:3) e Jesus (Mateus 11:29). Nenhuma dessas descrições negativas se encaixam na história destes dois homens, então talvez a nossa percepção a respeito do que é mansidão esteja errada.

Martyn Lloyd-Jones diz que a humildade de espírito, seguida pelo choro, leva à mansidão.³¹ Quando somos honestos a respeito de quem somos, tomamos consciência da nossa própria maldade e, além de admitir essa verdade para nós mesmos, o Espírito Santo nos ajuda a admitir diante dos outros: isso nos torna mansos. Ao contrário do que parece, a mansidão não é um sinal de fraqueza, mas de grande força de caráter. J.C. Ryle fala que os mansos dificilmente se deixam irritar. São aqueles cujo espírito é paciente e satisfeito, aqueles que se dispõem a ter pouca honra neste mundo e que são capazes de sofrer injustiças sem guardar ressentimentos.³²

A mansidão se manifesta a partir de uma mudança de perspectiva. O mundo põe o ego no centro e o objetivo de cada pessoa é produzir o sucesso para si. As pessoas precisam, sozinhas, encontrar meios para crescer, para alcançar uma herança, para chegar ao topo, que é um lugar pequeno, onde a disputa é grande. A vida deles é uma grande competição para garantir um lugar à mesa, seja qual for esta mesa. A competição naturalmente traz a agressividade, que gera o comportamento oposto à mansidão: a disposição constante para a briga. Por isso, o homem comum briga pelos seus direitos, briga pelas suas ideias e ideais, briga quando é ofendido, rejeitado ou injustiçado. A perspectiva do cristão é diferente porque ele não está no centro: Deus está. O objetivo é produzir o sucesso para o nome de Deus, glorificá-lo e mostrar ao mundo a sua santidade. Esse é o alvo que produz no cristão a disposição para suportar. Buscar essa glória, por si só, já bastaria àquele que se humilhou na presença do Deus Altíssimo, mas a misericórdia dele é tão grande que nos promete um lugar na sua mesa, uma propriedade no reino, uma herança, um direito! Cristo diz que os mansos são felizes porque não precisam entrar na competição por seus direitos nessa terra, já que possuem a garantia de direito na eternidade.

Moisés foi chamado manso e isso era absolutamente contrário à sua natureza: ele fugiu do Egito porque matou um homem ao defender o direito dos hebreus. Ele era um homem covarde e evidencia isso ao tentar fugir do chamado de Deus na sarça ardente, porém

³¹ LLOYD-JONES, *Estudos no sermão do monte*.

³² RYLE, *Meditações no evangelho de Mateus*, p. 35.

ali, durante aquela primeira conversa com o Deus Todo Poderoso, Moisés começou a ser transformado. Deus disse a ele: “Eu estarei contigo e você vai levar o meu povo para uma terra cheia de bênçãos.”, e a perspectiva de Moisés mudou, pois os seus objetivos agora eram os de Deus. Moisés conheceu a glória de Deus quando chegou ao Sinai, e foi apresentado à sua santidade. Ele estava tão absorto nessa grandeza, que se irou profundamente quando viu o povo adorando o bezerro de ouro. Contudo, quando Deus sugeriu eliminar aquele povo e fazer de Moisés um patriarca, ele foi manso. Não se preocupou com o seu nome, mas com a santidade do Senhor diante das outras nações e intercedeu pelo povo. Moisés sabia quem era o verdadeiro merecedor da glória e viveu em função disso. Nunca houve na história de Israel um profeta como Moisés, com quem o Senhor falava face a face (Deuteronômio 34.10), como também não havia na terra homem manso como Moisés (Números 12.3). Dessa forma, não é uma coincidência que essas afirmações falem sobre o mesmo homem.

Nenhuma bem-aventurança evidencia tanto a presença do Espírito na vida de alguém como a mansidão. Hernandez Dias Lopes explica que a palavra grega *praus* era empregada para descrever um animal domesticado, um poder sob controle; portanto, mansidão não fala de impotência, mas de domínio próprio, que só pode existir em nós como fruto do Espírito.³³ Billy Graham diz que “O cavalo domesticado contribui muito mais para a vida do que um burro indomável. A energia sem controle é perigosa; mas, controlada, é coisa útil e poderosa.”.³⁴ Deus quer amansar-nos, domesticar-nos para que obedeçamos ao controle apropriado. Isso não é privar alguém de seus poderes e energias, mas dar-lhes nova direção. Manso é aquele que tem condições de destruir, mas escolhe não fazer.

Dietrich Bonhoeffer, que morreu nas mãos do governo nazista, diz que os mansos são aqueles que renunciaram a qualquer direito especial. “Quando ofendidos, calam-se; quando agredidos, suportam; quando rejeitados, afastam-se. Não movem processos por seus direitos, não fazem alarde mesmo quando injustiçados. Nada reivindicam, mas entregam toda justiça nas mãos de Deus.”³⁵ Agostinho vai além e fala que os mansos são aqueles que cedem diante das injustiças de que são vítimas, que não opõem resistência ao mal, mas que vencem o mal com o bem.³⁶

³³ LOPES, Mateus.

³⁴ GRAHAM, *O Segredo da Felicidade*, p. 43.

³⁵ BONHOEFFER, *Discipulado*, p. 94.

³⁶ AGOSTINHO, Santo. *Patrística - O Sermão da Montanha e Escritos Sobre a Fé*. São Paulo: Paulus, 2017, v. 36.

Billy Graham diz que a mansidão apresenta diferentes aspectos: significa gentileza, delicadeza no trato; inclui submissão, tanto em seu sentido negativo (desistir, abandonar), quanto no sentido positivo (dar); implica indulgência: abster-se de condenar os outros, recusar a julgar as ações e as intenções daqueles que nos cercam; e sugere paciência com as injustiças, com nossos erros e com as situações de raiva, esperando então a terra que herdaremos.³⁷ Deus não nos quer em constante atrito com tudo, mas nos convida a abandonar os ressentimentos e a nossa vontade e a praticar a gentileza e a paciência.

Porém, ser manso não é buscar a paz a qualquer custo, uma vez que existem situações que exigirão ação, situações em que a verdade deve ser defendida. Tanto Moisés, como Jesus não se calaram diante das coisas erradas. Jesus confrontou a hipocrisia dos fariseus, mestres da lei e até dos seus discípulos diversas vezes e Moisés muitas vezes se indignou com o povo pela falta de respeito para com a aliança do Senhor. Todavia, na hora de defender os próprios direitos, eles escolheram entregar a vingança nas mãos de Deus.

Nem por um momento Jesus fez qualquer coisa com o propósito de defender a si mesmo, como se estivesse se sentindo ameaçado por outras pessoas. E jamais fez alguma coisa para assumir uma posição de superioridade sobre os seus rivais ou para satisfazer seu próprio orgulho. Mas ele confrontou a falsidade com ações e palavras fortes. Tudo que Jesus fez em sua vida foi uma expressão de sua humildade profunda e desejo profundo de obedecer ao seu Pai e colocar os outros em primeiro lugar. Isso é verdadeira mansidão.³⁸

O manso então não vive cuidando dos seus interesses pessoais, nem permanece em atitude defensiva, não tem pena de si mesmo e não gasta horas em autocomiseração.³⁹ Aquele que é manso não só se vê miserável diante de Deus, como, sem hipocrisia, se vê assim também diante dos homens. Por saber que não é digno de nenhuma honra, o manso se torna gentil, humilde e sensível em todos os seus relacionamentos.⁴⁰ As outras pessoas são tão pecadoras como nós somos. Mesmo quando nos tratarem de modo injusto, não sentiremos necessidade de justificar a nós mesmos, porque somos tão maus ou piores do que os outros pensam de nós. A mansidão também impede a nossa autoafirmação, principalmente em situações de insegurança.⁴¹ Podemos ser honestos e francos quanto a nossas fraquezas,

³⁷ GRAHAM, *O Segredo da Felicidade*.

³⁸ GLENN, *Crucificando a moralidade*, p. 56.

³⁹ LLOYD-JONES, *Estudos no sermão do monte*.

⁴⁰ STOTT, *Contracultura cristã*.

⁴¹ GLENN, *Op. Cit.*

limitações e pecados em nossos relacionamentos. No crescente do Evangelho, entendemos que não apenas não precisaremos nos defender, como poderemos amar, colocando os outros em primeiro lugar.

O cristão, portanto, deve ser manso, suave, moderado, compassivo, calmo e brando. A beligerância e a autoafirmação não devem ser suas características. O conselheiro precisa ajudar o cristão a colocar as situações da vida diante desta perspectiva: “Você está defendendo a sua honra ou a de Deus? Isso é sobre você ou sobre a glória de Deus? ”. Diante dos tempos em que vivemos, dizer isso é remar contra a maré, mas é exatamente esse o nosso chamado. Precisamos entender que as bem-aventuranças precisam ser aplicadas no dia a dia, em todos os nossos relacionamentos. Nós somos essencialmente diferentes e o mundo precisa perceber isso. Não temos mais direitos porque somos filhos do rei, pelo contrário, somos convidados a renunciar os nossos direitos para que o mundo conheça aquele que nos dá uma herança eterna e defende as nossas causas nesta terra.

1.6 Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça

“Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão satisfeitos. ”

Mateus 5.6

Ao falar de fome e sede, Jesus fala de um anseio profundo por justiça. Ele coloca os estímulos físicos mais fortes numa ação contínua — só os que têm fome e sede serão saciados. A palavra grega *peinao* significa estar necessitado, sofrer de fome profunda. A palavra *dipsao* traz em si a ideia de sede de verdade. O cristão deve ter apetite pela justiça diante de Deus proporcionada por Cristo e pela nova vida diante do Pai.⁴² D. Martyn Lloyd-Jones diz que ter fome e sede de justiça é o único caminho para a verdadeira paz.⁴³

No conceito de justiça, estão envolvidas as ideias de justificação e santificação, pois ela aponta para o desejo de receber libertação do pecado porque o pecado nos separa de Deus. Aquele que tem fome e sede de justiça deseja ver-se livre de qualquer desejo de pecar, tanto

⁴² LOPES, *Mateus*.

⁴³ LLOYD-JONES, *Estudos no sermão do monte*.

em atos externos como em seu íntimo.⁴⁴ “Quem tem fome e sede de justiça, aspira às coisas do céu, ama a santidade, tem prazer nas coisas de Deus, deleita-se em Deus e ama a sua lei. Está satisfeito, mas nunca saciado. Ama, mas quer amar mais. Ora, mas quer orar mais. Estuda a Palavra, mas quer estudar mais. Obedece, mas quer obedecer mais.”⁴⁵ John Stott explica que a justiça na Bíblia tem, pelo menos, três aspectos: o legal, o moral e o social.⁴⁶ Pelo aspecto legal, fomos justificados em Cristo e temos um relacionamento certo com Deus. A justiça moral é uma conduta que agrada a Deus — devemos ter fome e sede dela. Mas também temos que ansiar pela justiça social: a libertação da opressão, a promoção dos direitos civis, a justiça nos tribunais, a integridade nos negócios e nos relacionamentos. Quem tem fome e sede de justiça busca o reino e a vontade de Deus na terra. Ivênio dos Santos diz que Jesus fala de fome e sede de ser santo, reto e justo, e, por consequência, fome e sede de batalhar por causas justas e ver a justiça social se estabelecer. “Ter fome e sede de justiça é o mesmo que tomar a Palavra de Deus a sério para obedecê-la.”⁴⁷

A verdadeira justiça é viver corretamente, de forma consistente e perfeita, de forma que Deus aceite. Sabemos que isso é humanamente impossível, por isso Robert Glenn destaca que Jesus não nos disse que precisamos ser assim para realizar a vontade de Deus, não podemos atingir esse padrão, mas podemos recebê-lo como um dom. Quem entendeu a graça sabe que não sobreviverá se não receber do Senhor aquilo que precisa para sobreviver. Jesus se fez pecado por nós para que pudéssemos ter acesso à sua justiça, à sua santidade. Ao olhar para Cristo como a nossa justiça, podemos descansar e, ao mesmo tempo, ansiar por mais. Somos perfeitamente satisfeitos nele, e continuamente insatisfeitos porque vemos na cruz a nossa completa necessidade. Essa justiça nos dá a segurança de que Deus não abandonará por conta das nossas falhas e não nos rejeitará.⁴⁸

Fome e sede são necessidades que qualquer ser humano entende, pois elas nos fazem levantar da cama todos os dias e nos levam à ação. Jesus diz que devemos buscar ativamente a justiça e devemos nos alimentar dela como uma necessidade básica na nossa existência. O cristão não sobrevive sem ela.

⁴⁴ LLOYD-JONES, *Estudos no sermão do monte*.

⁴⁵ LOPES, *Mateus*, p. 173.

⁴⁶ STOTT, *Contracultura cristã*.

⁴⁷ SANTOS, *Alma nua*, p. 123.

⁴⁸ GLENN, *Crucificando a moralidade*.

A ausência de fome ou sede pode gerar um alerta de que a pessoa está doente: não é natural e não é saudável. Billy Graham cita várias coisas que podem tirar de nós a fome pela justiça, ou pela santidade de Deus. A primeira delas é o prazer pecaminoso, porque muitas vezes estamos tão envolvidos com as iguarias do Diabo que perdemos o apetite pelas verdades espirituais. A segunda coisa que pode tirar a nossa fome pela justiça de Deus é a autossuficiência, pois o homem que pensa estar cheio é o que está mais vazio; não sobra lugar para Deus na sua vida. O pecado escondido ou secreto também pode acabar com a nossa fome, assim como a negligência com a nossa vida espiritual. A Bíblia diz que precisamos cuidar da nossa alma porque podemos endurecer o coração ao ponto de não sentirmos nenhuma fome pelas coisas de Deus. “Essa fome que você deve sentir é o desejo de andar sempre retamente para com Deus. É ter plena consciência de que toda a busca de paz e felicidade é vã quando deixamos Deus fora de nossas cogitações. É admitir toda a sua futilidade, inutilidade e desvalia, e entregar-se completamente à vontade de Deus.”⁴⁹

A ausência e fome e sede também ocorre quando morremos. Muitas vezes vemos pessoas que se dizem cristãs que não possuem absolutamente nenhuma necessidade da justiça de Cristo, mas não percebemos que elas estão mortas espiritualmente — nunca nasceram de novo e não sabem com o que esse novo corpo é alimentado.

Essa bem-aventurança ajuda o conselheiro na questão do diagnóstico, que precisa ser feito antes de ser tomada qualquer atitude. Nesse momento, buscamos compreender se a pessoa a quem aconselhamos já nasceu de novo e, se sim, em qual estágio de alimentação está: sólido ou ainda no leite. (Hebreus 5.11-14) Se a pessoa que precisa de ajuda não tem apetite pelas coisas de Deus, entende que se sustenta pelos próprios esforços e anseia apenas pela satisfação nesta vida, então, talvez, antes do aconselhamento, ela precise conhecer a fonte do verdadeiro alimento espiritual. Mas é preciso ter muito discernimento antes de dar o diagnóstico, porque podemos estar diante de uma pessoa que está em um estágio gravíssimo de doença, completamente desnutrida, que precisa desesperadamente de ajuda. Por isso, o aconselhamento não pode ser encarado de forma leviana. Cuidamos da saúde espiritual dos nossos irmãos e precisamos entender muito bem o funcionamento dessa nova natureza que recebemos em Cristo. Se quisermos dar alimento sólido para quem está se alimentando por sonda, podemos gerar danos graves. Se oferecermos apenas leite para quem

⁴⁹ GRAHAM, *O Segredo da Felicidade*, p. 58.

tem uma alimentação rica, podemos adoecê-lo por falta de nutrientes. Se tentarmos obrigar o doente em estado grave a levantar para procurar a própria comida, corremos o risco de matá-lo. E se fizermos qualquer dessas coisas com o morto, estaremos perdendo tempo e desperdiçando o bom alimento espiritual. Deus, que criou o coração do homem e o conhece tudo o que ele faz (Salmos 33.15), é quem direciona o diagnóstico e o tratamento, mas precisamos estar na sintonia correta, sensíveis para ouvir à sua voz.

1.7 Bem-aventurados os misericordiosos

“Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia.”

Mateus 5.7

Ao falar da misericórdia, Jesus fala do resultado que o caráter transformado produz. Só pode ser misericordioso aquele que se humilhou diante de Deus, chorou pelo pecado, se submeteu à autoridade de Cristo e se alimentou de sua santidade. Cristo experimentou a dor mais profunda possível para nos trazer a um relacionamento com o Pai e glorificar o nome dele. O pecado nos tornou miseráveis e Deus exerceu misericórdia ao nos resgatar. Dessa forma, ele não só sentiu compaixão, mas nos resgatou e aliviou ativamente a nossa miséria. Quem recebe essa misericórdia precisa mostrá-la aos outros.⁵⁰ Quando nos rendemos a Deus, temos o desejo sincero de repartir com os outros aquilo que temos. Recebemos de Cristo a água viva e agora temos que transbordar essas águas: o cristianismo deve ser vital, ativo, fluente e influente!⁵¹

A palavra hebraica para misericórdia é *chesed*, que fala da capacidade de entrar em outra pessoa até que praticamente possamos ver com os seus olhos, pensar com sua mente e sentir com o seu coração. É mais do que sentir piedade por alguém. A palavra grega *eleos*, se refere aos resultados do pecado. Jesus age contra e faz com que estes que sofrem por conta do pecado se sintam amados.⁵²

⁵⁰ GLENN, *Crucificando a moralidade*.

⁵¹ GRAHAM, *O Segredo da Felicidade*.

⁵² LOPES, *Mateus*.

A misericórdia aponta para um senso de compaixão, de parceria com o objetivo de aliviar os sofrimentos. A preocupação do cristão com a miséria sofrida por homens e mulheres produz nele o intenso desejo de aliviá-la.⁵³ “Misericórdia é lançar o coração na miséria do outro e estar pronto em qualquer tempo para aliviar a sua dor.”⁵⁴ Misericórdia envolve sentir a dor de quem está envolto nas misérias do pecado, nas consequências dos seus erros.⁵⁵

John Stott diz: “Richard Lenski proveitosamente distinguiu a misericórdia da graça: O substantivo *eleos* (misericórdia) sempre trata da dor, da miséria e do desespero, que são resultados do pecado; e *charis* (graça) sempre lida com o pecado e com a culpa propriamente ditos. A primeira, concede alívio; a segunda, perdão; a primeira cura e ajuda, a segunda purifica e reintegra.”⁵⁶ Ivênio dos Santos complementa essa diferenciação: “Vamos imaginar graça e misericórdia como sendo as duas mãos de Deus. Com a mão da misericórdia Deus segura ou retém tudo o que eu mereço, ou seja, ira, juízo, condenação. E, com a mão da graça Ele estende-me tudo o que eu não mereço: salvação, vida eterna, glorificação, etc. Assim sendo, misericórdia pode ser vista também como compaixão ou perdão incondicional.”⁵⁷

A misericórdia não é uma virtude natural, não é sentimento e nem palavras, mas ação. Devemos agir com misericórdia em relação às outras pessoas porque fomos criados para as boas obras e seremos chamados a prestar contas das nossas ações, e porque essa atitude agrada a Deus e revela o seu caráter. Billy Graham apresenta algumas áreas onde podemos exercitar a misericórdia. A primeira delas é no cuidado com as necessidades sociais dos nossos semelhantes. Às vezes teorizamos demais a religião enquanto o mundo perece em fome e miséria, sem nenhuma esperança. Temos sido egoístas, áridos e irresponsáveis. Se pedirmos a Deus que nos mostre isso, acharemos em nossa própria comunidade muitos necessitados de coisas materiais e carentes de atenção. Precisamos agir e cuidar deles! A segunda forma de exercitar a misericórdia é abandonando os nossos preconceitos. O preconceito, o fanatismo e a intolerância dever ceder lugar à justiça, à humildade e à misericórdia. Como podemos nos endurecer e sustentar nossos preconceitos se Deus, em sua imensa compaixão, foi tão misericordioso para conosco? A terceira maneira de revelar misericórdia é levando o

⁵³ LLOYD-JONES, *Estudos no sermão do monte*.

⁵⁴ LOPES, *Mateus*, p. 177.

⁵⁵ GAROFALO NETO, Emilio. *Eis misericórdia em sangue*. [Sermão]. Disponível em: <<http://ipsemear.org/sermao/eis-misericordia-em-sangue/>>. Acesso em: 21 out. 2020.

⁵⁶ STOTT, *Contracultura cristã*, p. 24.

⁵⁷ SANTOS, *Alma nua*, p. 131.

Evangelho de Cristo a outras pessoas. A pobreza espiritual do homem é pior que suas necessidades materiais, e nós precisamos cuidar das duas áreas. “O fato de, após dois mil anos de cristianismo, mais da metade da população mundial quase nada conhecer a respeito da salvadora e transformadora graça de Deus deve despertar em nós uma renovada dedicação para proclamarmos a este mundo infeliz a misericórdia de Deus.”⁵⁸ Precisamos falar da graça, do amor e da paz do Senhor Jesus. O mundo precisa dessa misericórdia, do seu poder transformador e regenerador mais do que qualquer outra coisa!

Todas as pessoas são dignas de compaixão porque o cristão sabe que ele também foi vítima do pecado, mas recebeu compaixão e misericórdia. “A misericórdia não apenas sente compaixão, mas se move além do sentimento para a ‘bondade intencional’. Os misericordiosos veem pessoas que estão feridas e tomam passos intencionais para amar essas pessoas e curar suas dores, ainda que isso implique que elas mesmas entrem em sofrimento.”⁵⁹ Praticar a misericórdia trouxe custos para o samaritano e custou a Jesus a própria vida. É difícil pensar que nós passaremos ilesos ao praticá-la.

Deus nos concede a graça ao remover nosso pecado, mas ele não nos abandona em nossa dor. Os cidadãos do seu reino devem fazer o mesmo: perdoar e ser perdoado, demonstrar e receber misericórdia sempre andam juntos. Amamos porque ele nos amou primeiro.⁶⁰ Não importa quantas vezes as pessoas pecaram contra nós e nem qual é o caráter delas, pois os cristãos devem continuar perdoando. E o perdão, assim como a misericórdia, não é barato. Mas Jesus nos diz que há recompensa: seremos felizes e obteremos misericórdia.

Na cruz, vemos justiça e misericórdia juntas, quando Deus escolheu absorver o débito do pecado que lhe devíamos. Por meio do evangelho, gozamos o perdão dos pecados, não porque Deus colocou os nossos pecados de lado, e sim porque os absorveu ao custo de seu próprio Filho. Esta é a única maneira pela qual Deus pode mostrar a misericórdia de perdão aos pecadores. E permite que ele seja ‘justo e o justificador daquele que tem fé em Jesus’ (Romanos 3.26).⁶¹

⁵⁸ GRAHAM, *O Segredo da Felicidade*, p. 77.

⁵⁹ GLENN, *Crucificando a moralidade*, p. 83.

⁶⁰ STOTT, *Contracultura cristã*.

⁶¹ GLENN, *Op. Cit.*, p. 87.

Os que conhecem a misericórdia de Deus devem, necessariamente, viver vidas marcadas pela misericórdia também.⁶²

O conselheiro que se coloca em uma posição de “sujeito suposto saber” não entendeu o princípio da misericórdia. Esse conceito, descrito por Freud, fala de uma relação de transferência: “ilusão fundamental, estrutural, de que seu saber - o saber do inconsciente - já está todo constituído no psicanalista.”⁶³ O psicanalista nesta posição, não se envolve com o paciente, mas cumpre apenas o papel de espelho, devolvendo ao paciente aquilo que foi projetado nele.

Jesus está dizendo que não há um “sujeito suposto saber” porque essa relação de espelho e transferência não é necessária com os cidadãos do seu reino. Todos nós, que fomos alcançados por sua misericórdia, devemos ser misericordiosos. Devemos sujar nossos pés para caminhar com os que sofrem, sentar no chão para alcançar seu desespero, entrar em seu lamaçal de pecado porque já estivemos ali e sabemos apontar para quem pode resgatá-lo. Não há lugar especial para o conselheiro! Não há a possibilidade de não se envolver.

Um dos conceitos da psicologia mais difíceis de serem colocados em prática é que o terapeuta jamais deve levar o problema do paciente para casa. Tudo deve ficar dentro do consultório e o terapeuta só deve lidar com aquelas questões quando for trabalhar novamente. É uma instrução bem confortável e bem razoável, já que alguns problemas são tão pesados que certamente irão destruir a saúde mental do terapeuta. Alguns conselheiros assumem para si esse conceito com receio de ter sua saúde mental destruída também. Se assumirmos como nossa a responsabilidade de lidar com as dores de quem aconselhamos, certamente, em bem pouco tempo, estaremos destruídos e precisando de ajuda. Porém, se entendemos que a única maneira de sermos misericordiosos é através da cruz de Cristo, sabemos que esse jugo não é nosso. Insistimos em carregar um fardo que Jesus não nos deu porque a psicologia o carrega. Não temos a solução para nenhum problema, não somos salvadores de ninguém; somos apenas instrumentos nas mãos do redentor para o louvor da sua glória!

Precisamente, porque Jesus se fez homem, andou entre nós, conheceu profundamente a nossa sujeira e habitou em nossa miséria, é que podemos nos envolver com

⁶² GAROFALO NETO, Emilio. *Eis misericórdia em sangue*. [Sermão]. Disponível em: <<http://ipsemear.org/sermao/eis-misericordia-em-sangue/>>. Acesso em: 21 out. 2020.

⁶³ MILLER, J. *Percurso de Lacan*, uma introdução. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.

os nossos irmãos e até com aqueles que não são parte do reino de Cristo. É porque lembramos quem somos e de onde viemos que não nos preocupamos em ajudar o nosso Rei em seus atos de misericórdia.

O cristão vê que recebeu demais do Criador, que é espiritualmente falido e que não pode perder tempo com a autoproteção. Só um coração que responde à graça de Deus pode produzir a verdadeira misericórdia.⁶⁴ Aqueles que desejam viver pela misericórdia de Jesus esquecem de si, de sua vergonha, de sua honra e buscam a companhia dos pecadores, uma vez que compartilham a aflição, a humilhação e a culpa dos outros. “Sentem amor irreprimível aos pobres, enfermos, miseráveis, humilhados e oprimidos, injustiçados e marginalizados, a todos que sofrem com angústia; procuram os que caíram no pecado e na culpa.”⁶⁵ Estes receberão misericórdia: Deus tirará sua desonra e lhes dará a sua própria honra.

1.8 Bem-aventurados os puros de coração

“Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus.”

Mateus 5.8

Bem-aventurados são os puros de coração — aqui a ênfase recai sobre o assunto central do Evangelho de Jesus: ele se interessa pelo estado do nosso coração. Nas escrituras, a palavra “coração” é usada para descrever o centro da personalidade e envolve o conceito emocional, intelectual e a vontade; o coração é a sede do nosso ser. Por isso, quando Jesus se refere aos puros de coração, ele está falando não só da superfície, mas do homem como um todo.⁶⁶ No cristianismo, coração e ação andam juntos, as mãos e a boca expressam o que realmente está dentro do coração. Não podemos ter ações que agradam a Deus se o nosso coração estiver corrompido, sujo; assim como não podemos ter um coração puro e ações incorretas. O tempo todo declaramos aquilo que somos no íntimo, porque não podemos ser hipócritas diante de Deus.

⁶⁴ GLENN, *Crucificando a moralidade*.

⁶⁵ BONHOEFFER, *Discipulado*, p. 96.

⁶⁶ LLOYD-JONES, *Estudos no sermão do monte*.

A pureza de coração não é natural ao homem. A partir da queda, todos nascemos com o coração imundo, coberto pelo pecado. Apenas o sangue de Jesus pode remover a impureza do nosso coração e transformá-lo em algo que agrada a Deus. Se olharmos para o Sermão do Monte como um apanhado de regras morais, tentaremos aplicá-lo por nossas próprias forças. Tentaremos agradar a Deus com o coração sujo, o que é uma mentira, uma hipocrisia; ou estaremos tentando purificar o coração pela nossa força de vontade. Só aquele que encontrou na cruz a solução que limpa o coração e recebeu de Jesus a justiça e as vestes limpas para se apresentar diante do Pai, é que pode ver a Deus.

Mais uma vez a importância da ação de Deus para uma genuína transformação de vida se manifesta: somente aquele que criou o coração do homem tem a chave para acessá-lo. É como se o nosso coração estivesse em uma caixa de vidro, escondida debaixo de vários cobertores. O que a psicologia faz com maestria é remover os cobertores, ela nos ajuda a ver o que tem dentro da caixa: chamamos isso de autoconhecimento. Ao passar por um processo de terapia, podemos entender quais são os cobertores que escondem o nosso coração, quais mecanismos usamos para escondê-lo e como podemos evitar que esses cobertores apareçam novamente. A terapia, de forma geral, expõe o que está dentro da caixa de vidro. Algumas linhas buscam cuidar do nosso comportamento externo, enquanto outras se preocupam em ir mais fundo, na raiz dos problemas, mas nenhuma delas têm a chave da caixa, nenhuma delas atua diretamente no coração. Como tudo o que a psicologia consegue fazer é ver o que está lá dentro, ela não sabe distinguir o que é sujeira do que não é, pois não conhece o padrão, não sabe como é um coração puro. Essa é a razão da nossa sociedade dizer que o importante é ter a caixa revelada, independentemente da podridão que esteja lá dentro. E se alguém não gostar do que vê, não precisa colocar nenhum cobertor por cima, é só pintar a caixa! Jesus chama essas caixas pintadas de hipócritas, que tentam esconder o coração com atitudes bonitas aos olhos dos homens. Por isso, não importa o tamanho do autoconhecimento que uma pessoa tem, não importa o quanto ela se esforce para ter comportamentos moralmente corretos, se ela não entregar sua vida a Cristo, ela levará seu autoconhecimento e comportamentos bons para o inferno. A santidade de Deus é tamanha que corações sujos jamais poderão ser levados à sua presença. Só a cruz de Cristo abre a caixa do nosso coração e somente o seu sangue pode purificá-lo e torná-lo agradável a Deus.

Isso significa que só seremos felizes quando submetermos o nosso coração à graça transformadora de Jesus que pode deixar o nosso coração puro. Não adianta tentarmos

mudar o ambiente em que vivemos, ou o nosso *mindset*, ou ajustar as nossas motivações, tendo em vista que é o próprio Criador que nos diz que esse milagre só pode ser operado pela sua ação! A Bíblia diz: “Darei a vocês um coração novo e porei um espírito novo em vocês; tirarei de vocês o coração de pedra e lhes darei um coração de carne. ” (Ezequiel 36.26).⁶⁷

O processo de conversão é doloroso, mas libertador porque a caixa é aberta e toda a sujeira é revelada, mas a graça é tão grande que imediatamente o sangue de Cristo é derramado ali dentro e, como um solvente instantâneo, purifica o nosso coração. Logo depois, o Espírito Santo preenche completamente a caixa, deixando nosso coração imerso nesse amor imenso do qual não somos dignos. “Podemos dizer que ser limpo de coração aponta para o fato que somos donos de um amor não dividido, considerando Deus o nosso maior bem, um amor que só se preocupa em valorizar ao Senhor.”⁶⁸ Quem tem o coração limpo vive para a glória de Deus em todos os aspectos da vida e deseja conhecê-lo, amá-lo e servi-lo; e assim poderá então ver a Deus.

Os que fazem parte do reino de Deus são esses que vivem com a caixa aberta. Se depois da conversão nós nos mantivéssemos cheios do Espírito, certamente viveríamos em perfeita paz, mas o que acontece é que, aos poucos, vamos deixando a caixa se esvaziar e quando o pecado vem sobre nós, ele atinge diretamente o coração. Se o cristão não tomar cuidado, o mundo, a carne e o Diabo irão contaminar esse coração de maneira tal que o seu estado pode se tornar pior do que estava antes. Por isso, quando o cristão tem o seu coração exposto, ele recebe a responsabilidade de mantê-lo cheio do Espírito e de se afastar do pecado. Ivênio dos Santos diz que os puros de coração são aqueles que mantêm a guarda contínua em seus corações impedindo o domínio do fazer sobre o ser. As suas motivações (o ser) são compatíveis com as suas ações (o fazer).⁶⁹

Quem é puro de coração é sincero em todos os seus relacionamentos: com Deus e com as outras pessoas. Não há hipocrisia, não há mentiras, o íntimo do seu coração é limpo, incluindo seus pensamentos e motivações.⁷⁰ É um coração onde reina a vontade de Jesus, não a consciência do pecador. Este vive em arrependimento e renuncia ao próprio bem e ao

⁶⁷ GRAHAM, *O Segredo da Felicidade*.

⁶⁸ LLOYD-JONES, *Estudos no sermão do monte*, p. 156.

⁶⁹ SANTOS, *Alma nua*, p. 167.

⁷⁰ STOTT, *Contracultura cristã*.

próprio mal. É um coração livre de imagens impuras, que não oscila em seus desejos e intenções, que está totalmente voltado para a contemplação de Deus.⁷¹

O resultado de um coração puro é uma vida pura e não o contrário, como muitos têm tentado. Se tentarmos mudar a ordem das coisas, veremos uma moral vazia sendo elevada para então cair bruscamente. Daí surgem corações fracos e desiludidos. Billy Graham diz que devemos encarar a pureza no seu significado total: a completa harmonia com a santidade de Deus.⁷² Se é completo, a pureza de coração vai incluir a limpeza física e também dos pensamentos — Deus nos exorta a ser puros no corpo, nos desejos e na conduta. Ele não diferencia aquele que comete adultério daquele que deseja a mulher com intenção impura, nem o que comete homicídio do que se ira contra o irmão sem motivo. Precisamos cuidar dos pensamentos pecaminosos, das conversas sujas e imorais e da mentira. Também devemos ser verdadeiros nos negócios que fazemos, além de honestos e íntegros no trato com as pessoas.

A honestidade que o Evangelho gera em nós nos leva à segurança. O único que conhece toda a minha impureza me aceitou e a cobriu. A opinião de ninguém mais pode prejudicar a minha existência. Podemos admitir os nossos fracassos sem temer a rejeição.

As pessoas puras de coração têm a liberdade de serem brutalmente honestas com os outros a respeito de si mesmas — abertas, honestas e transparentes a respeito de quão profunda ainda é sua necessidade e a respeito de quanta purificação ainda precisam. Em público e em particular, diante de Deus e das outras pessoas, os puros de coração são honestos. Eles são os mesmos tanto no quarto de oração como na sala de visitas. Isto é pureza de coração.⁷³

O aconselhamento bíblico não funciona para quem ainda está com a caixa do coração fechada porque ele fala de um padrão perfeito, que não pode ser alcançado por quem ainda não teve o coração purificado. Mas o aconselhamento também encontra diversas dificuldades diante de quem já está com a caixa aberta. Muitos conselheiros têm grande dificuldade de remover os cobertores sobre a caixa, quando não têm habilidade para ouvir, não sabem como fugir das perguntas superficiais, não conseguem lidar com traumas que foram tão doloridos que fazem com que a pessoa coloque um cobertor pesadíssimo sobre o coração, porque mexer ali dói demais, não conseguem encontrar o caminho sequer para ver o coração. Nós lidamos com seres humanos incrivelmente complexos, lidamos com um coração enganoso

⁷¹ BONHOEFFER, *Discipulado*.

⁷² GRAHAM, *O Segredo da Felicidade*.

⁷³ GLENN, *Crucificando a moralidade*, p. 102.

que faz de tudo para esconder os seus pecados e, por isso, precisamos aprimorar as nossas habilidades para ajudar os nossos irmãos. A psicologia tem boas ferramentas para nos ajudar a ver o coração, ela pode nos ensinar muitas coisas e até pode ajudar o conselheiro que não sabe cuidar dos cobertores. Contudo, se ela encontra uma caixa aberta e um coração exposto que não está preenchido pelo Espírito Santo, ela não vai saber conduzi-lo à perfeição proposta pela palavra de Deus, não vai saber que a sujeira ali é resultado do pecado e por isso jamais vai incentivar a limpeza. O conselheiro bíblico precisa ter muito cuidado, sabedoria e discernimento na hora de pedir ajuda à psicologia.

Todas as bem-aventuranças fazem parte da identidade do conselheiro e do aconselhado, mas a pureza de coração é tão essencial quanto difícil para o conselheiro. Somos tentados a deixar nossos pecados escondidos, dizemos que estamos tratando-os diante de Deus. Escondemos nossas lutas e somos vistos como hipócritas quando qualquer falha nossa é exposta. Precisamos nos lembrar que somos todos irmãos em Cristo e não há absolutamente ninguém em nosso meio que seja superior. Nós não somos modelo de santidade, nossa função é apontar para Cristo como o único capaz de vencer o pecado; mas nós precisamos ser modelos no processo de santificação: pessoas que diariamente procuram se encher do Espírito, meditam na Palavra de Deus e têm uma vida de oração. Precisamos mostrar que nossos pecados inevitavelmente irão nos contaminar, mas sabemos onde essa sujeira pode ser removida. A relação do conselheiro com o aconselhado deve ser um caminhar junto, estando os dois na dependência de Cristo. O puro de coração não se preocupa em parecer bem, mas parecer menos pecador. Ele sabe que Jesus conhece aqueles seus pecados e morreu na cruz por eles. A opinião dos outros não importa quando a de Deus importa.

“Os puros de coração veem a Deus e sabem quão infinitamente puro ele é; por isso, eles o contemplam em sua beleza e anseiam vê-lo com maior clareza, para sempre.”⁷⁴ A maior felicidade do puro de coração é a essa sublime relação com Deus: “porque verão a Deus”. O segredo da felicidade é Deus! O segredo de se ver e conhecer a Deus é o coração puro, e coração puro só pode vir das mãos de Deus! Aquele que tem o coração puro é feliz, independentemente das circunstâncias!⁷⁵

⁷⁴ GLENN, *Crucificando a moralidade*, p. 106.

⁷⁵ GRAHAM, *O Segredo da Felicidade*.

1.9 Bem-aventurados os pacificadores

“Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus. ”

Mateus 5.9

Existe uma espécie de progressão nas bem-aventuranças: a conversão nos faz pobres de espírito, nos leva a chorar pelo pecado, nos torna mansos e humildes na relação com Deus e com as outras pessoas, nos faz ansiar pela justiça de Deus, faz com que sejamos ativamente misericordiosos, purifica o nosso coração e então nos capacita a ser promotores da paz que recebemos. O chamado a promover a paz só existe porque nós recebemos essa paz.

É fundamental entender o significado da palavra pacificador no contexto que Jesus a coloca. Ele está falando sobre as pessoas que fazem parte do seu reino, sobre aqueles que já receberam um novo coração e já são novas criaturas, portanto, ele está falando sobre as pessoas que já receberam e desfrutaram da sua paz, o *shalom*. A palavra hebraica *shalom* traz a ideia de totalidade, de bem-estar geral, de paz com Deus e com os homens. A paz de Deus é muito mais do que a ausência de contendas, ela abrange todo o indivíduo. O pacificador não é alguém que recebeu a paz e permanece passivo, mas aquele que age buscando a paz em sua plenitude e em todos os lugares por onde passa.

A humanidade busca a paz desesperadamente, mas, quanto mais o tempo passa, melhor percebemos que este é um esforço vão, pois não podemos produzir qualquer coisa sem matéria-prima. “Não poderá haver paz real no mundo enquanto não estivermos em paz com Deus.”⁷⁶ No momento da queda, a humanidade perdeu a paz e se tornou inimiga de Deus, passando a viver em rebelião. Ao perder o contato com a única fonte de paz existente, qualquer tentativa de restaurá-la se torna inútil. Cristo veio, viveu sem pecado e morreu na cruz para satisfazer a justiça de Deus e, assim, se fez justiça por nós e restaurou a nossa paz com Deus. Quando Deus reconciliou consigo o mundo, ele nos deu o ministério da reconciliação.⁷⁷ Por isso, o cristão é o único capaz de mostrar ao mundo o que é a verdadeira paz, porque conhece o Príncipe da Paz.

⁷⁶ GRAHAM, *O Segredo da Felicidade*, p. 99.

⁷⁷ GLENN, *Crucificando a moralidade*.

Essa bem-aventurança seria impossível de ser explicada se Jesus não tivesse vivido entre nós, porque temos muita dificuldade de diferenciar pacifismo de covardia, de falta de vontade de agir. Jesus foi pacificador, mas jamais covarde. Um pacificador não é o tipo de pessoa que é despreocupada, que não se importa com o que os outros fazem, desde que isso não o afete diretamente. Nem é sempre tolerante (o tipo que quer “paz a qualquer preço”) ou apaziguador, porque isso não contribui para a paz, apenas adia o conflito. O verdadeiro pacificador não tem medo de causar confusão, porque ele está disposto a fazer tudo o que for preciso para instaurar a paz e mantê-la entre os homens, entre as nações e, acima de tudo, a paz do homem com Deus.⁷⁸

O pacificador busca a paz e reflete o caráter reconciliador de Cristo. Foi Cristo quem nos mostrou que a paz tem um preço e nós só podemos tê-la porque esta custou-lhe a vida. John Stott diz que nós temos que entender que promover a paz também poderá nos custar alguma coisa. Teremos que lidar com a nossa dor, com a ingratidão, com o fracasso, com os nossos preconceitos e com a falta de empatia diante de pontos de vista divergentes. Mas nada disso pode nos impedir de promover a paz em todos os âmbitos da nossa vida e sociedade.⁷⁹

O pacificador é alguém que já esqueceu completamente de si, que não se coloca em uma postura defensiva, que não fica pensando nos efeitos que as suas atitudes podem ter sobre a sua vida. Aquele que pensa em si tem a principal razão para a guerra e para a discórdia, já o que pensa no outro tem a chave da paz em suas mãos. O pacificador “procura, de todas as maneiras possíveis, promover a reconciliação entre pessoas que estão separadas, estando sempre pronto a consertar o que esteja errado em relações pessoais, tanto de si mesmo, como de terceiros.”⁸⁰ Ele renuncia à violência e à rebelião e conserva a paz, mesmo quando o outro a rompe. Ele renuncia à autoafirmação e suporta o silêncio, o ódio e a injustiça. Ele carrega a cruz de Jesus, porque na cruz se fez a paz.⁸¹ Ele busca a glória de Deus em todas as situações e está disposto a desgastar a própria vida por ela.⁸²

Só podemos ser pacificadores porque fomos feitos puros de coração, já que a honestidade é uma das características daquele que é pacificador. Se houver um problema, ele admite. O profeta Ezequiel advertiu contra aqueles que agem como se tudo estivesse bem

⁷⁸ LLOYD-JONES, *Estudos no sermão do monte*.

⁷⁹ STOTT, *Contracultura cristã*.

⁸⁰ SANTOS, *Alma nua*, p. 153.

⁸¹ BONHOEFFER, *Discipulado*.

⁸² LLOYD-JONES, *Op. Cit.*

quando não está, que dizem “‘Paz’ quando não há paz” (Ezequiel 13.10). Jeremias, usando uma frase semelhante, expressou de maneira memorável: “Eles tratam da ferida do meu povo como se não fosse grave. “‘Paz, paz’, dizem, quando não há paz alguma.” (Jeremias 6.14). O pacificador não faz isso. Ele é dolorosamente honesto sobre o verdadeiro status dos relacionamentos no mundo, na sociedade e em suas próprias relações pessoais. Ele admite relacionamentos fracassados. Ele admite que está em desacordo com os outros, se assim for. Ele reconhece honestamente a tensão se os outros têm algo contra ele. Ele não finge. Ele se recusa a dizer: “Paz, paz!” quando não há paz.⁸³

O pacificador também é um lutador; ele promove a paz. A Palavra de Deus ordena tal pacificação, dizendo-nos para fazer “todo o esforço para conservar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz.” (Efésios 4. 3) e para nos esforçar “em promover tudo quanto conduz à paz e à edificação mútua.” (Romanos 14.19). “Façam todo o possível para viver em paz com todos.” (Romanos 12.18). Ser um lutador não significa ser impetuoso ou belicoso. Em vez disso, sua personalidade deve estar impregnada da paz de Deus. Ele é gentil, manso, cheio de misericórdia. Seu ego está sob controle porque a única glória que ele busca é a de Deus.⁸⁴

O conselheiro é um pacificador por natureza de trabalho. Ele é chamado a promover a paz com Deus e entre os irmãos, para que estes estejam funcionais, aptos para abençoar outros. Billy Graham diz que a vida cristã que não se exterioriza é vã.⁸⁵ A fé só é útil e proveitosa quando tem aplicação na vida de outras pessoas. O cristianismo nos livra do egoísmo e nos leva ao altruísmo. Deus quer que sejamos canais dessa paz.

Podemos agir como pacificadores em muitos setores da nossa vida. O primeiro deles é o lar, tendo em vista que o segredo da felicidade no casamento é deixar que Deus ocupe o lugar que lhe é de direito. Também podemos ser pacificadores na nossa comunidade, porque o fruto da natureza humana é a discórdia, a briga, mas o fruto do Espírito cobre qualquer desavença. Podemos ser pacificadores em nossa igreja, evitando perder Jesus de vista no trabalho do Senhor. No trabalho também há lugar para o pacificador, uma vez que patrões e empregados podem ser muito abençoados com a paz. Também devemos ser pacificadores no cenário internacional e, se temos influência, devemos buscar promover a paz também com as

⁸³ O'DONNELL, Douglas Sean. *Matthew: all authority in heaven and on Earth*. Illinois: Crossway, 2013.

⁸⁴ *ibid.*

⁸⁵ GRAHAM, *O Segredo da Felicidade*.

outras nações. A única forma de estabelecer a paz no mundo é levando as pessoas, individualmente, a conhecerem a paz de Deus.⁸⁶

Não podemos enfatizar demais a natureza radical do chamado para sermos pacificadores. A pacificação, conforme recomendado por Jesus, não é uma qualidade humana natural. Está acima da natureza humana; é impossível. A mudança interior, associada à dependência do Espírito, é o que torna um pacificador, e o benefício é sublime: “Eles serão chamados filhos de Deus”. Eles têm paternidade divina, uma herança do alto. O pacificador participa do caráter de Deus. Ele é como Deus na maneira como vive. Não é de admirar que Deus diga que estes, de fato, são felizes. “Vejam como é grande o amor que o Pai nos concedeu: que fôssemos chamados filhos de Deus, o que de fato somos!” (1 João 3.1)

1.10 Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça

“Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, pois deles é o Reino dos céus.

Bem-aventurados serão vocês quando, por minha causa os insultarem, perseguirem e levantarem todo tipo de calúnia contra vocês. Alegrem-se e regozijem-se, porque grande é a recompensa de vocês nos céus, pois da mesma forma perseguiram os profetas que viveram antes de vocês.”

Mateus 5.10-12

Jesus diz que o cristão verdadeiro, que procura ser como o seu mestre, que se esforça no caminho da santificação e vive bem-aventurado, será perseguido. Aquele que se parece com Jesus será tratado da mesma maneira que ele foi tratado: com injustiças, riso e desprezo, porque o reino de Deus e o mundo têm valores irreconciliáveis, mas, diferente do que o mundo poderia imaginar, este também é bem-aventurado.

Bem-aventurados são os justos, aqueles que praticam a justiça, que se parecem com Cristo, e não as pessoas difíceis de tratar ou extremamente zelosas. Jesus foi o homem mais gentil e bondoso que já existiu e foi perseguido até a morte de cruz. Isso não aconteceu por conta da sua nobreza de caráter, mas porque ele era diferente e havia algo nele que fazia com

⁸⁶ GRAHAM, *O Segredo da Felicidade*.

que os fariseus e mestres da lei se sentissem condenados, pois a sua retidão parecia mesquinha diante de Jesus.⁸⁷

Os perseguidos por causa da justiça são aqueles que se posicionam diante da injustiça, diante do desvirtuamento da pessoa de Jesus e diante do engano, da mentira e da falsidade.⁸⁸ Jesus fala da perseguição física, com armas e da perseguição da língua, quando o cristão sofre injúria e maledicência. A palavra *oneididzo* significa jogar algo na cara de alguém, maltratar com palavras vis, cruéis e escarnecedoras.⁸⁹ O genuíno cristão é chamado a testemunhar do amor e da santidade de Jesus; ele se compromete com a sua fé e assume as implicações desse posicionamento.

Billy Graham diz que a retidão de Cristo é tão revolucionária e contradiz de tal forma a maneira comum de viver aqui que imediatamente atrai a inimizade do mundo.⁹⁰ Por isso, os cristãos muitas vezes são recebidos com mostras de ironia e estranheza, pois a pátria deles está nos céus. O mundo é uma terra estranha para eles, que são apenas peregrinos e forasteiros. “Os que seguem Jesus na renúncia a bens, felicidade, direito, justiça, honra e poder se distinguirão do mundo no modo de julgar e agir; serão, por isso, hóspedes indesejáveis.”⁹¹ Ele serão rejeitados, insultados, mortos e caluniados e dessa forma confirmarão que são bem-aventurados por terem comunhão com o seu mestre.

O mundo, a carne, e o Diabo são nossos inimigos. E, em tempo de guerra, não podemos esperar boa vontade da parte das forças inimigas. Ainda que nossas armas não sejam terrenas, as do inimigo o são e devemos esperar que Satanás use de todos os instrumentos a seu comando para nos perseguir e destruir. Serão, certamente, cometidas inúmeras atrocidades de guerra. E os que vivem piedosamente em Cristo sofrerão perseguições.⁹²

Robert Glenn afirma que seremos perseguidos pelos moralistas e pelos relativistas. O primeiro questionará o fato da nossa justiça vir exclusivamente de Cristo, enquanto o segundo verá que o nosso crescimento na justiça de Cristo põe em destaque a falta de justiça deles. “O que torna os cristãos tão desagradáveis aos não cristãos, religiosos ou não, é a graça de Deus no centro de suas vidas. Os relativistas julgam os cristãos irritantemente felizes em obedecer

⁸⁷ LLOYD-JONES, *Estudos no sermão do monte*.

⁸⁸ SANTOS, *Alma nua*.

⁸⁹ LOPES, *Mateus*.

⁹⁰ GRAHAM, *O Segredo da Felicidade*.

⁹¹ BONHOEFFER, *Discipulado*, p. 98.

⁹² GRAHAM, *Op. Cit.*, p. 116.

a Deus, e as pessoas religiosas acham os cristãos irritantemente depreciadores de suas próprias realizações morais.”⁹³

É importante notar a diferença entre ser perseguido por causa da justiça e ser perseguido por más ações. Jesus não fala dos perseguidos por causa da estupidez e da tolice. A justiça de Jesus ofende e, quando nos parecemos com ele, inevitavelmente iremos ofender a algumas pessoas. Mas, quando ofendemos às pessoas por conta da nossa insensatez, o Evangelho que pregamos não obtém nenhum crédito.

Martyn Lloyd-Jones diz que o crente tem três características que o definem: ele é essencialmente diferente do mundo, sua vida é controlada por Jesus e sabe que seus pensamentos devem sempre estar no mundo vindouro. Se o cristão vive buscando a aprovação do mundo, se quer ser louvado pelos incrédulos, ele não está buscando a verdadeira justiça. Jesus adverte que a popularidade e a adulação são mais perigosas do que a perseguição: quando as coisas estão indo muito bem, perdemos o rumo e a perspectiva do céu e nos voltamos para os nossos corações. “Nunca louvaram a nosso Senhor, e de modo algum louvarão a quem se assemelhe a Ele. ‘Ai de vós, quando todos vos louvarem!’ Não obstante, louvavam aos falsos profetas; mas nunca elogiavam ao próprio Cristo.”⁹⁴ Portanto, apenas alguém nascido de novo, verdadeiramente transformado, poderá chamado justo diante de Deus, procurará apenas o seu elogio e, por isso, será perseguido pelo mundo.

Agostinho diz que se a nossa paz com Deus estiver consolidada, quaisquer perseguições não farão nada além de aumentar a glória de Deus⁹⁵, por isso Jesus nos incentiva a suportar a perseguição com júbilo, não com murmuração. Ele nos diz que devemos exultar, primeiro porque é grande o nosso galardão nos céus e também porque esse é um sinal genuíno da autenticidade cristã. O cristão é chamado a servir o mundo que o persegue.⁹⁶

O nosso galardão e a nossa recompensa é o próprio Senhor Jesus:

Iremos conhecer mais a Jesus, ver mais a Jesus, amar mais a Jesus, adorar mais a Jesus, ser mais semelhante a Jesus, servir mais a Jesus, gozar de Jesus e de todos os seus benefícios, por toda a eternidade, cada vez mais – Jesus é o galardão prometido aos perseguidos. E, se ele é o galardão, então, faz sentido incentivar nossa perseguição por causa de Jesus com a recompensa do próprio Jesus.⁹⁷

⁹³ GLENN, *Crucificando a moralidade*, p. 125.

⁹⁴ LLOYD-JONES, *Estudos no sermão do monte*, p. 192.

⁹⁵ AGOSTINHO, *Patrística - O Sermão da Montanha e Escritos Sobre a Fé*.

⁹⁶ STOTT, *Contracultura cristã*.

⁹⁷ GLENN, *Op. Cit.*, p. 129.

Depois da bem-aventurança, Jesus dá um mandamento: regozijai-vos e exultai! Esta é uma das características mais marcantes da vida cristã: em meio aos mais profundos sofrimentos possíveis, podemos nos alegrar e exultar porque nossa vida não está arraigada nas circunstâncias, mas no relacionamento com o Senhor Jesus, que nunca pode mudar.⁹⁸

O presente capítulo se dedicou a demonstrar como as bem-aventuranças explicam a construção do caráter do cristão e como essa descrição pode ser aplicada no aconselhamento bíblico para transformar os relacionamentos. A maneira pela qual Jesus descreve os seus é leve e traz consigo a recompensa por ser assim. Seremos verdadeiramente felizes, abençoados quando vivermos como legítimos cidadãos do Reino que já está entre nós. O estudo aprofundado das bem-aventuranças é essencial ao conselheiro bíblico porque elas mostram o padrão exigido por Deus e servem como regra para o ajuste do caráter do aconselhado.

As oito características apresentadas nas bem-aventuranças já seriam suficientes para todas as situações que enfrentamos, mas o nosso bondoso Deus disse mais no mesmo sermão, e nos deu exemplos que nos ensinam a viver em sociedade, e a nos relacionar com o Deus vivo.

⁹⁸ GLENN, *Crucificando a moralidade*.

2 INSTRUÇÕES ACERCA DO RELACIONAMENTO DO CRISTÃO COM DEUS

Depois de descrever as bem-aventuranças como as características adquiridas por aqueles que agora são cidadãos dos céus, Jesus continua o sermão explicando como os seus súditos devem se relacionar enquanto o reino não chega em sua plenitude. Temos o hábito de pensar que primeiro precisamos cuidar do nosso relacionamento com o nosso “eu”, no sentido de autocuidado, autoconhecimento e até autoestima, antes de pensarmos em qualquer outro relacionamento. No reino de Cristo não é assim, porque nós não estamos mais no centro das atenções. O que diferencia o aconselhamento bíblico de qualquer outro tipo de “terapia” é o foco: tudo em nossa existência fala a respeito de Deus, o coloca em primeiro lugar. Sendo assim, só poderemos nos relacionar com o nosso “eu” depois que soubermos nos relacionar com o nosso Criador.

Por sua infinita misericórdia, Deus mostrou que as suas criaturas têm livre acesso ao seu trono através de Cristo e ele mesmo fala a respeito delas no Sermão do Monte. As chamadas disciplinas espirituais (leitura bíblica, oração e jejum) são a maneira pela qual falamos com Deus e ele fala conosco. Para esse acesso, também é importante a santificação, pois Deus é santíssimo e nós precisamos nos esforçar para segui-lo. Jesus também ressalta a importância do temor bem direcionado, visto que, se queremos ser verdadeiramente felizes, devemos temer a Deus e não aos homens. A prática do aconselhamento bíblico deve estar intimamente atrelada a esses princípios

Uma pessoa que se converte é uma nova criatura que ganhou um coração regenerado, limpo, e passou a fazer parte do reino de Cristo. Podemos compará-la a uma pessoa que ganha uma nova cidadania e vai viver em seu novo país, pois ela pode se virar por algum tempo sem saber a língua falada ali, mas se quiser viver nesse país, inevitavelmente terá que aprender o idioma. O mesmo acontece com o cristão ao se tornar súdito de Cristo, porque ele precisa aprender a se comunicar para ter autonomia.

Aprender o idioma do reino de Deus não é difícil. É um aprendizado como o da criança ao ser alfabetizada, que acontece naturalmente a partir do convívio, ensino, incentivo e treino. O convívio, o ensino e o incentivo são parte do compromisso da igreja com o novo convertido, pois ele deve ser discipulado, ensinado em pregações e estudos bíblicos, e incentivado na prática da comunhão. Já o treino é individual e ninguém pode fazer por ele. Como a criança que participa das atividades escolares, ela pode até aprender alguma coisa

durante as aulas, mas, se não estudar, se não praticar, ela não irá passar nas provas e nunca sairá do primeiro ano. A prática individual para aprender o idioma do reino de Deus se dá através do exercício das disciplinas espirituais: leitura bíblica, oração e jejum.

Alguns cristãos escolheram não criar o hábito da prática, enquanto outros estão enfrentando grandes dificuldades para sobreviver no reino porque não aprenderam nada além de algumas poucas frases feitas. Quem tenta viver em um país diferente dizendo apenas “obrigado”, “por favor” e “quanto custa” jamais vai progredir ali. No Sermão do Monte, Jesus nos incentiva a cuidar uns dos outros, a estudar com afinco e a praticar os exercícios que nos farão amadurecer e nos tornarão hábeis na comunicação com ele. As chamadas disciplinas espirituais são a parte prática, o treino, o exercício diário para o aprendizado do idioma do reino.

2.1 Disciplinas espirituais

As disciplinas espirituais são meios de graça que Deus disponibiliza para que crescamos em conformidade com a sua santidade. Não existem atalhos, pois apenas aqueles que se esforçam e exercitam o espírito é que amadurecem na fé e no amor a Deus. Não podemos ser discípulos de Jesus se não praticarmos com diligência a leitura da Bíblia, oração e jejum (muito negligenciado em nossos dias). Jesus nos mostra que no exercício das disciplinas espirituais há uma relação de Rei e súdito, mas também há uma relação de Pai e filho, onde a graça e o amor de Deus transbordam.

2.1.1 Leitura Bíblica

“Não pensem que vim abolir a Lei ou os Profetas; não vim abolir, mas cumprir. Digo-lhes a verdade: Enquanto existirem céus e terra, de forma alguma desaparecerá da Lei a menor letra ou o menor traço, até que tudo se cumpra. Todo aquele que desobedecer a um desses mandamentos, ainda que dos menores, e ensinar os outros a fazerem o mesmo, será chamado menor no Reino dos céus; mas todo aquele que praticar e ensinar estes mandamentos será chamado grande no Reino dos céus. Pois eu lhes digo que se a justiça de vocês

não for muito superior à dos fariseus e mestres da lei, de modo nenhum entrarão no Reino dos céus.”
Mateus 5.17-20

Deus decidiu se revelar à humanidade para que conhecêssemos a verdade. Isso se dá através da revelação geral e da revelação especial. A revelação geral está disponível ao mundo todo: ao observar a natureza, qualquer ser humano pode perceber a existência de Deus. A consciência do homem, sua noção de certo ou errado, também fazem parte da revelação geral (Romanos 1.19-20). A revelação especial mostra o plano de Deus para a redenção, porque nos fala da encarnação, da cruz e da ressurreição. Essa revelação acha-se primariamente na Escritura Sagrada.

Os cidadãos do reino de Deus recebem o privilégio de entender esta palavra através do Espírito Santo que neles habita, e recebem a incumbência de gravar estas palavras em seu coração. O *shemá*, repetido pelos judeus, se refere a esta ordem de Moisés: “Ouça, ó Israel: O Senhor, o nosso Deus, é o único Senhor. Ame o Senhor, o seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todas as suas forças. Que todas estas palavras que hoje lhe ordeno estejam em seu coração. Ensine-as com persistência a seus filhos. Converse sobre elas quando estiver sentado em casa, quando estiver andando pelo caminho, quando se deitar e quando se levantar. Amarre-as como um sinal nos braços e prenda-as na testa. Escreva-as nos batentes das portas de sua casa e em seus portões. ” (Deuteronômio 6.4-9) Os imperativos apontam para a necessidade de viver em constante contato com a Palavra de Deus. Os judeus transformaram essas ordenanças em atitudes literais, com o *mezuzá* na porta, e *tefilin* ou filactério nos braços. O nosso coração enganoso procura práticas ritualísticas para não se envolver e essa religiosidade pode esconder os nossos pecados. Mas o cristão que zomba dessa literalidade não entendeu que é mais fácil depreciar essas práticas do que imitar a devoção que elas expressam. Por isso, o primeiro mandamento expresso nesse trecho é “ame”! O amor é o que transforma a obediência por legalismo em expressão de compromisso pessoal.

Moisés instruiu ao povo que, depois da sua morte, quando eles entrassem na terra prometida, a Lei deveria ser lida anualmente para todos os homens durante a festa das cabanas, e a cada 7 anos para toda a nação: homens, mulheres, crianças e estrangeiros que houvessem no meio deles, para que aprendessem a temer o Senhor e seguissem fielmente

todas as palavras da Lei (Deuteronômio 31.11-13). Já ao rei, a instrução era outra: ele deveria ter sempre consigo uma cópia da Lei e deveria lê-la todos os dias da sua vida, para que aprendesse a temer o Senhor e a cumprir fielmente todas as palavras da Lei. Isso o preveniria de se considerar superior aos seus irmãos israelitas e o faria não se desviar nem para a direita, nem para a esquerda. (Deuteronômio 17.18-20) Moisés nos mostra que a leitura diária da Palavra de Deus é o antídoto contra o orgulho e o pecado.

Naquele tempo, a cópia da Lei era privilégio dos reis e o povo aprendia pela tradição oral. Eles repetiam as palavras que ouviam com frequência e assim viviam e ensinavam aos seus filhos. Hoje temos o privilégio do Santo Espírito vivendo em nossos corações, nos ajudando a lembrar das palavras que lemos e pregando ao nosso coração. Temos também a dádiva do acesso irrestrito à Bíblia em suas mais diversas traduções, com incontáveis comentários, textos devocionais, além de pastores e irmãos ensinando na internet a respeito de qualquer assunto que tenhamos dúvida. O que o cristão moderno tem vai muito além do que o povo de Israel teve ao entrar na terra prometida, mas são pouquíssimos os que cumprem o que Deus exigiu no *shemá*.

No Sermão do Monte, Jesus diz que veio ao mundo para cumprir a lei: o verbo *plērōsai* significa literalmente “encher”. Portanto, Jesus trouxe a plenitude à lei, pois o seu propósito era revelar toda a profundidade que ela poderia conter e chamar os seus à obediência. “O apóstolo Paulo ensinou esta mesma verdade com muita clareza. Sua declaração de que Cristo é ‘o fim da lei’, não significa que agora estamos livres para desobedecê-la, mas justamente o oposto. Significa, antes, que a aceitação de Deus não é através da obediência à lei, mas através da fé em Cristo, e a própria lei dá testemunho destas boas novas.”¹ Jesus diz que a justiça daqueles que o seguem deve exceder a dos fariseus e John Stott explica que não deve exceder em grau, mas em espécie: a justiça do cristão é mais profunda, porque é uma justiça do coração. Ao invés de pedir mais obediência, Jesus pede uma obediência mais profunda. Essa justiça do coração só é possível naqueles em quem o Espírito Santo operou sua obra regeneradora; e é evidência do novo nascimento. Por isso, ninguém entra no Reino sem ter nascido de novo.²

“Essas não são palavras inúteis. São a sua vida. Por meio dela vocês viverão. ” (Deuteronômio 32.47a) Não existe nenhuma maneira do cristão sobreviver neste mundo de

¹ STOTT, *Contracultura cristã*, p. 36.

² *ibid.*

dores se não for em constante contato com a palavra de Deus. Já foi dito que elas eram o alimento de Cristo e que aquele que tem fome e sede de justiça precisa dela. Mas é preciso ressaltar que o contato com a palavra não é apenas uma leitura mecânica diária, para cumprir metas e encher o coração de orgulho por ter lido a Bíblia inteira. Deus nos instrui a ler a Bíblia buscando conhecê-lo, entendendo seus mandamentos, para ter intimidade com ele. Deus não quer meros repetidores das suas palavras. “Sabemos que o conhecemos, se obedecemos aos seus mandamentos. Aquele que diz: ‘Eu o conheço’, mas não obedece aos seus mandamentos, é mentiroso, e a verdade não está nele. Mas, se alguém obedece à sua palavra, nele verdadeiramente o amor de Deus está aperfeiçoado. Desta forma sabemos que estamos nele: aquele que afirma que permanece nele, deve andar como ele andou. ” (1 João 2.3-6) Ora, como podemos obedecer aos seus mandamentos e andar como ele andou se não temos intimidade com a Palavra de Deus? Se de fato estamos nele, precisamos de leitura bíblica diária, em momento devocional e em momentos de estudo, para que sejamos todos obreiros que manejam corretamente a palavra da verdade. (2 Timóteo 2.15)

Diz Ele: “Vinde a mim”, se quiserdes a água da vida. “Vinde a mim”, se quiserdes o pão da vida. No entanto, tendemos por pensar que é de uma vez para sempre que chegamos a Cristo, e que daí por diante dispomos de um permanente suprimento. De maneira nenhuma! Trata-se de um suprimento que precisamos renovar; precisamos voltar ao Senhor para recebê-lo constantemente. Compete-nos, pois, viver em contato com Ele. ³

Assim como nós não nos alimentamos para o trabalho diário com os banquetes de Natal e de grandes festas, o cristão também não o faz a partir de grandes pregações da Palavra de Deus; nem pode se sustentar apenas com o almoço de domingo. É o “arroz com feijão” diário que nos sustenta para o trabalho debaixo do sol; é o pão que procede da boca de Deus que nos faz sobreviver nesse reino de já, mas ainda não.

2.1.2 Oração

“E quando vocês orarem, não sejam como os hipócritas. Eles gostam de ficar orando em pé nas sinagogas e nas esquinas, a fim de serem vistos pelos outros. Eu lhes asseguro que eles já receberam sua plena recompensa. Mas quando

³ LLOYD-JONES. *Estudos no sermão do monte*, p. 250.

“você orar, vá para seu quarto, feche a porta e ore a seu Pai, que está no secreto. Então seu Pai, que vê no secreto, o recompensará. E quando orarem, não fiquem sempre repetindo a mesma coisa, como fazem os pagãos. Eles pensam que por muito falarem serão ouvidos. Não sejam iguais a eles, porque o seu Pai sabe do que vocês precisam, antes mesmo de o pedirem.”

Mateus 6.5-8

Quem chora pelo pecado, chora diante de Deus. Quem é pobre em espírito se reconhece assim diante de Deus. Quem é puro de coração anseia por ver a Deus. Aqueles que são bem-aventurados só o são porque têm um relacionamento íntimo com o próprio Deus, e a oração é a maneira pela qual Deus nos permite construir essa intimidade. É sempre bom trazer à memória esta verdade: podemos conversar com o Deus criador de todas as coisas, o Deus que sustenta o universo. É um privilégio, uma dádiva, uma benção inexplicável que todo cristão já negligenciou em algum momento de sua vida.

Em toda a Bíblia encontramos incentivo para a oração e exemplos de pessoas que conversaram com Deus através dela. Facilmente nos lembramos de Davi, Salomão, Ana, Samuel, Elias, Neemias, Ezequias, e do livro dos Salmos, que é repleto de orações para os mais diversos momentos da vida. O próprio senhor Jesus Cristo orou durante todo o seu ministério! É interessante perceber que o filho do Deus vivo, aquele que é um com o Pai, orou enquanto estava neste mundo. Jesus nos mostra na prática que, se quisermos ter intimidade com Deus, precisamos orar, e que nem o cristão mais maduro na fé poderia abandonar essa prática. “Deixar de orar (...) não é simplesmente violar uma regra religiosa; é deixar de tratar Deus como Deus. É pecar contra a sua glória.”⁴

Tim Keller, em seu livro sobre oração, diz que este é um assunto sobre o qual é difícil escrever porque nos sentimos muito pequenos e impotentes diante dela, e mais difícil ainda de definir por conta de sua infinitude e imensidão. Ele apresenta algumas sugestões de definição, sem se propor a esgotar o tema: a oração é um instinto humano natural; é comunhão que alimenta; é uma jornada; ela muda as pessoas à nossa volta; ela nos ajuda a resistir, suportar; a oração muda as coisas; é um refúgio; ela nos transforma; nos une ao próprio Deus. “Oração é deslumbramento, intimidade, luta — mas também caminho para a

⁴ KELLER, Timothy. *Oração: Experimentando a intimidade com Deus*. São Paulo: Vida Nova, 2016, p. 34.

realidade. Não há nada mais importante, ou mais difícil, ou mais rico, ou mais transformador da vida. Não existe absolutamente nada tão grande quanto a oração.”⁵ Martyn Lloyd-Jones diz: “A oração é a mais elevada realização do ser humano, é a sua mais nobre atitude. Nunca o homem se mostra tão grande como quando entra em comunhão e contacto com Deus.”⁶

Não é fácil encontrar um cristão que ache fácil a prática da oração. Podemos buscar incontáveis técnicas de meditação, de contagem de tempo, de preparação de ambiente ou de leitura, mas, mesmo que apliquemos todas elas juntas, ainda assim será difícil orar. A razão dessa dificuldade é uma só: guerra espiritual. A oração é um ato tão cheio de misericórdia e glória que o inimigo usará todas as suas técnicas para nos impedir; e o pecado que habita em nosso coração irá encontrar diversas maneiras para fazê-lo.

No Sermão do Monte, Jesus fala sobre a oração em três momentos diferentes: não devemos orar para sermos vistos, devemos orar como ele nos ensina e devemos orar sempre. Ele nos mostra o quanto ela é importante para a sobrevivência do cidadão do reino. Falando de reino, podemos pensar assim: os súditos, aqueles que habitam na cidade, têm acesso irrestrito à sala do trono. A qualquer hora do dia eles podem entrar ali para pedir ao rei que supra alguma necessidade que tenha surgido durante o dia, para entender melhor alguma lei que ele ache mais difícil, para pedir por aqueles que vivem ainda no império das trevas ou para desfrutar da presença e companhia do altíssimo rei soberano. No mundo em que vivemos, essa ideia é tão absurda que só se encaixa nos contos de fadas. Tudo o que os súditos conseguem do seu rei é um aceno de longe, de tempos em tempos, com hora marcada. Só entram na sala do trono aqueles que têm um alto posto hierárquico. Os reis deste mundo não sabem quem são os seus e nem imaginam a necessidade específica de cada um. Já o nosso rei conhece e supre até as necessidades que nós nem conhecemos! Só aqueles que sabem que já vivem no reino de Deus conseguem entender o tamanho do privilégio que temos na oração.

Na sua primeira fala sobre oração no Sermão do Monte, Jesus mostra como o pecado afeta profundamente a nossa vida e nos acompanha até nas maiores elevações espirituais.⁷ Somos advertidos acerca da oração com o objetivo errado, que se concentra em quem está orando e não naquele a quem a oração está sendo dirigida. Perdemos tempo quando oramos voltados para nós mesmos, seja em público (quando fazemos longas e belas orações para

⁵ KELLER, *Oração*, p. 40.

⁶ LLOYD-JONES, *Estudos no sermão do monte*, p. 482.

⁷ *ibid.*

sermos admirados) ou em particular (quando achamos que a eficácia da nossa oração depende da maneira de orar). Deus conhece os nossos corações e sabe quando as nossas orações são feitas na sala do trono e quando são feitas no estábulo, onde colocamos vários espelhos e o nosso próprio pedestal. Nada perscruta mais o nosso interior do que as nossas próprias orações.⁸ A primeira coisa que Jesus ensina é que a oração deve ser dirigida exclusivamente ao Pai e, de maneira nenhuma, a qualquer outro homem.

Ele então passa a nos mostrar onde e como devemos orar: no quarto, de portas fechadas, sem repetição. O coração enganoso tende a levar essas palavras de forma literal e a achar que se fizer apenas isto, terá garantia de resposta, mas esquece do ensino global da Bíblia de que Deus se importa é com o estado dos nossos corações. Se a pureza de coração faz parte do caráter do cristão, logicamente a estrutura e forma pouco importam diante de Deus — isso não vai garantir a eficácia da oração. Tiago diz: “A oração de um justo é poderosa e eficaz.” (Tiago 5:16b). A eficácia da oração não está na sua forma, mas na justiça daquele que ora. Se a única maneira de sermos justos é através do sacrifício de Cristo, então a única maneira de sermos ouvidos por Deus é falando em nome de Jesus, que tira as nossas vestes imundas, nos dá vestes novas como as dele e nos dá um cartão que garante o acesso à presença do Rei. Mas Deus sabe que somos falhos e nunca saberíamos como ou o que falar diante da sua presença majestosa, então o Espírito Santo intercede por nós: “Da mesma forma o Espírito nos ajuda em nossa fraqueza, pois não sabemos como orar, mas o próprio Espírito intercede por nós com gemidos inexprimíveis.” (Romanos 8.26). Se toda a trindade está envolvida na oração para que ela nos garanta a intimidade, soa ridículo falar que a forma, as palavras ou o lugar físico da nossa oração importam. Jesus diz que o exterior não importa! As atitudes apenas externas não fazem nenhuma diferença diante da Glória de Deus! Só mesmo os homens poderiam achar que suas formas vazias lhe garantiriam algum mérito.

Orar de portas fechadas é colocar o nosso coração sozinho diante de Deus. Precisamos excluir e esquecer outras pessoas. Além disso, devemos excluir e esquecer a nós mesmos.⁹ Agostinho diz que fechar a porta é “resistir às solicitações dos sentidos corporais, para que uma oração toda espiritual se dirija ao Pai. Oração essa feita no íntimo do coração, onde em segredo rezamos ao Pai.”¹⁰ É preciso silenciar o mundo ao redor para que o nosso coração

⁸ LOPES, Hernandes Dias. *Mateus: Jesus, o rei dos reis*. São Paulo: Hagnos, *Mateus*.

⁹ LLOYD-JONES, *Estudos no sermão do monte*.

¹⁰ AGOSTINHO, *Patrística - O Sermão da Montanha e Escritos Sobre a Fé*, p. 89.

entenda que estamos na sala do trono do Deus vivo. É importante ressaltar que usar métodos e técnicas para silenciar o nosso coração não é uma atitude pecaminosa. Alguns de fato se trancam no quarto, outros colocam músicas que fazem com o que o seu coração sinta que está entrando num lugar glorioso, outros o fazem de madrugada — não há mal em nenhuma dessas práticas, desde que se saiba que elas são úteis apenas para silenciar o coração, não para garantir uma eficácia diante de Deus. Se o método utilizado fizer com que o cristão se sinta na presença de Deus e ali entenda novamente a sua pobreza de espírito, e se não houver nada de pecaminoso neste método, ele não deve ser desencorajado. O mais importante é entender que estamos nos aproximando de Deus. “Se ao menos percebêssemos que quando oramos estamos buscando admissão à presença de Deus, então tudo o mais se ajustaria nos seus devidos lugares.”¹¹

Jesus não fala da quantidade de palavras que devemos usar, ou do tempo que devemos passar em oração. Muitos cristãos, lendo a respeito dos pais da igreja, pensam que jamais poderão ser grandes no reino dos céus enquanto não passarem muitas horas diárias em oração, fechados no quarto. É difícil desfazer esta comparação porque, de fato, alguns homens foram grandes como resultado do tempo que passaram em oração. Mas essa relação não acontece pelas horas marcadas em seus *habit trackers* (ferramenta usada atualmente para controle de hábitos), e sim pela intimidade que brota do tempo útil na presença de Deus. Essa é mais uma forma que o nosso coração encontra para desvirtuar a prática da oração. Muitos cristãos passam horas sozinhos, pensando em seus problemas e dificuldades, sem jamais entrar na presença de Deus, e acabam saindo de lá se sentindo melhores, cheios de *insights* — isso é colocar em prática o conceito de “associação livre” proposto por Freud, não é fazer oração. A “associação livre” é um método utilizado na psicanálise onde o paciente se deita no divã e diz tudo o que lhe vier à mente; ao falar e se ouvir dizendo aquelas coisas, o próprio paciente chega às conclusões a respeito de determinados assuntos, sem que o analista precise ajudá-lo. O analista é apenas um facilitador. Pensar no Deus Altíssimo, Todo Poderoso, como um facilitador é desonrar a sua santidade! Ele nos chama à intimidade com ele e não com nós mesmos. Quando passamos tempo nos ouvindo e nos respondendo, saímos nos sentindo bem e ricos de espírito — não é isso que a terapia faz? —; mas, quando passamos tempo deixando Deus sondar o nosso coração, saímos nos sentindo completamente miseráveis de espírito e

¹¹ LLOYD-JONES, *Estudos no sermão do monte*, p. 492.

cheios do Espírito Santo! A diferença entre as duas sensações é imensa! Portanto, Deus não exige horas num quarto fechado, mas tempo de qualidade em intimidade. Esse tempo pode acontecer na cozinha, no trânsito, no metrô, numa caminhada ou em qualquer outro lugar onde o nosso coração possa ser silenciado e os nossos ouvidos preparados para ouvir Deus falando. Se Deus quiser nos chamar para essa conversa íntima por horas, iremos, mas jamais devemos pensar que a eficácia da oração está no tempo reservado para ela. “Charles Spurgeon diz que as orações cristãs são medidas pela sinceridade, e não pela duração.”¹²

Depois de deixarmos de lado as preocupações com tempo gasto e local correto, podemos nos concentrar nas palavras que devem ser usadas na oração. Agostinho diz que os pagãos usam palavras difíceis em abundância quando se apresentam diante de Deus, enquanto Jesus diz que devemos tratar Deus como Pai. Jesus está dizendo que somos seus irmãos e que podemos lidar com Deus como ele faz, já que fazemos uso do seu nome e da sua justiça. Nessa relação, há grande temor e reverência, mas há intimidade como a de uma criança com o seu pai. Assim, o uso de palavras rebuscadas soa até engraçado. Quando percebemos quem é Deus e qual é a nossa relação com Ele, entendemos que não precisamos nos apresentar e não precisamos de repetições: podemos ter a certeza de que Deus sabe e conhece as nossas necessidades antes que venhamos a pedir. Deus nos conhece bem, então não precisamos de uma fórmula, não precisamos pensar sobre como falar, sobre o que falar ou se devemos apresentar aquela questão a Deus.¹³ “Sem dúvida alguma, há algo de essencialmente espontâneo na verdadeira comunhão e companheirismo com o Senhor.”¹⁴

Quando Jesus diz que não devemos ficar repetindo palavras para sermos ouvidos, ele não está dizendo que não devemos reiterar nossos pedidos. Ao descrever o momento em que Jesus conta a parábola da viúva e do juiz iníquo, Lucas mostra exatamente o oposto: “Então Jesus contou aos seus discípulos uma parábola, para mostrar-lhes que eles deviam orar sempre e nunca desanimar. ” (Lucas 18.1) O próprio Cristo reitera o seu pedido três vezes diante do Pai no momento de profunda agonia no Getsêmani: “Então os deixou novamente e orou pela terceira vez, dizendo as mesmas palavras. ” (Mateus 26.44) “Deus aprecia que demonstremos a nossa intensidade, a nossa ansiedade e o nosso profundo desejo sobre qualquer coisa que Lhe estejamos pedindo.”¹⁵ Ele nos incentiva a buscar, com a insistência de

¹² LOPES, *Mateus*, p. 255.

¹³ STOTT, *Contracultura cristã*.

¹⁴ LLOYD-JONES, *Estudos no sermão do monte*, p. 489.

¹⁵ *ibid.*, p. 495.

um filho, uma resposta aos nossos pedidos, mas não vai ouvir quando ficarmos falando palavras sem significado algum, que brotam apenas da boca e não do coração.

2.1.2.1 A oração do Pai Nosso

“Vocês, orem assim: ‘Pai nosso, que estás nos céus! Santificado seja o teu nome. Venha o teu Reino; seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu. Dá-nos hoje o nosso pão de cada dia. Perdoa as nossas dívidas, assim como perdoamos aos nossos devedores. E não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal, porque teu é o Reino, o poder e a glória para sempre. Amém.’ Pois se perdoarem as ofensas uns dos outros, o Pai celestial também lhes perdoará. Mas se não perdoarem uns aos outros, o Pai celestial não lhes perdoará as ofensas.”

Mateus 6.9-15

A prática da oração na vida dos discípulos é tão importante para Jesus que ele não só ensina como orar e o que deve ser evitado, mas vai além e nos dá um modelo de tudo aquilo que devemos levar diante do Pai. Esse modelo é conhecido como a ‘Oração do Pai Nosso’. J.C Ryle diz que talvez nenhuma outra porção das escrituras seja, ao mesmo tempo, tão simples e tão complexa quanto esta.¹⁶ Ela contém o princípio de tudo aquilo que o mais desenvolvido filho de Deus possa desejar. Essa não é uma oração para ser repetida como uma fórmula, mas para nos ensinar princípios acerca de quem é Deus e de quem somos nós.¹⁷

a) “Pai nosso, que estás nos céus!”

Jesus nos convida a chamar Deus de pai e assim nos mostra que já fomos adotados e fazemos parte dessa família. “Cristo quer despertar em nós, logo no início como base da oração, respeito e confiança, como uma criança para com Deus.”¹⁸ Como família, entendemos que Deus é pai de todos aqueles que já fazem parte do seu reino, de todos os que são

¹⁶ RYLE, *Meditações no evangelho de Mateus*.

¹⁷ LOPES, *Mateus*.

¹⁸ CATECISMO DE HEIDELBERG. Disponível em: <http://www.monergismo.com/textos/catecismos/catecismo_heidelberg.htm>. Acesso em: 19 nov. 2020.

chamados bem-aventurados. Precisamos lembrar disso com frequência para não nos tornarmos egocêntricos: o pai não é só meu, é nosso! “Ao começar a orar, (...) devemos nos lembrar que nos tornamos filhos de Deus por causa daquilo que Ele fez em nosso favor por intermédio do Senhor Jesus Cristo.”¹⁹ Quando dizemos que ele é o nosso pai que está nos céus, nos lembramos de sua majestade, de sua grandeza e de seu infinito poder.

b) “Santificado seja o teu nome. ”

Quando pedimos que o nome de Deus seja santificado, estamos pedindo que o conheçamos de verdade²⁰, que os atributos de Deus se tornem conhecidos²¹, que ele seja venerado como santo por todos os homens²² e que capacite seus pregadores a falar desse nome com toda a pureza²³. Oramos assim ao desejar ardentemente que a devida honra seja dada a Deus²⁴ e que a sua grandeza transpareça cada vez mais intensamente entre os homens. Nós santificamos o nome de Deus quando por nossas palavras e atitudes somos como espelhos dos seus atributos.

c) “Venha o teu Reino”

Ao pedir que o reino venha, pedimos que o reino que já está entre nós cresça e que logo seja consumado com a volta de Jesus.²⁵ Que ele nos governe de tal maneira que nos submetamos a ele cada vez mais.²⁶ Quando pedimos pela manifestação do seu reino ainda nesta terra, pedimos que os cristãos vivam como as pessoas descritas nas bem-aventuranças, para transformar a sociedade onde vivem. Pedimos que o reino de graça que Deus mantém no nosso coração seja manifestado aos homens. “Pois do mesmo modo que a luz, ainda que presente, não se irradia para os cegos e para aqueles que fecham os olhos, assim também o Reino de Deus, ainda que permanente na terra, está oculto para os que não o conhecem.”²⁷

¹⁹ LLOYD-JONES, *Estudos no sermão do monte*, p. 529.

²⁰ CATECISMO DE HEIDELBERG.

²¹ RYLE, *Meditações no evangelho de Mateus*.

²² AGOSTINHO, *Patrística - O Sermão da Montanha e Escritos Sobre a Fé*.

²³ BONHOEFFER, *Discipulado*.

²⁴ STOTT, *Contracultura cristã*.

²⁵ *ibid.*

²⁶ CATECISMO DE HEIDELBERG.

²⁷ AGOSTINHO, *Op. Cit.*, p. 96.

d) “seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu. ”

Ao pedir que a vontade do pai seja feita, oramos no sentido de que os homens obedeçam à lei tão perfeita, pronta e incessantemente quanto os anjos no céu²⁸; e que Deus destrua toda a resistência e nenhuma criatura se coloque contra a sua vontade²⁹. Quando pedimos que a vontade de Deus seja feita, queremos que a vida na terra se aproxime do que é o céu e que a sua soberana vontade seja consumada.³⁰

As primeiras frases dessa oração falam sobre quem Deus é, e sobre como ele deve ser conhecido. Assim, Jesus nos mostra que a oração deve ser feita ajustando a perspectiva: só podemos entender do que precisamos quando olhamos primeiro para Deus. Quando a nossa prioridade é o nome de Deus, sua vontade e seu reino, agimos contra a cultura que nos coloca no centro do universo e o nosso ego como prioridade. Na oração do Pai nosso, Jesus ensina que em primeiro lugar vêm as coisas de Deus e depois as nossas.³¹

e) “Dá-nos hoje o nosso pão de cada dia. ”

Ao pedir o pão, somos ensinados a reconhecer nossa inteira dependência de Deus para o suprimento de nossas necessidades diárias.³² A oração não fala apenas das coisas espiritualmente elevadas, mas de tudo aquilo que faz parte da nossa vida, inclusive o alimento. Jesus estava mostrando que devemos levar coisas práticas, necessidades físicas e reais diante de Deus, porque só ele pode suprir todas elas. Pedimos o pão para o futuro imediato e assim somos ensinados a viver um dia de cada vez.³³

²⁸ RYLE, *Meditações no evangelho de Mateus*.

²⁹ BONHOEFFER, *Discipulado*.

³⁰ STOTT, *Contracultura cristã*.

³¹ *ibid.*

³² RYLE, *Op.Cit.*

³³ STOTT, *Op.Cit.*

f) “Perdoa as nossas dívidas, assim como perdoamos aos nossos devedores.”

Assim como o pão é necessário ao corpo, o perdão é indispensável à saúde da nossa alma; por isso pedimos: perdoa as nossas dívidas. “Embora saibamos que fomos perdoados, continuamos precisando de perdão para os nossos pecados e fracassos diários.”³⁴ “Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça” (I João 1:9). Aqui pedimos que tenhamos o firme propósito de perdoar o nosso próximo, de todo o coração.³⁵ John Stott ressalta que Deus somente nos perdoa quando nos arrependemos e uma das principais evidências de que alguém é nascido de novo é a extensão desse perdão aos seus semelhantes.³⁶ Agostinho diz que fazemos aqui um pacto com Deus e se não o observarmos, não tiraremos nenhum fruto das nossas orações.³⁷ Dessa forma, o Pai trabalha em nós um espírito misericordioso.

Se pensarmos que os nossos pecados são perdoados por Deus, mas nos recusarmos a perdoar aos nossos semelhantes, estaremos praticando um grave erro; e isso será prova de que jamais fomos perdoados. O homem que sabe que foi perdoado em virtude do sangue vertido por Cristo, e nada mais, é o indivíduo que sente a compulsão de perdoar a outros. Não pode mesmo evitá-lo. (...) Afirmo para a glória de Deus, e com a mais completa humildade, que sempre que eu me vejo perante Deus e percebo ao menos alguma coisa daquilo que meu bendito Senhor fez por mim, então me disponho a perdoar qualquer coisa que outrem tenha feito contra mim. Não posso reter o perdão, e nem ao menos quero retê-lo. (...). Essa questão é absoluta e inevitável. O verdadeiro perdão quebranta ao homem, e ele se sente impelido a perdoar. Quando oferecemos essa oração, pedindo perdão, podemos testar a nós mesmos dessa forma. As nossas orações não serão genuínas, e nem eficazes, mas antes, serão destituídas de qualquer valor, a menos que descubramos, em nossos corações, que fomos perdoados.³⁸

Essa parte da oração condena toda justiça própria e autojustificação. Jesus nos instrui a manter o hábito de confissão e o hábito de busca de misericórdia e de remissão. Depois, fazemos uma declaração de compromisso, de que perdoaremos aos outros também. “Jesus nos relembra que não devemos esperar receber o perdão quando oramos com malícia ou rancor no coração para com os outros. Orar com essa atitude mental é mero formalismo e

³⁴ LLOYD-JONES, *Estudos no sermão do monte*, p. 555.

³⁵ CATECISMO DE HEIDELBERG.

³⁶ STOTT, *Contracultura cristã*.

³⁷ AGOSTINHO, *Patrística - O Sermão da Montanha e Escritos Sobre a Fé*.

³⁸ LLOYD-JONES, *Op. Cit.*, p. 559 a 560.

hipocrisia. É ainda pior do que hipocrisia. É como dizer: ‘Não me perdoe’. Nossa oração nada vale sem amor. Não devemos esperar ser perdoados se não conseguimos perdoar.”³⁹

g) “E não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal”

Jesus nos instrui a buscar a Deus para nos sustentar e não nos deixar andar em pecado⁴⁰, então pedimos que o Senhor nos livre do Diabo e daquilo que ele pode usar para nos fazer cair⁴¹. Os discípulos sabem que sua fé é frágil e que precisam de ajuda para resistir às investidas de Satanás.⁴² Agostinho ressalta que aqui não pedimos para não sermos tentados, mas para que não sucumbamos às tentações, que sabemos que não seriam maiores do que poderíamos suportar.⁴³ Quando pedimos que Deus nos livre do mal, estamos nos referindo ao mal existente no mundo, dentro dos nossos corações e que nos livre do Diabo. “Por qual motivo deveríamos pedir a Deus para sermos resguardados do mal? Pelo grande e admirável motivo que a nossa comunhão com Deus jamais venha a sofrer interrupção.”⁴⁴

h) “porque teu é o Reino, o poder e a glória para sempre. Amém. ”

E por fim, numa atribuição de louvor, declaramos nossa crença de que os reinos deste mundo são legítima propriedade de nosso Pai celestial, que a ele pertence todo o poder e que só ele merece receber toda a glória.⁴⁵ Bonhoeffer diz que diariamente nós seremos reanimados nessa certeza se orarmos assim.⁴⁶

Os pedidos finais então incluem todas as necessidades humanas: materiais, físicas e morais; e quando oramos assim, declaramos a completa dependência de Deus em todas as áreas da nossa existência. A oração cristã é, portanto, centrada em Deus e uma expressão de dependência racional, por isso não pode ser mecânica ou hipócrita.⁴⁷ “Nós nos regozijamos porque nosso Rei reina em providência e reinará em graça, do rio até os confins da Terra e

³⁹ RYLE, *Meditações no evangelho de Mateus*, p. 54.

⁴⁰ *ibid.*

⁴¹ STOTT, *Contracultura cristã*.

⁴² BONHOEFFER, *Discipulado*.

⁴³ AGOSTINHO, *Patrística - O Sermão da Montanha e Escritos Sobre a Fé*.

⁴⁴ LLOYD-JONES, *Estudos no sermão do monte*, p. 561.

⁴⁵ RYLE, *Op.Cit.*

⁴⁶ BONHOEFFER, *Op.Cit.*

⁴⁷ STOTT, *Op.Cit.*

não haverá fim para o seu domínio. Assim, de um senso de adoção elevado à comunhão com nosso Senhor que reina, este curto modelo de oração conduz a alma.”⁴⁸

2.1.2.2 A natureza prática da oração

“Peçam, e lhes será dado; busquem, e encontrarão; batam, e a porta lhes será aberta. Pois todo o que pede, recebe; o que busca, encontra; e àquele que bate, a porta será aberta. Qual de vocês, se seu filho pedir pão, lhe dará uma pedra? Ou se pedir peixe, lhe dará uma cobra? Se vocês, apesar de serem maus, sabem dar boas coisas aos seus filhos, quanto mais o Pai de vocês, que está nos céus, dará coisas boas aos que lhe pedirem!”

Mateus 7.7-11

A natureza prática e objetiva do Sermão do Monte é impressionante, mas a sua precisão ao nos prevenir quanto aos caminhos pelos quais o nosso coração corre demonstra que essas palavras não poderiam ser proferidas por homem algum. Quando percebemos a grandeza envolvida no ato de orar, com todas as suas dificuldades, nos escondemos na ideia de que essa é uma tarefa espiritual e que esperar respostas seria sinal de um coração “pouco espiritualizado”. Jesus nos mostra que Deus tem prazer em nos abençoar e nos responder e que o pobre de espírito tem o coração como o de uma criança que pede aquilo que quer e o que precisa.

Para ser pobre de espírito, você precisa ter plena consciência de que em tudo depende de Deus. Jesus nos disse algo sobre a necessidade de nos tornarmos como crianças antes de podermos entrar no reino do céu. As crianças são dependentes, isto é, dependem de seus pais, para que sejam protegidas e bem cuidadas. (...). Os filhos dependentes não se acanham de pedir favores. Não seriam normais, se não tornassem abertamente conhecidas as suas necessidades. A Palavra de Deus diz a Seus filhos necessitados: ‘Acheguemo-nos, portanto, confiadamente, junto ao trono da graça, a fim de recebermos misericórdia e acharmos graça para socorro em ocasião oportuna’ (Hebreus 4:16). Deus tem plena consciência de que dependemos d’Ele nas necessidades de nossa vida.⁴⁹

⁴⁸ SPURGEON, Charles Haddon. *Dia a dia com Spurgeon – Manhã e Noite: meditações diárias*. Curitiba: Publicações Pão Diário, 2009, p. 616.

⁴⁹ GRAHAM, *O Segredo da Felicidade*, p. 21.

Muitos cristãos leem estas palavras e esperam que elas sejam atendidas como acontece quando um adulto faz qualquer pedido. Antes de pedir qualquer coisa a alguém, o adulto pondera as variáveis, verifica qual é a sua verdadeira necessidade, qual é a sua vontade e só então pede. Sendo assim, esperam que Deus lhes dê exatamente o que pedem e como pedem, já que é isto que está escrito. Eles esquecem que porção nenhuma das escrituras deve ser considerada separadamente. Deus diz que precisamos ser como crianças também ao pedir. Ele sabe que vivemos em um mundo cheio de dor, sabe que temos necessidades e anseios profundos, mas também sabe que vemos apenas uma fração enquanto ele vê o todo. Muitos dos nossos pedidos soam para Deus como uma criança que pede para ser jogada de um prédio alto para aprender a voar, ou que pede um dinossauro de estimação. Nossa visão limitada e egoísta nos leva a pedir coisas absurdas, mas Deus, como Pai amoroso que é, nos dá apenas aquilo que de fato será bom para a nossa vida aqui e para o louvor da sua glória.

Jesus nos diz que, como nosso irmão, ele já abriu o caminho para a presença do Pai, e que agora é nossa obrigação persistir em estar ali. “Por isso que a ordem de ‘pedir — buscar — bater’ está no imperativo presente e em escala ascendente, para desafio de nossa perseverança.”⁵⁰ O imperativo indica uma ação contínua e exige vigor e persistência.⁵¹ A oração de fato é difícil, mas Cristo nos encoraja com a certeza de que vale a pena insistir porque ninguém fica sem resposta. “Se realmente quisermos ser homens de Deus, se realmente quisermos conhecer ao Senhor, andar com Ele e experimentar aquelas ilimitadas bênçãos que Ele tem para nos oferecer, precisamos persistir e pedi-las a Ele dia após dia.”⁵² Somente aqueles que têm fome e sede de justiça e que buscam o alimento para as suas almas é que serão fartos. Paulo, em sua carta aos Filipenses, mostra essa persistência: “Irmãos, não penso que eu mesmo já o tenha alcançado, mas uma coisa faço: esquecendo-me das coisas que ficaram para trás e avançando para as que estão adiante, prossigo para o alvo, a fim de ganhar o prêmio do chamado celestial de Deus em Cristo Jesus. ” (Filipenses 3.13,14)

A oração é uma guerra espiritual, é uma luta que exige fé e confiança, mas é o caminho para a intimidade com Deus. A certeza de que ele nos ouve e tem prazer com a nossa

⁵⁰ STOTT, *Contracultura cristã*, p. 88.

⁵¹ LOPES, *Mateus*.

⁵² LLOYD-JONES, *Estudos no sermão do monte*, p. 744.

companhia é o que deve motivar o nosso coração a buscá-lo diariamente, com vigor e persistência, porque aquele que perseverar até o fim será salvo, herdará a terra, verá a Deus.

Sem dúvida é bastante admirável que Deus aprecie que nos aproximemos d’Ele para conversar. O Deus que é o autoexistente, o grande Yahweh, o Deus que não depende de ninguém, que é vivo de eternidade a eternidade, que existe por Si mesmo independentemente de quem quer que seja — é isso que nos admira — gosta que nos acheguemos a Ele, gosta de ouvir-nos porque somos Seus filhos. O Deus que criou os céus e a terra, que prescreveu às estrelas os seus cursos, gosta de ouvir a nossas orações sussurradas, gosta de dar ouvidos às nossas petições. Mas as coisas são assim porque Deus é amor; e esse é o motivo pelo qual, embora conheça todas as nossas necessidades, sente um grande prazer quando assim confiamos, quando nos vê achegando-nos a Ele, pedindo-Lhe o sustento diário.⁵³

O conselheiro bíblico precisa conhecer toda a verdade sobre a oração e precisa explicá-la aos seus aconselhados. Muitos cristãos não sabem como orar e não entendem essas palavras, por isso vivem uma vida miserável e falham em persistir. A oração é a base para uma vida cristã saudável e por isso deve ser sempre encorajada.

Ela também é parte indissociável da prática do aconselhamento. Ivênio dos Santos fala sobre a “oração de servo” que deve ser feita pelo cristão: uma oração que pede a Deus que abençoe os seus irmãos, mas que use aquele que ora como instrumento em suas mãos. O seu alvo é mais abençoar outras pessoas do que ser abençoado. O servo ora colocando-se nas mãos de Deus para ser usado como resposta. “Ele tem de perguntar ao Senhor: O que Tu queres que eu faça? Não é fazer por fazer. É fazer debaixo do comando do Cabeça que é Cristo. Caso contrário seríamos esmagados pelas necessidades.”⁵⁴ A oração do servo não promove um ativismo desordenado, mas uma postura de prontidão para ouvir o comando de Cristo, para assim “andarmos nas boas obras que Ele preparou de antemão para nós”. Esse tipo de oração precisa ser feita por todos os cristãos e com muito mais intensidade pelo conselheiro bíblico, visto que é impossível a prática do aconselhamento sem oração.

2.1.3 Jejum

“Quando jejuarem, não mostrem uma aparência triste como os hipócritas, pois eles mudam a aparência do rosto a fim de que os homens vejam que eles estão jejuando. Eu lhes digo

⁵³ LLOYD-JONES, *Estudos no sermão do monte*, p. 553.

⁵⁴ SANTOS, *Alma nua*, p. 92.

verdadeiramente que eles já receberam sua plena recompensa. Ao jejuar, ponha óleo sobre a cabeça e lave o rosto, para que não pareça aos outros que você está jejuando, mas apenas a seu Pai, que vê no secreto. E seu Pai, que vê no secreto, o recompensará. ”

Mateus 6.16-18

Ao tratar sobre o jejum no Sermão do Monte, Jesus fala a respeito da hipocrisia dos fariseus, que jejuavam para mostrar aos homens a sua religiosidade, mas não dá instruções acerca da prática do jejum. Ele parte do princípio de que seus discípulos jejuarão quando ele já não estiver mais entre eles.

A igreja moderna fala pouco sobre o jejum e pouquíssimos cristãos fazem uso dessa disciplina. Martyn Lloyd-Jones explica que provavelmente os evangélicos abandonaram essa prática por uma reação contra o ensino do catolicismo romano que incentiva o jejum como uma forma de autodisciplina para ganhar a Deus por seu sofrimento.⁵⁵ Percebemos claramente que o jejum ainda é usado como moeda de troca quando ligamos a televisão e alguns canais insistem em “jejum pela vida financeira”, “jejum para pagar dívidas”, “jejum para a prosperidade” e “jejum da fertilidade”. A igreja protestante pouco se manifesta a este respeito e os seus membros perdem muito por não exercitar a prática do jejum.

A Bíblia não nos dá uma instrução clara a respeito de como jejuar, com direcionamentos e regras; mas, se prestarmos atenção, veremos o jejum permear toda a história. Moisés estava em jejum quando subiu ao Monte Sinai para receber as instruções a respeito do tabernáculo; a Lei exigia do povo um jejum por ano, no dia da expiação; Davi jejuou enquanto orava pela vida de seu primeiro filho com Bate-Seba; Josafá proclamou um jejum, depois de restaurar a adoração em Judá, quando foi atacado pelos moabitas e amonitas; nos profetas, Deus repreende o povo por jejuar só na aparência, sem envolver o coração; os ninivitas proclamaram um jejum quando se converteram, depois da pregação de Jonas; Daniel jejuou enquanto orava pela restauração de Judá e quando as visões lhe foram reveladas; Ester proclamou um jejum quando decidiu interceder pelo povo diante do rei; Esdras proclamou um jejum quando saiu da Babilônia para reconstruir Jerusalém e Neemias também o proclamou quando o povo restaurou o compromisso com o Senhor depois de reconstruir os

⁵⁵ LLOYD-JONES, *Estudos no sermão do monte*.

muros de Jerusalém. Estes são apenas alguns exemplos de como o jejum fez parte da vida do povo de Deus em todo o período do Antigo Testamento. No Novo Testamento, não é diferente, pois Jesus jejuou quando foi ao deserto para ser testado pelo Diabo, a igreja primitiva tinha o hábito de entregar-se à oração e ao jejum antes de tomar qualquer decisão vital e Paulo deixa claro que o jejum é uma prática em sua vida. O povo de Deus sempre sentiu que o jejum não somente é uma prática correta, mas também que ela se reveste de imenso valor, quanto aos seus efeitos, sob determinadas circunstâncias.⁵⁶ Não podemos alegar que não jejuamos porque a Bíblia não incentiva essa prática.

J. C. Ryle explica que o jejum é a abstinência ocasional de alimentos para trazer o corpo em sujeição ao espírito.⁵⁷ Martyn Lloyd-Jones define o jejum como a abstinência de alimentos com vistas a propósitos espirituais.⁵⁸ Daniel Piva diz que o jejum é uma prática abençoada e determinada por Deus, com a finalidade de mortificar a carne para que a sensibilidade espiritual aflore com mais facilidade.⁵⁹ Hernandes Dias Lopes afirma: “Jejuar é abster-se do bom para alcançar o melhor. Quando comemos, alimentamo-nos do pão da terra, símbolo do Pão do céu; mas, quando jejuamos, alimentamo-nos não do símbolo, mas do simbolizado, ou seja, do próprio Pão do céu!”⁶⁰

Diferente da leitura bíblica e oração, o jejum não é uma disciplina ordenada por Deus. Martyn Lloyd-Jones diz que a disciplina deve ser algo perpétuo e permanente, a fim de segurar com firmeza as rédeas que controlam a nossa vida diária; enquanto o jejum é algo incomum, excepcional, algo que o homem põe em prática apenas ocasionalmente, com uma finalidade especial. Ele afirma que devemos jejuar somente quando sentirmos que estamos sendo levados a isso pelo Espírito de Deus, quando tivermos por objetivo algum elevado propósito espiritual. “Jamais devo jejuar em harmonia com alguma regra ou norma, e, sim, porque sinto que há alguma necessidade peculiar de uma inteira concentração da inteireza do meu ser em Deus e na minha adoração a Ele.”⁶¹

Quanto à questão levantada por muitos cristãos a respeito da totalidade do jejum, Martyn Lloyd-Jones explica que moderação em determinados alimentos não configura jejum:

⁵⁶ LLOYD-JONES, *Estudos no sermão do monte*.

⁵⁷ RYLE, *Meditações no evangelho de Mateus*.

⁵⁸ *ibid.*

⁵⁹ PIVA, Daniel. *A verdadeira contrição é para Deus, e não para homens*. [Sermão]. Disponível em: <<http://ipsemear.org/sermao/a-verdadeira-contricao-e-para-deus-e-nao-para-homens/>>. Acesso em: 27 out. 2020.

⁶⁰ LOPES, *Mateus*, 261.

⁶¹ LLOYD-JONES, *Op. Cit.*, p. 510.

a moderação ao comer faz parte da disciplina pessoal. Jejuar é abster-se completamente de alimentos sob circunstâncias especiais. Ele vai além:

O jejum, quando realisticamente concebido, não somente deve confinar-se à questão de alimentos sólidos e líquidos: pelo contrário, o jejum, na realidade, deveria incluir a abstinência de qualquer coisa, legítima em si mesma, tendo-se em vista algum propósito espiritual especial. Existem muitas funções corporais corretas, normais e perfeitamente legítimas, mas que, por razões peculiares e especiais, também deveriam ser submetidas a controle, em determinadas circunstâncias. Isso é jejuar. Conforme estou sugerindo, temos aqui uma espécie de definição geral do que se deveria entender por jejum.⁶²

J.C. Ryle chama atenção para o detalhe de que o jejum é uma questão pessoal e não pode ser imposto a ninguém.⁶³ Fica a critério de cada um se o fará ou não, e não se pode ser precipitado em condenar os que agem diferente. Dietrich Bonhoeffer concorda ao afirmar que Jesus adverte que os seus discípulos devem fazê-lo despretensiosamente, como um alegre exercício para o Senhor e não devem impor o jejum a ninguém, como se fosse uma lei.⁶⁴

Bonhoeffer diz que Jesus vê o jejum como parte da vida dos discípulos, porque sabe que essa prática tem o propósito de torná-los mais dispostos e alegres para realizar a sua obra. Para ele, a pessoa que não se dedica ao jejum dificilmente se dedicará a servir a Cristo, por isso, o discípulo precisa de rigorosa disciplina externa. Ele sabe que não é o exercício da disciplina que irá mortificar em nós o desejo na carne, já que apenas a fé poderia fazer isso, mas porque o discípulo conhece a sua preguiça e a sua arrogância e isso deve ser destruído. “O espírito aceita o mandamento de Jesus de amor incondicional ao inimigo, mas a carne e o sangue são muito fortes, de modo que o mandamento não consegue se concretizar. Portanto, a carne tem de compreender, no exercício diário e extraordinário da disciplina, que não tem direitos próprios. Nisso a prática diária e regrada da oração nos auxilia, e também a meditação diária na Palavra de Deus. Em suma, toda prática que discipline o corpo e vise à abstinência nos serve de ajuda.”⁶⁵

Calvino incentiva a prática do jejum em situações de calamidade, guerra, fome ou peste, desde que se fixe no principal que é quebrantar ou romper os corações, não a roupa. Ele diz que Jesus associa o jejum às ocasiões de angústia e tribulação. “A vida do cristão deve

⁶² LLOYD-JONES, *Estudos no sermão do monte*, p. 504.

⁶³ RYLE, *Meditações no evangelho de Mateus*.

⁶⁴ BONHOEFFER, *Discipulado*.

⁶⁵ *ibid.*, p. 159.

ser temperada com a sobriedade, o que, do começo ao fim, parece uma espécie de jejum perpétuo.”⁶⁶

Agostinho fala que devemos nos prevenir para não acrescentar ao jejum o desejo de ser visto e elogiado pelos homens. Precisamos centralizar toda a nossa atenção nas alegrias interiores, não naquilo que o mundo oferece. Um coração dividido nos priva da pureza e da simplicidade necessária para nos unirmos a Deus. Assim como não devemos usar trajes supérfluos para sermos vistos, também não devemos usar trajes simples para enganar os incautos. Deus conhece os nossos corações. Devemos ungir a cabeça e lavar o rosto: “Ungir a cabeça indica a alegria interna, e lavar o rosto significa a pureza de coração. Portanto, perfuma-se a cabeça aquele cuja alma e espírito estão em festa.”⁶⁷

O jejum é, portanto, um bom instrumento para quem busca a verdadeira contrição. Através do jejum aprendemos a nos negar e a ter nossas devoções estimuladas. Ao longo dessa humilhação e contrição, somos advertidos e iluminados acerca da nossa impureza, do nosso pecado e principalmente da nossa total indignidade diante de Deus e de sua dependência. O jejum é projetado para nos tornar conscientes de nossos desejos e misérias e assim nos tornar mais conscientes do nosso próprio pecado. No jejum, fica muito claro que a nossa simples existência física já é dependente de um elemento externo, tanto mais a nossa existência, sobrevivência e desenvolvimento espiritual.

Cecelia Bernhardt conta: “Jejuo para focar meus sentidos e minhas orações no maior sacrifício de todos os tempos. (...). Quando deixo os prazeres materiais e criados consigo me concentrar no dom espiritual que recebo na morte e ressurreição de Jesus Cristo. Com meu corpo e minha mente orientados para a sensação de perda, me lembro, cada vez mais, que Jesus voluntariamente desistiu de tudo por mim! Sua vida por mim!”⁶⁸

Se o jejum não for usado como moeda de troca e se o seu objetivo não for agradar a homens, ele pode e deve ser incentivado. Recebemos muitas pessoas em situações de angústia e tribulação que poderiam ser grandemente beneficiadas com a prática do jejum com o objetivo de se aproximar de Deus. Mas nós, os conselheiros, também devemos fazer uso dele! O ministério do próprio senhor Jesus começa com o jejum: uma preparação espiritual

⁶⁶ CALVINO, João. *As Institutas da Religião Cristã*: edição especial com notas para estudo e pesquisa. São Paulo: Cultura Cristã, 2006, v.2, p. 136.

⁶⁷ AGOSTINHO, *Patrística - O Sermão da Montanha e Escritos Sobre a Fé*, p. 112.

⁶⁸ BERNHARDT, Cecelia. *Why I still “give something up” for lent*. Disponível em: <<https://www.ccef.org/why-i-still-give-something-lent/>>. Acesso em: 27 out. 2020.

para a luta contra o Diabo. Não podemos achar que lidamos apenas com pessoas em dificuldade de relacionamento ou que colocaram algum ídolo no lugar de Deus; não podemos perder a dimensão espiritual do nosso trabalho. Estamos na frente de batalha de uma intensa guerra espiritual pela alma dos nossos aconselhados e das pessoas ao seu redor, sendo assim, precisamos orar e jejuar para ter sabedoria e discernimento ao lidar com cada uma das questões que recebemos, e para que não caiamos nós também nas ciladas do inimigo.

2.2 Santificação

“Portanto, sejam perfeitos como perfeito é o Pai celestial de vocês. ”

Mateus 5.48

No Sermão do Monte, Jesus ressalta a importância da Lei e ensina que o Evangelho magnifica a lei e exalta a sua autoridade. Ele mostra que a lei, conforme ele a tinha apresentado, era uma regra muito mais espiritual e capaz de perscrutar o coração do que a maioria dos judeus imaginava. Com isso, Jesus ensina a tremenda santidade de Deus. Ele não vê apenas os nossos atos, mas nossas palavras, pensamentos e motivos do nosso coração. Jesus ensina a excessiva ignorância dos homens quanto às realidades espirituais e ressalta a enorme necessidade do seu sangue expiatório para nos salvar. Ele mostra que os cristãos devem exceder em santidade os santos dos tempos antigos. Hoje nós sabemos quanto custou a nossa redenção e por isso não podemos nos satisfazer com o baixo padrão de santidade pessoal.⁶⁹

Deus disse a Moisés: sejam santos porque eu sou santo. Jesus diz: sejam perfeitos como perfeitos é o vosso pai celestial. Além de um povo separado, que faz parte de um novo reino, precisamos amadurecer continuamente, rumo à plenitude, em um processo de constante santificação. Ele jamais nos chamaria a isso se esse caminho não nos fosse possível. Paulo afirma que “A vontade de Deus é que vocês sejam santificados”. (1 Tessalonicenses 4.3a) Martyn Lloyd-Jones diz que santidade significa guardar e cumprir a lei de Deus, é algo

⁶⁹ RYLE, *Meditações no evangelho de Mateus*.

que pomos em prática na nossa vida diária; consiste em agir conforme fez o próprio Filho de Deus enquanto esteve neste mundo.⁷⁰

Um movimento moderno de autocuidado prega que não devemos impor sobre nós exigências extremamente elevadas porque, em busca de atingi-las, podemos entrar em colapso. Alguns cristãos entram nesse movimento justificando que a carne nos leva ao pecado e se tivermos que cuidar de todos os nossos pecados, entraremos no mesmo colapso. Outros citam a música de Rag'n'Bone Man:

“‘Cause I’m no prophet or Messiah (eu não sou nenhum profeta ou messias)
Should go looking somewhere higher (deveria procurar em algum lugar superior)
I’m only human after all (afinal de contas, eu sou apenas humano)
Don’t put the blame on me (não coloque a culpa em mim)
I’m only human (eu sou apenas humano)
I do what I can” (eu faço o que posso)⁷¹

Aquele que entende o significado do sacrifício de Jesus na cruz e o poder do Santo Espírito que atua em nós jamais poderia citar essas palavras como argumento para a sua vida de pecado. O cristão não é apenas humano — ele é uma nova criatura, santuário do Espírito Santo, chamado a ser santo e perfeito para o louvor da glória do Deus Altíssimo.

É muito importante entender o significado das palavras originais para santo. No Velho Testamento a palavra traduzida por santo é *kadosh* e no Novo Testamento é *hagios*, ambas significando separação especial para Deus. No Novo Testamento, a palavra só é empregada referindo-se aos cristãos. É o que vemos na introdução da maioria das epístolas de Paulo — ele não está endereçando suas epístolas para uma classe especial de cristãos que viviam de forma diferente dos demais, mas sim a todos aqueles que, tendo se rendido ao governo de Jesus, foram transportados do reino das trevas, para o reino do filho do seu amor, tornando-se assim santos, ou separados para Deus. Pedro diz: “Vocês, porém, são geração eleita, sacerdócio real, nação santa, povo exclusivo de Deus, para anunciar as grandezas daquele que os chamou das trevas para a sua maravilhosa luz.” (1 Pedro 2.9) Santo é aquele que nasceu de novo por uma ação sobrenatural do Espírito Santo e assim é nova criatura; e agora,

⁷⁰ LLOYD-JONES, *Estudos no sermão do monte*.

⁷¹ Disponível em: <<https://open.spotify.com/track/58zsLZPvfflailbNWoa22O?si=fH6AsbjxSTaZIRajNsHeIA/>>. Acesso em: 27 out. 2020.

“separado” para Deus deseja viver para anunciar as virtudes daquele que nos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz.⁷²

Ivênio dos Santos diz que o verdadeiro “santo” tem duas características básicas: a primeira é o desejo de obedecer a Deus (nem sempre o obedece, mas essa é a sua vontade real) e a segunda é o arrependimento. O genuíno cristão, ou seja, o “santo”, falha, erra, peca, mas não permanece no pecado ou desobediência, pois é quebrantado e volta-se para Deus. O pecado é um acidente de percurso e não mais uma norma como é para aqueles que vivem no reino das trevas. A santificação é um contínuo processo de crescimento na obediência e de mortificação da nossa carne.⁷³

Precisamos nos empenhar em crucificar nossa carne e mortificar nossos membros. Devemos estar dispostos a fazer qualquer sacrifício, e até mesmo a trazer sobre o corpo o incômodo físico, antes de dar lugar ao pecado. Devemos guardar nossos lábios, como que por um freio, e exercitar constante vigilância sobre nossas palavras. Estamos apenas fazendo aquilo que nosso Senhor Jesus Cristo nos manda, e, sendo assim, não temos do que nos envergonhar.⁷⁴

É interessante notar que o propósito da lei, conforme nosso Senhor expôs, não é o de conservar-nos em uma atitude de obediência a certas regras opressivas, mas é o de promover o livre desenvolvimento de nosso caráter espiritual. Não podemos pensar, de maneira nenhuma, que o caminho da santificação nos mantenha sujeitos ao estado de servidão. A gloriosa possibilidade, oferecida a cada um de nós através do Evangelho de Cristo, é a de nos desenvolvermos como filhos de Deus, que crescamos até à medida da estatura da plenitude de Cristo (Efésios 4.13).⁷⁵

A grande falha dos fariseus é que eles se interessavam pela letra da lei, e não pelos princípios básicos; estavam mais interessados nas ações do que nos motivos; estavam mais interessados em fazer do que em ser. Apenas alguns atos isolados não importam; o que importa é aquilo que pensamos e desejamos, é o estado de nossos corações. “Ninguém se torna crente somente porque se refreia de determinados atos ou porque realiza outros. Pois

⁷² SANTOS, *Alma nua*.

⁷³ *ibid.*

⁷⁴ RYLE, *Meditações no evangelho de Mateus*, p. 44.

⁷⁵ LLOYD-JONES, *Estudos no sermão do monte*.

o crente é uma pessoa cujo desejo supremo é conhecer melhor a Deus, é amá-Lo mais verdadeiramente.”⁷⁶

Se a verdadeira fé está presente, há uma mudança na natureza do crente que se manifesta em obras. Por isso, as disciplinas espirituais são parte essencial e estratégica no processo de santificação, pois são elas que equipam, armam o cristão para lutar contra o pecado e o capacitam a frutificar de maneira que agrade a Deus. Aquele que age assim dá provas de sua nova natureza: ele é de fato santo. A presença e o poder do Espírito Santo habitando nele indicam que esta é uma pessoa que já mudou e permanecem mudando.

No momento da conversão, adquirimos imediatamente uma nova natureza, somos declarados justos com base na justiça de Cristo e tornados santos. A mudança de nossa natureza em direção à santidade e à retidão começa imediatamente, mas segue progredindo durante toda a nossa vida. Este não é um processo uniforme, mas um crescente contínuo até chegarmos ao céu. Se quiséssemos colocar em um gráfico como acontece a santificação, precisamos imaginar como se dá o seguinte movimento: uma pessoa subindo as escadas brincando com um ioiô — nosso gráfico seria o movimento do ioiô. São altos e baixos, mas que progressivamente ficam cada vez mais altos. “À medida que nos movemos da infância para a maturidade espiritual, os picos e vales tendem a ficar cada vez mais suaves; ficamos mais estáveis no crescimento e comunhão.”⁷⁷

Todavia, há muita gente que parou de crescer. Muitos cristãos estagnaram depois da conversão, ou depois de passar por um vale espiritual. Estes são os que devem ser incentivados, animados e, algumas vezes, até mesmo confrontados. Os cristãos precisam aprender o segredo da vitória diária sobre o pecado: nada pode tomar o lugar de uma vida devocional com Cristo. A hora tranquila, o tempo de oração, o tempo gasto na leitura e meditação da Palavra de Deus são coisas absolutamente essenciais a uma vida cristã feliz.⁷⁸ Não nos basta ter feito nossa pública profissão de fé, ou tomado uma decisão firme por Cristo, ou esperar caminhar com êxito no resplendor dessas experiências pelo resto de nossa vida. Sendo humanos com um novo coração, precisamos sempre rever e renovar os nossos votos com Deus, na certeza de que é ele quem nos leva no caminho rumo à perfeição.

⁷⁶ LLOYD-JONES, *Estudos no sermão do monte*, p. 295.

⁷⁷ SPROUL, R. C. *Somos todos teólogos: uma introdução à Teologia Sistemática*. São José dos Campos: Fiel, 2014, p. 257.

⁷⁸ GRAHAM, *O Segredo da Felicidade*.

Vivemos em uma cultura imediatista e que busca a perfeição, por isso, muitas vezes, vemos cristãos frustrados e desanimados por não conseguirem se manter no padrão de santidade exigido por Deus. Essa frustração habita em uma linha tênue entre a genuína tristeza pelo pecado e a decepção pela falha pessoal. Muitas vezes, o nosso coração se enche de orgulho por estar evitando o pecado e nos leva à armadilha de tentar ganhar a salvação pela justiça própria. Mais uma vez se destaca a importância das disciplinas espirituais: precisamos nos colocar diante da majestade de Deus diariamente e nos fazer pobres de espírito, para buscar a santificação por temor à imensa santidade de Deus e não para garantir uma justiça própria.

Devemos buscar desenvolver a nossa salvação, precisamos caminhar no processo de santificação, mas não pela nossa própria força. Paulo, na carta aos Gálatas, repreende a igreja: “Será que vocês são tão insensatos que, tendo começado pelo Espírito, querem agora se aperfeiçoar pelo esforço próprio?” (Gálatas 3.3). E na carta aos Filipenses ele explica como deve ser a santificação: “De sorte que, meus amados, assim como sempre obedecestes, não só na minha presença, mas muito mais agora na minha ausência, assim também operai a vossa salvação com temor e tremor; Porque Deus é o que opera em vós tanto o querer como o efetuar, segundo a sua boa vontade.” (Filipenses 2.12,13) Não podemos apenas relaxar e esperar que o Espírito Santo faça tudo por nós ou ficar num estado de ansiedade de quem não consegue agradar a Deus. Precisamos lutar contra a correnteza deste mundo para nadar no fluir do Espírito Santo. O processo de santificação exige intenso labor, mas contínuo descanso na certeza de que só podemos fazer isso porque o poder de Deus opera em nós.

R. C. Sproul comenta dois pares de opiniões heréticas a respeito do processo de santificação, contra as quais devemos ficar atentos.⁷⁹ O primeiro é o par ativismo e quietismo. Ativismo é quando as pessoas tentam se santificar por seus próprios esforços, e quietismo é quando creem que só precisam sair do caminho enquanto o Espírito Santo faz toda a obra. O segundo par é o antinomianismo e legalismo. O antinomianismo afirma que os cristãos que estão sob a graça não têm nenhuma necessidade de obedecer à lei de Deus; enquanto os legalistas consideram a lei tão importante que fazem acréscimos a ela, estabelecendo regras em áreas nas quais Deus nos deixou livres, para ajudar na sua santificação. Todas essas opiniões são derrubadas a partir de uma leitura aprofundada do Sermão do Monte, que nos

⁷⁹ SPROUL, *Somos todos teólogos*.

mostra claramente que a nossa natureza caída jamais poderia satisfazer à santidade de Deus, mas que quando fomos feitos novas criaturas recebemos todas as capacidades e condições para agradá-lo, pelo seu poder que atua em nós.

A prova da nossa santidade é o nosso relacionamento com Deus, é a nossa atitude para com Ele, é o nosso amor a Ele. Ser santo não envolve apenas o evitar determinadas coisas, e nem mesmo não pensar sobre certas coisas; mas envolve a atitude final do coração do homem para com aquele Deus amoroso e santo, e para com os seus semelhantes.⁸⁰

2.3 O temor devido a Deus e não aos homens

“Tenham o cuidado de não praticar suas ‘obras de justiça’ diante dos outros para serem vistos por eles. Se fizerem isso, vocês não terão nenhuma recompensa do Pai celestial. Portanto, quando você der esmola, não anuncie isso com trombetas, como fazem os hipócritas nas sinagogas e nas ruas, a fim de serem honrados pelos outros. Eu lhes garanto que eles já receberam sua plena recompensa. Mas quando você der esmola, que a sua mão esquerda não saiba o que está fazendo a direita, de forma que você preste a sua ajuda em segredo. E seu Pai, que vê o que é feito em segredo, o recompensará.”

Mateus 6.1-4

Ao falar do relacionamento do homem com Deus, precisamos colocar em perspectiva a importância do temor ao Senhor. Nos dez mandamentos, Deus chama a atenção para esse ponto porque conhece o nosso coração e sabe que tendemos a colocar outros ídolos no trono que é só dele: não podemos ter outros deuses além dele, não podemos fazer imagens para representá-lo porque ele não se apresenta dessa forma visível, não podemos tomar o nome de Deus em vão e devemos guardar o sábado para santificá-lo. Os quatro primeiros mandamentos falam sobre a nossa relação com Deus, antes de nos dizer como devemos nos portar diante das outras pessoas. Quando Jesus ressalta que devemos cuidar para não nos preocuparmos com a opinião das outras pessoas sobre nós enquanto estivermos tentando

⁸⁰ LLOYD-JONES, *Estudos no sermão do monte*.

agradar a Deus, ele nos leva pelo mesmo caminho: devemos temer ao Senhor e não aos homens.

A palavra “temer”, no sentido bíblico, é muito ampla. Ela inclui ter medo de alguém, mas amplia-se a respeitar muito alguém, ser controlado ou dominado, adorar, colocar a confiança ou precisar desse alguém.⁸¹ O nosso temor deve ser voltado exclusivamente a Deus e qualquer cristão com um mínimo conhecimento bíblico percebe isso, pela lógica! Ele é o Deus Altíssimo, o Criador de todas as coisas, o nosso Redentor, o Santo de Israel, aquele que nos tirou da escravidão, o Deus Todo-Poderoso, o grande Eu Sou, o Alfa e o Ômega, o único digno. Mesmo que usássemos todas as palavras de louvor em todas as línguas existentes, jamais poderíamos expressar a majestade de Deus! O temor que se instala em nosso coração apenas ao proferir essas palavras nos leva a cair de joelhos e a depositar toda a nossa vida nas mãos do Soberano Senhor! Como o nosso coração poderia se voltar para qualquer outra coisa em busca de auxílio? A lógica evidencia o quão perigoso é o pecado e o quanto devemos nos preocupar com ele, tendo em vista que temos o privilégio de conhecer o Deus vivo em toda a sua santidade e ainda assim temos a audácia de colocar homens ou quaisquer outras coisas no seu lugar no trono dos nossos corações. Por isso, as disciplinas espirituais são tão importantes, pois todos os dias precisamos contemplar a glória de Deus para reordenar os nossos afetos.

No Sermão do Monte, Jesus mostra como o coração enganoso age: mesmo dando esmolas, orando e fazendo jejum, uma pessoa é capaz de não estar glorificando a Deus. Estes três comportamentos eram comuns na vida dos fariseus, que exaltavam a lei de tal maneira ao ponto de jejuar duas vezes por semana, enquanto a lei de Moisés só exigia o jejum uma vez ao ano. Aos olhos das outras pessoas, esses homens agradavam muito a Deus, mas aos olhos daquele que conhece o coração, estes homens não passavam de hipócritas. Jesus deixa claro qual era a recompensa: o louvor dos homens, mas a ira de Deus. “Uma espiritualidade que busca ser vista pelos homens com o propósito de ganhar a aprovação dos homens, em vez de revestir-se de humildade com o fim de agradar a Deus, é soberba e está na contramão da verdadeira espiritualidade.”⁸²

⁸¹ WELCH, Edward T. *Quando as pessoas são grandes e Deus é pequeno: vencendo a pressão do grupo, a codependência, e o temor do homem*. São Paulo: Batista Regular, 2011, p. 13.

⁸² LOPES, *Mateus*, p. 252.

O temor dos homens passa por dois caminhos: podemos nos importar com a opinião das outras pessoas sobre nós ou com a nossa própria opinião. Somos criaturas inteligentes e dotadas de um grande senso de crítica e autocrítica, o que não é errado em si. Porém, o peso da crítica se torna um erro a partir do momento em que nós ou os outros são colocados no altar: aqueles a quem queremos agradar, para receber o louvor. Naturalmente nos lembramos da primeira bem-aventurança, que nos diz que apenas os pobres de espírito, os que reconhecem que não são dignos de nenhum louvor é que poderão ter parte no reino dos céus.

Parece abstrato falar sobre o temor dos homens, já que esta expressão exata não está na Bíblia. Alguns exemplos de pessoas que temeram mais aos homens do que a Deus podem nos ajudar. Saul temeu mais aos homens que a Deus quando não esperou por Samuel e ofereceu sacrifícios ao Senhor porque os soldados estavam se dispersando e ele teve medo de ser atacado pelos filisteus. Arão temeu aos homens quando construiu um bezerro de ouro para o povo adorar ao invés de esperar por Moisés que estava no Sinai recebendo as instruções do Senhor. Moisés e Arão temeram os homens quando bateram na rocha para dar água ao povo e puxaram a glória para si. Ananias e Safira temeram aos homens quando mentiram a respeito do valor da propriedade que venderam. Na nossa vida, também podemos encontrar várias situações onde tememos aos homens: quando temos dificuldade de dizer não, quando sentimos inveja, quando mentimos para parecermos melhores do que realmente somos, quando dizemos que precisamos dos outros para nos completar, quando as opiniões alheias nos controlam ou nos deixam irados.⁸³ Muitas outras histórias e situações podem nos ajudar a entender o temor aos homens, mas Deus não foca nesta expressão por uma questão de prioridades, porque a Bíblia não é sobre nós. Todas as histórias registradas ali são sobre a grandeza e a santidade do Senhor e o temor devido ao seu nome.

Martyn Lloyd-Jones diz que o princípio é:

‘Esqueça-se inteiramente das outras pessoas’. (...) O erro mais grave é essa preocupação com a opinião alheia. Não nos importemos com a impressão que estivermos dando a outros; simplesmente olvidemo-nos de nós mesmos e dediquemo-nos inteiramente à causa de Deus. Que nossa preocupação seja somente com Deus e sobre como podemos agradá-Lo em tudo. Preocupemo-nos exclusivamente com a Sua honra e glória. Se a nossa maior preocupação for agradar a Deus e glorificar o Seu nome, então não encontraremos qualquer dificuldade quanto a essas outras coisas. Se um homem está vivendo inteiramente para a glória do Senhor, então ninguém precisa

⁸³ WELCH, *Quando as pessoas são grandes e Deus é pequeno*.

prescrever para ele quando deve jejuar, nem precisa prescrever para ele o tipo de roupas que deve usar, e nem precisa prescrever-lhe qualquer outra coisa. Se alguém se esqueceu de si mesmo e se dedicou inteiramente a Deus, então o próprio Novo Testamento declara que esse alguém saberá como deve comer, beber e vestir-se, porquanto estará fazendo tudo para a glória de Deus. E graças damos a Deus, porque a recompensa dessa pessoa está garantida e assegurada, além de ser deveras poderosa — ‘... e teu Pai que vê em secreto, te recompensará’. A única coisa que importa é que a nossa relação com Deus esteja correta, e que o nosso objetivo seja agradar ao Senhor. Se essa for a nossa preocupação, então poderemos deixar todo o resto aos Seus cuidados. Talvez o Senhor retenha o nosso galardão durante anos; mas isso não importa. Receberemos a recompensa. As promessas divinas nunca falham. Embora o mundo jamais entenda quem somos, Deus o sabe(...). Que os homens não te ouçam, não te amem e nem te louvem. Mas, que importa isso; É o Senhor quem te aprova.⁸⁴

Em tudo o que fizermos, precisamos verificar, o tempo todo, qual é a motivação do nosso coração, para não correr o risco de buscarmos a nossa glória. Quem somos e a quem adoramos é o que determina as nossas ações. Isso não significa que devemos deixar de lado as boas ações, por medo de errar no princípio; ou que devemos nos esconder para praticá-las, fugindo dos olhares dos homens. Jesus está nos dizendo o mesmo que é dito em toda a Bíblia: o que importa é o nosso coração!

Agostinho chama a atenção para o risco que corremos, mesmo tendo os olhos já purificados, de pegar a poeira que acompanha as nossas ações.⁸⁵ Nosso viver deve suscitar nas outras pessoas o desejo de nos elogiar, mas correremos perigos quando eles o fizerem. Os elogios feitos a nós só serão proveitosos se glorificarem a Deus. Portanto, não devemos fazer nada para procurar os louvores dos homens. Jesus não diz que temos que nos esconder, mas que temos que tomar o cuidado de não fazer apenas para aparecer para os outros. Não podemos achar que a nossa felicidade está nos aplausos dos homens.

Deus é zeloso e ciumento e não divide a sua glória com ninguém, por isso o temor a Deus deve nos inspirar um certo tipo de medo, mas não o medo que nos faz sair correndo, que nos aterroriza. Esse é um medo que não sabemos comparar ou explicar porque não conseguimos experimentá-lo diante de nenhuma criatura. O temor ao Senhor nos atrai a ele e à sua santidade. Quanto mais temor temos, mais nos aproximamos, mais fortemente o amamos. Quando estamos bem perto da sua glória, entendemos plenamente que ele é também bondoso e misericordioso, muito paciente e cheio de amor. Nossa vida precisa ser

⁸⁴ LLOYD-JONES, *Estudos no sermão do monte*, p. 513.

⁸⁵ AGOSTINHO, *Patrística - O Sermão da Montanha e Escritos Sobre a Fé*.

uma expressão desse amor, e a nossa maior alegria deve estar em fazê-lo feliz. Nós temos um Deus que se alegra em nós, um Deus que faz festa quando o filho que estava perdido volta para casa, um Deus que é o pai mais amoroso que jamais poderíamos imaginar! Que as nossas atitudes sejam sempre um aroma agradável ao Senhor e inspirem nele um sorriso ao olhar para nós.

O temor do Senhor é o princípio da sabedoria, e o conhecimento do Santo é entendimento; todos os que cumprem os seus preceitos revelam bom senso. (Provérbios 9.10, Salmos 111.10) O caráter do cristão foi forjado no ato da sua conversão, mas a sabedoria e o entendimento precisam ser aperfeiçoados diariamente. Na carta de Paulo aos Efésios, ele insiste para que os cristãos deixem de ser como os gentios, obscurecidos no entendimento e com os corações endurecidos. “O propósito é que não sejamos mais como crianças, levados de um lado para outro pelas ondas, nem jogados para cá e para lá por todo vento de doutrina e pela astúcia e esperteza de homens que induzem ao erro. Antes, seguindo a verdade em amor, cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo. ” (Efésios 4.14,15) Se estivermos próximos de Deus, sendo aperfeiçoados para o louvor da sua glória, poderemos ter relacionamentos saudáveis, tanto com o nosso “eu”, como com as outras pessoas.

O aconselhamento bíblico precisa trabalhar fundamentado nas bases descritas neste capítulo porque sabemos que jamais poderemos ser como o Senhor espera sem nos dedicarmos a buscá-lo e a conhecê-lo. Se o relacionamento do cristão com Deus for sólido, os outros relacionamentos poderão ser trabalhados com a perspectiva correta; caso contrário, haverá sempre um ruído na comunicação, porque o “eu” procurará ser sempre exaltado.

Jesus conhece a inclinação do nosso coração e sabe que o pecado sempre nos leva a buscarmos a nossa glória, por isso, nos instruiu a respeito de como cuidar do nosso “eu”. Somente quando somos transformados e feitos novas criaturas podemos nos relacionar com Deus; e apenas depois de nos relacionarmos com Deus poderemos trabalhar com o nosso coração para aprender a viver para a glória do seu nome.

3 INSTRUÇÕES ACERCA DO RELACIONAMENTO DO CRISTÃO COM O SEU CORAÇÃO

No Sermão do Monte, Jesus demonstra um cuidado especial para com os seus discípulos. Ele poderia ter apenas dito quem somos e como devemos nos relacionar com o Pai e com as outras pessoas, mas cuida também do nosso coração. Ele não é um Deus distante que nos deixa aqui apenas para cumprir tarefas até a sua volta; ele quer que sejamos plenamente felizes, quer que desfrutemos do Reino onde já vivemos, quer nos dar vida em abundância! Deus sabe que vivemos em um mundo envolto em dores, mas envolto também em prazeres e que o nosso coração irá desejar as coisas que são vistas como boas aqui. Por isso, nos dá instruções especiais em relação aos tesouros, à ansiedade e ao cuidado com os nossos olhos e nosso coração.

“O coração é mais enganoso que qualquer outra coisa e sua doença é incurável. Quem é capaz de compreendê-lo? ” (Jeremias 17.9). A pergunta de Jeremias ecoa na mente de qualquer um que se proponha a ajudar outras pessoas nas questões de saúde mental: por que agimos de forma contrária àquilo que acreditamos? Por que fazemos exatamente o que não gostaríamos de fazer? Por que insistimos naquilo que nos faz mal? Algumas linhas da psicologia buscam entender o porquê, enquanto outras tentam transformar o comportamento, mas todas elas têm um único objetivo: ajudar o paciente (ou cliente) a ter uma vida saudável, lidando melhor com as dificuldades e com as consequências das suas atitudes. Para o mundo, o coração não é enganoso e não há doença nenhuma, mas para o cristão que já conheceu o padrão para o seu coração, essas verdades são reveladoras. Descobrimos que sozinhos jamais conseguiremos compreender os caminhos do nosso coração.

“Eu sou o Senhor que sonda o coração e examina a mente, para recompensar a cada um de acordo com a sua conduta, de acordo com as suas obras” (Jeremias 17.10). A resposta de Deus à questão de Jeremias é o fio que nos tira das ciências humanas e nos leva ao aconselhamento bíblico. Deus é capaz de compreender o coração! Foi ele quem criou e viu a sua obra em perfeito funcionamento antes da queda, viu onde quebrou no momento da queda e nos vê, diariamente, colocando curativos nas peças quebradas e preenchendo os vazios com a areia do mundo. Deus, que fez o nosso coração para o louvor da sua glória, vê aqueles que são seus sendo destruídos pelo agir do pecado. O coração para ele é tão importante que esse é o assunto central das Escrituras quando se trata da humanidade: a lei

moral era para resguardar o coração; a lei judicial, para criar barreiras sociais que impedissem que o pecado dominasse sobre suas ações; e a lei cerimonial era para trazer o coração do povo de volta à comunhão com ele e com a sua santidade. Quando o povo se desvia para seguir aos deuses de Canaã, ele os chama de adúlteros, porque o seu coração abandonou o Senhor para amar a deuses falsos. No ministério de Jesus, a ênfase é a mesma: o que importa é o coração. Deus disse que irá nos recompensar de acordo com as nossas obras porque conhece a motivação delas! De nada adiantam as boas obras se o pecado está habitando no coração, pois este era o comportamento dos fariseus que excediam a lei, mas abrigavam o pecado dentro deles.

3.1 A importância do cuidado com o coração

“Vocês ouviram o que foi dito: ‘Não adulterarás’. Mas eu lhes digo: qualquer que olhar para uma mulher para desejá-la, já cometeu adultério com ela no seu coração. Se o seu olho direito o fizer pecar, arranque-o e lance-o fora. É melhor perder uma parte do seu corpo do que ser todo ele lançado no inferno. E se a sua mão direita o fizer pecar, corte-a e lance-a fora. É melhor perder uma parte do seu corpo do que ir todo ele para o inferno”.

Mateus 5.27-30

Todas as bem-aventuranças fluem de dentro para fora e nenhuma delas pode ser fingida; e no restante do sermão, Jesus mostra diversas vezes a importância do coração. O cristão que procura viver uma vida moralmente correta, mas não se importa com a pureza do seu coração, não verá a Deus. O pecado devastou nosso coração, mas Cristo morreu para recuperá-lo. Por isso, não podemos ignorar seu chamado a extirpar completamente do pecado que habita em nosso coração.

Agostinho diz que o pecado passa por três graus: a sugestão, o deleite e o consentimento.¹ Esse foi o caminho percorrido desde o primeiro pecado. A serpente não chegou oferecendo o fruto a Eva; ela questionou a ordem dada por Deus: “Foi isto mesmo que Deus disse? ” Essa sugestão vive no coração de grande número de cristãos hoje. Quantos

¹ AGOSTINHO, *Patrística - O Sermão da Montanha e Escritos Sobre a Fé*.

conselheiros conseguem contar nos dedos de uma mão o número de adolescentes e jovens que já perguntaram a ele por que o sexo antes do casamento é pecado? Mesmo aqueles que cresceram com uma base bíblica sólida, questionam isso em algum momento. Sugestões como a autopromoção, a vaidade, o orgulho, o abuso de álcool e a sexualidade permeiam as conversas, as redes sociais, os programas de televisão e os relacionamentos do mundo. O tempo todo surge no nosso coração uma raiz de dúvida: “será que foi isso mesmo que Deus falou? ”, e muitos torcem a palavra de Deus e caminham para o deleite.

“... a mulher viu que a árvore parecia agradável ao paladar, era atraente aos olhos e, além disso, desejável para dela se obter discernimento. ” Eva se deleitou ao olhar o pecado nos olhos. Para ela, Deus havia dado a ordem por medo de que os homens fossem iguais a ele. O pecado sempre distorce o caráter de Deus e as suas ordenanças. Um jovem casal de namorados se deleita no corpo um do outro, sem chegar ao sexo propriamente dito. Uma mulher se deleita com os elogios ao seu corpo, mas não chega a trair o marido. Um homem se deleita com a pornografia, mas não chega a trair a esposa com outra mulher. Alguém se deleita com a festa regada a muito álcool na noite de sábado, mas não perde o culto no domingo de manhã. Alguém se deleita ao ouvir as fofocas sobre outra pessoa, mas não chega a passar para frente. Quem se deleita com a sugestão do pecado se sente justificado por não ter chegado às vias de fato naquilo que o seu próprio coração estabeleceu como limite. A imundícia do coração não começa a partir do deleite, mas do momento em que acatamos a sugestão. Jesus diz que, para ele, deleitar-se no pecado é o mesmo que consentir. O pecado foi cometido no coração no exato instante em que a ordem de Deus foi ignorada.

“...tomou do seu fruto, comeu-o e deu ao seu marido, que comeu também. Os olhos dos dois se abriram, e perceberam que estavam nus; então juntaram folhas de figueira para cobrir-se.” O genuíno cristão tem a clara sensação de estar completamente nu, quando consente com o pecado. Os nossos olhos se abrem e nós nos sentimos humilhados, fracos, incapazes de atender à voz que nos chama. A nossa reação é sempre a fuga, porque a sensação é desesperadora. Ah! Se o nosso coração aprendesse a evitar o pecado desde a primeira vez em que nos sentíssemos assim! Seria maravilhoso viver sem desonrar a santidade do Deus vivo! Jesus nos promete que será assim quando estivermos no céu, mas, até lá, precisamos nos esforçar ao máximo para manter qualquer sugestão de pecado longe do nosso coração.

Agostinho fala também das três espécies de pecado: o pensamento, a ação e o hábito.² O chamado ao discipulado cristão envolve compromisso com os pensamentos também. Na ação, o cristão se sente humilhado e foge de Deus, o que pode levá-lo ao hábito. Quando o pecado se torna um hábito, ele é capaz de alterar o funcionamento químico do nosso cérebro trazendo graves consequências até físicas àquele que peca. O mundo já vê essas alterações acontecerem com pessoas que consomem a pornografia, pois, algumas vezes, o dano é tão grande que só depois de anos de tratamento, a pessoa é capaz de ter uma relação sexual satisfatória com o cônjuge novamente. Freud dizia que a culpa faz o ser humano adoecer, mas Cristo nos diz que a ela é a reação natural de um coração que conheceu a graça e o amor de Deus e agora adoece por abrigar o pecado.

No momento em que percebemos como o pecado nos amarra sutilmente e o como ele é imundo diante da santidade de Deus, entendemos o que Cristo estava explicando ao dizer que se o olho direito nos faz pecar, devemos arrancá-lo e jogá-lo fora. Se não lidarmos de maneira radical com o pecado, ele nos levará a caminhos de morte, e então não podemos fazer qualquer concessão a ele. A nossa dificuldade é que, assim como Eva, nós nos achamos muito espertos, por acharmos que temos força suficiente para flertar com o pecado sem olhá-lo diretamente nos olhos. Pensamos que já somos suficientemente maduros na fé para chegar mais perto do pecado porque a nossa experiência nos manterá a salvo. Se os nossos olhos estiverem em nós, ou no pecado, é exatamente assim que pensaremos. Todavia, se os nossos olhos estiverem fixos na santidade de Deus, perceberemos a natureza do pecado e sua consequência que levou Jesus a morrer na cruz. Ele levou sobre si os nossos pecados para nos capacitar a evitar qualquer ocasião que nos amarrasse a eles novamente. Somente pela sua força, nós teremos a condição para arrancar o olho direito e a mão direita.

Quando Jesus diz que é melhor arrancar o olho direito do que pecar, ele está se referindo a um objeto de viva afeição. “Eis, pois, o sentido dessas palavras do Evangelho: seja qual for o objeto de tua afeição, seja ele querido como o olho direito ‘se te leva a pecar’, isto é, se for impedimento à verdadeira felicidade, ‘arranca-o e lança-o para longe de ti. Pois é preferível que se perca’ um objeto que amas, como a um de teus membros, ‘do que todo o

² AGOSTINHO, *Patrística - O Sermão da Montanha e Escritos Sobre a Fé*, p. 43.

teu corpo seja lançado na geena’.”³ Nenhum sacrifício é grande demais para livrar-se do desejo que nos separa de Cristo. O olho e a mão são menos que Cristo.⁴

John Stott traz uma aplicação importante sobre esse princípio ao usar Jó como exemplo, como quando ele declarou que fez um acordo com seus olhos para não olhar para as moças e isso controlava o seu coração (Jó 31.1). O controle do coração de Jó se devia ao controle de seus olhos, e esse é o princípio da mortificação: rejeitar as práticas do pecado como resolução sem concessões.

Se o seu olho o faz pecar porque a tentação o assola através dos seus olhos (os objetos que você vê), então arranque os seus olhos. Isto é, não olhe! Comporte-se como se você realmente tivesse arrancado os seus olhos e os tivesse jogado fora, e estivesse agora cego e sem poder ver os objetos que anteriormente o levavam a pecar. Repito, se a sua mão ou o seu pé o fazem pecar, porque a tentação o assola através de suas mãos (coisas que você faz) ou de seus pés (lugares que você visita), então corte-os fora. Isto é: não faça! Não vá! Comporte-se como se na realidade você tivesse cortado e jogado fora seus pés e suas mãos, e estivesse agora aleijado e sem poder fazer as coisas ou visitar os lugares que anteriormente o levavam a pecar.⁵

Dietrich Bonhoeffer explica que o pecado acontece na vida do cristão por falta de fé, uma vez que, quem sucumbe a ele, o faz porque não acredita que Deus pode recompensá-lo com centenas de alegrias por não ter sucumbido à paixão.⁶ Discipulado é completa abnegação, já que a vontade dos discípulos de Jesus não pode ser controlada, dominada pelo desejo.

Ao falar sobre pecado, costumamos citar apenas alguns que são mais comuns, mas sabemos quais são aqueles contra os quais lutamos. Em algumas pessoas, o desejo sexual é despertado mais facilmente do que em outras; o mesmo acontece com a preguiça, o orgulho, a maledicência, o exagero de álcool ou de comida, a ira, a mentira e com tantos outros pecados que nos maltratam. Por isso, não devemos julgar as liberdades que outros irmãos se permitem ter, mas o princípio da vigilância contra o pecado é válido para todos os cristãos.⁷ Precisamos ser cuidadosos ao ajudar os aconselhados na mutilação do pecado, para que seja o objeto da afeição deles a ser extirpado, e não o nosso. Esse processo pode ser dolorido e acabar nos levando para fora do que é cultural quando evitamos redes sociais, livros, filmes,

³ AGOSTINHO, *Patrística - O Sermão da Montanha e Escritos Sobre a Fé*, p. 45.

⁴ BONHOEFFER, *Discipulado*.

⁵ STOTT, *Contracultura cristã*, p. 44.

⁶ BONHOEFFER, *Op.Cit.*

⁷ STOTT, *Op.Cit.*

séries ou programas sociais que nos façam pecar, mas é preciso ter em mente a importância da eternidade e da pureza.

Martyn Lloyd-Jones afirma que a evangelização não pode partir da proclamação de uma vida de alegria, mas da grandeza de Deus e da completa perversão da natureza humana.⁸ Só aquele que compreende o horror do seu pecado pode ver com clareza a maravilha da cruz e encontrar ali as delícias de uma vida escondida. Por isso, precisamos compreender a importância da alma e o seu destino; precisamos nos treinar para odiar o pecado; e precisamos entender a importância de mortificar o pecado em nós de maneira radical. A única maneira de nos encontrarmos completamente limpos e purificados diante do Pai é através da cruz de Cristo e do poder do Espírito agindo em nós.

3.2 O tesouro

“Não acumulem para vocês tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem destroem, e onde os ladrões arrombam e furtam. Mas acumulem para vocês tesouros no céu, onde a traça e a ferrugem não destroem, e onde os ladrões não arrombam nem furtam. Pois onde estiver o seu tesouro, aí também estará o seu coração.”

Mateus 6.19-21

A natureza essencialmente prática do sermão se evidencia novamente. Jesus não está se dirigindo a seres exclusivamente espirituais, mas a novas criaturas que estão se ajustando para viver ainda nesta terra, enquanto esperam o pleno estabelecimento de sua morada celestial.

Alguns leem essa passagem e aplicam como se Jesus estivesse falando de dinheiro, riquezas e posses. Daí vem algumas interpretações erradas como o voto de pobreza, a proibição em ter posses ou a rejeição daqueles que são ricos. Essa é uma visão limitada acerca do que Jesus está ensinando nesse trecho. Emilio Garofalo Neto, diz que, aqui, Jesus não está falando apenas de dinheiro, mas de quem coloca o coração no dinheiro, e de todos aqueles

⁸ LLOYD-JONES. *Estudos no sermão do monte*.

que acumulam tesouros nesta vida.⁹ Como vimos, Jesus se importa com o nosso coração e não com as coisas externas. Ele está falando dos tesouros que nos dominam, das coisas que nos são tão preciosas que ganham a nossa vida e o nosso tempo.

A sociedade onde vivemos define o “ser” pelo “ter”. Portanto, o raciocínio é se eu tiver, eu serei.¹⁰ Um bom exemplo disso é o que as pessoas respondem quando você pede a elas que se apresentem. No mundo e na igreja, as apresentações ganham estruturas diferentes, mas o raciocínio é o mesmo. Quando uma mulher não cristã se apresenta, ela diz: “Meu nome é Maria, sou médica (tenho um diploma de ensino superior), especialista em cirurgia cardíaca (tenho outro nível de graduação) e sou chefe da cirurgia do hospital (tenho uma ocupação importante).” O que ela está dizendo é: “eu preencho os requisitos para ser reconhecida por você, então você deve me valorizar.”. Já uma mulher cristã, que quer ser valorizada pelo “ter”, dirá: “Meu nome é Maria, esposa do Paulo (tenho um marido), mãe do Pedro, da Débora e do Estevão (tenho vários filhos), e sou responsável pelo grupo de mulheres do sínodo da minha região (tenho uma ocupação importante).” Ela está dizendo exatamente a mesma coisa: “eu preencho os requisitos para ser reconhecida por você, então você deve me valorizar.”. Os requisitos do mundo e da igreja são diferentes, mas a valorização das duas ainda se dá pelo ter. Ninguém pensa muito nisso na hora de se apresentar, e fala pelo costume, mas essa fala mostra os valores da nossa sociedade: você só será alguém reconhecido e valorizado se tiver algo que o torne digno. Assim, o nosso coração se desespera na busca pelos mais diversos tesouros que podemos ter.

A Bíblia nunca focou no “ter”. As nossas conquistas terrenas e as nossas posses não valerão nada quando sairmos dessa vida. Os cidadãos do reino de Deus precisam focar no ‘ser’ para garantir tesouros para além dessa vida: já vimos nas bem-aventuranças que aqueles que “são” terão parte do reino dos céus. Mas ainda estamos no mundo e não precisamos renunciar a todas as coisas boas que ele nos oferece, como fazem alguns que se retiram para uma vida privada, somente com o que é necessário para viver. Mais uma vez, é preciso lembrar que, para Deus, o que importa é o coração. Jesus não condena o “ter”, mas ele está dizendo que qualquer coisa que tivermos pode ser um tesouro que domina o nosso coração, até as coisas boas e lícitas. Parece difícil entender o que mais pode ser um tesouro além de bens materiais,

⁹ GAROFALO NETO, Emilio. *O Tesouro, o Coração e a Lâmpada*. [Sermão]. Disponível em: <<http://ipseinear.org/sermao/o-tesouro-o-coracao-e-a-lampada/>>. Acesso em: 05 nov. 2020.

¹⁰ SANTOS, *Alma nua*.

mas algumas perguntas podem nos ajudar a encontrá-los em nosso coração: o que consome o seu tempo ao ponto de você não conseguir sequer descansar? O que te deixa extremamente feliz, exultante? O que você mais gostaria que tivesse no céu? O que te deixaria desesperado, arrasado, se fosse tirado da sua vida? O que te deixa profundamente irado? Qual é o “não” que te deixa tão frustrado ao ponto de você nem querer levantar da cama? O que te motiva e te faz levantar da cama todos os dias? Qual é o sonho que transforma o seu rosto ao falar dele? Qual é o seu maior motivo de orgulho? Essas perguntas são ótimas para investigar quais são os nossos mais preciosos tesouros e nós precisamos estar atentos a elas todos os dias.

Quase todas as respostas que são dadas a essas perguntas não são coisas pecaminosas por si só. O trabalho pode consumir o nosso tempo, uma viagem pode nos deixar extremamente felizes, podemos querer toda a nossa família no céu, podemos ficar desesperados se os nossos filhos nos forem tirados, podemos ficar irados quando alguém atrapalha o nosso momento de descanso, podemos ficar frustrados quando não temos condições de comprar um telefone novo, podemos levantar animados para fazer exercícios e levar uma vida saudável, podemos sonhar com um casamento maravilhoso e podemos nos orgulhar do nosso currículo. Porém, se não tomarmos cuidado, todas essas coisas podem ser os tesouros mais preciosos do nosso coração.

As analogias de Jesus são sempre perfeitas porque podemos entender exatamente do que ele está falando. Nós trabalhamos para acumular tesouros, descansamos pensando na beleza deles e lutamos bravamente para que ninguém os tire de nós. Até as crianças adoram brincar de caça ao tesouro porque o resultado sempre vale qualquer sacrifício. O tesouro transforma os nossos dias, consome o nosso coração ao ponto de só conseguirmos pensar nele. Jesus diz que o nosso coração está onde o nosso tesouro estiver e nós sabemos muito bem disso!

Dietrich Bonhoeffer diz que tudo o que nos impede de amar a Deus acima de todas as coisas, tudo o que nos impede de obedecer, é o tesouro onde o nosso coração tem se apegado. “Onde está meu tesouro, ali está minha confiança, minha segurança, meu consolo, meu deus. Tesouro é idolatria.”¹¹ Hernandez D. Lopes, falando especificamente sobre o dinheiro, diz: “O problema não é possuímos dinheiro, mas o dinheiro nos possuir. O problema não é guardar dinheiro no bolso, mas entronizá-lo no coração. O problema não é o dinheiro,

¹¹ BONHOEFFER, *Discipulado*, p. 163.

mas o amor ao dinheiro.”¹² Ivênio dos Santos fala sobre o governo: “Se o dinheiro determinar o que fazemos ou deixamos de fazer, então é ele quem nos governa, mas se for Deus quem determina o que fazemos ou deixamos de fazer então é Ele quem nos governa. Simplesmente precisamos decidir quem vai tomar as nossas decisões.”¹³

Quando somos ensinados a acumular tesouros no céu, Jesus está dizendo que a nossa vida cotidiana deve ser focada nas coisas ligadas à eternidade. No momento em que pensamos assim e lidamos com as coisas que poderiam ser os nossos tesouros, vemos algumas bem-aventuranças se manifestarem. Se o nosso tesouro está no céu, não nos importaremos em abrir mão de uma quantia para ser misericordioso com uma pessoa que está passando necessidade e nos pede ajuda, mesmo que não faça parte do nosso planejamento. Se o tesouro está no céu, seremos mansos quando tivermos uma ideia roubada ou sofrermos qualquer espécie de plágio. Se o nosso tesouro está no céu, abriremos mão do nosso conforto para atuar como pacificador em uma briga entre irmãos. Nada nessa vida nos será tão precioso ao ponto de não poder abrir mão porque temos os olhos fixos na eternidade e nos tesouros prometidos por Deus àqueles que agirem assim.

3.3 A adoração

“Ninguém pode servir a dois senhores; pois odiará a um e amará o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro. Vocês não podem servir a Deus e ao Dinheiro”.

Mateus 6.24

Jesus sabe que o nosso coração foi criado com a pré-disposição para servir. Quando fomos expulsos do Éden, saímos com um trono vazio e passamos a vida procurando deuses falsos para colocar no trono. Jesus também sabe que achamos que o dinheiro é poderoso porque ele nos dá aquilo que o nosso coração deseja, achamos que ele pode garantir o nosso futuro. Ele nos alerta para o fato de que os dois senhores querem dedicação exclusiva. “A adoração a um deles aumenta o desprezo pelo outro.”¹⁴ Muitas vezes Deus falou ao povo que

¹² LOPES, *Mateus*, p. 269.

¹³ SANTOS, *Alma nua*, p. 52.

¹⁴ PETERSON, Eugene H. *A Mensagem: Bíblia em linguagem contemporânea*. São Paulo: Vida, 2011, p. 1881.

ele é ciumento e não aceita um coração dividido, uma devoção parcial. J. C Ryle diz: “Existem milhares de pessoas, em nossas igrejas, que se sentem desconfortáveis, inquietas e insatisfeitas consigo mesmas, sem nem mesmo saber o porquê. A razão disso está aqui revelada: elas querem estar de bem com Deus e com o mundo. Estão tentando agradar a Deus e aos homens, servindo, ao mesmo tempo, a Cristo e ao mundo.”¹⁵ Aquele que se esforça para servir a dois senhores, acaba não aproveitando os benefícios que eles oferecem, porque nem fica no mundo e aproveita todos os prazeres oferecidos ali; nem fica na igreja e aproveita as bênçãos que provêm da intimidade. Quem vive em cima do muro é morno e não terá acumulado nenhuma riqueza no céu.

A questão desses versos guia incontáveis situações na prática do aconselhamento bíblico. Onde está o seu coração? Essa pergunta direciona olhar para o tesouro do aconselhado, aquilo que lhe é mais precioso, o que ele precisa para sobreviver. Alguns conselheiros, falando sobre o mesmo princípio, usam o termo “ídolos”. Jesus também compara o tesouro a ídolos quando diz que não podemos servir a dois senhores. Independentemente do nome usado, o princípio é que precisamos cuidar dos nossos corações para servir somente a Deus. Nesse sentido, a prática comum é fazer uma busca por ídolos em nosso coração, a fim de encontrá-los, dar nome a eles e falar deles até a exaustão para que o aconselhado perceba que aquele ídolo não deve ser adorado. Essa prática é muito útil porque ajuda o cristão a perceber que o seu objeto de afeição é, na verdade, um ídolo que está sendo adorado no lugar de Deus. Nosso Deus é Deus zeloso e não aceita que coisas criadas tomem o seu lugar. Por isso, o conselheiro precisa trabalhar ativamente para ajudar o aconselhado a reconhecer e abandonar os deuses falsos a quem tem servido.

É interessante ver como o próprio Deus fala dos outros deuses, ídolos ou tesouros na Bíblia. Desde a partida do Egito, Deus vem dizendo ao povo que não se misture com os outros deuses, mas que sirvam somente a ele, o Deus vivo. A história da Bíblia abrange, pelo menos, 3 mil anos de história e a arqueologia mostra que nesse tempo as culturas produziram uma imensa quantidade de deuses — vale reparar que Deus não fala sobre nenhum deles. Ele não fala os seus nomes, por qual especificidade eles são adorados, nem como pedem os seus sacrifícios. Aqueles que estudam um pouco mais o Antigo Testamento, reconhecem facilmente o nome de dois deuses que o povo de Canaã adorava: Baal e Aserá. Quando

¹⁵ RYLE, *Meditações no evangelho de Mateus*, p. 58.

tentamos nos aprofundar, descobrimos que esses nomes não se referem a apenas uma divindade específica, mas a alguns deuses falsos que são chamados assim. Encontramos diversos comentários que explicam a cultura da época, comentam sobre os deuses e seus sacrifícios, mas não encontramos essa explicação na Bíblia porque Deus não está minimamente interessado neles. Um outro ponto interessante para observarmos é o que Deus fala na Bíblia sobre Satanás. Vemos uma diversidade de estudos na internet que torcem ao máximo qualquer texto que fale sobre ele, para entender melhor como é o seu reino, como é a hierarquia e como ele age. Mas Deus não se interessa em falar sobre ele também. A Bíblia não foi escrita para falar sobre outros deuses ou sobre o Diabo, e também não foi para falar dos homens; a Bíblia é toda sobre Deus, a história é para a glória do nome dele, a criação é toda dele! O foco do nosso coração deve ser sempre a grandiosidade do nosso Deus!

O aconselhamento pode seguir a mesma regra: apontar para quem Deus é, ao invés de investir tempo e energia falando de deuses falsos. Quando Deus cresce e toma conta do nosso coração, naturalmente as coisas que entesouramos perdem o valor e o objeto da nossa adoração se ajusta. Por que, ao invés de dizer a uma mãe que ela não deve se importar tanto com o cuidado com o filho, não mostramos a ela o tesouro decorrente do cuidado estendido às outras crianças? Por que não convencemos um jovem que se importa grandemente com a sua posição social que os servos aqui neste mundo serão grandes no reino dos céus? Por que não mostramos àquele que quer juntar um milhão de reais em investimentos, que investir nos tesouros eternos gera dividendos exorbitantes? A vida em abundância está ao nosso alcance, conforme nos foi prometido, nós precisamos apenas ajustar o foco para ver além deste mundo e fixar o olhar na eternidade. A vida aqui vai ser plena e satisfatória se você fizer do céu o seu tesouro.¹⁶

3.4 Os olhos

“Os olhos são a candeia do corpo. Se os seus olhos forem bons, todo o seu corpo será cheio de luz. Mas se os seus olhos forem maus, todo o seu corpo será cheio de trevas. Portanto, se a luz que

¹⁶ GAROFALO NETO, Emilio. *O Tesouro, o Coração e a Lâmpada*. [Sermão]. Disponível em: <<http://ipseinear.org/sermao/o-tesouro-o-coracao-e-a-lampada/>>. Acesso em: 05 nov. 2020.

está dentro de você são trevas, que tremendas trevas são! ”

Mateus 6.22,23

John Stott diz que os nossos olhos significam a nossa ambição: se ela está nos céus, nossa vida tem propósito e incentivo, mas se está nas coisas materiais, perdemos o senso de valores e nossa visão fica embaçada ao ponto de não sabermos mais para onde estamos caminhando.¹⁷ Os olhos são a porta de entrada da alma, o farol para o nosso corpo. Eles “podem nos enlevar ou nos derrubar; podem nos conduzir à prática do bem ou à prática do mal; podem nos levar pelas veredas da justiça ou puxar-nos para os caminhos escorregadios da iniquidade.”¹⁸ Agostinho explica que esse olho significa a intenção com a qual fazemos tudo quanto empreendemos.¹⁹ Se a intenção for pura e reta, as nossas ações também serão boas.

Voltemos àquela comparação do coração numa caixa: o cristão teve a caixa aberta e o coração limpo com a solução que purifica de todo o pecado, que é o sangue de Cristo. Portanto, a nossa caixa agora está completamente aberta, e a tampa foi destruída. Assim, estamos expostos ao mundo com as suas dores, os seus prazeres e toda a espécie de sujeira proveniente do pecado. Vimos que, se a caixa está cheia do Espírito Santo, nada pode sujar o coração, pois ele é inatingível. Porém, a partir do momento em que abandonamos a prática das disciplinas espirituais, da comunhão com os irmãos, do serviço ao Senhor, da adoração conjunta, a caixa vai se esvaziando do Espírito e o coração começa a ficar exposto a toda sorte de intempéries. Imaginemos então que a presença do Espírito na caixa produz uma forte luz que irradia numa vida transformada, num caráter aprovado, em obras que fazem as pessoas verem a luz e glorificarem o nosso Pai que está nos céus. Se a caixa estiver vazia, a luz naturalmente se apagará.

Caminhando um pouco mais na analogia, podemos entender o que Jesus está nos dizendo nessa passagem. Imagine a seguinte ilustração: o cérebro está de um lado (aqui, é a coisa física usada para falar da mente), a caixa com o coração exposto do outro, e os olhos no meio, como uma lente. No momento da conversão, o coração do cristão foi limpo, e os olhos também — somos completamente purificados quando Cristo nos transforma em novas

¹⁷ STOTT, *Contracultura cristã*.

¹⁸ LOPES, *Mateus*, p. 270.

¹⁹ AGOSTINHO, *Patrística - O Sermão da Montanha e Escritos Sobre a Fé*.

criaturas. Naquele momento, o cérebro viu, através dos olhos, um coração perfeito, transbordante do Espírito. Conforme o tempo foi passando, o cérebro percebeu que a presença do Espírito ia diminuindo gradualmente e passou, então, a se dedicar às disciplinas espirituais, para fazer a caixa transbordar novamente e deixar o coração completamente imerso no Espírito. É importante perceber que as lentes dos olhos estavam limpas, por isso, o cérebro viu o que estava acontecendo com o coração e pôde tomar medidas necessárias para reverter a perda.

Nós sabemos, por experiência, que não podemos controlar sozinhos as nossas mentes e nem purificar os nossos corações, mas Jesus nos diz que os olhos são a nossa responsabilidade. Eles são como uma lente que pode se mover. Até agora, ele só percebe a tremenda luz que irradia da presença do Espírito Santo em seu coração, mas aos poucos, começa a perceber luzes coloridas piscando ao seu redor — essas luzes são os prazeres que o mundo oferece para desviar os nossos olhos do que acontece no coração. Sendo assim, vamos movendo as lentes para aquele conjunto de luzes tão interessantes.

Se as lentes não estão direcionadas para a luz branca fortíssima, o nosso cérebro não consegue identificar a sujeira na lente e, aos poucos, os olhos e o coração vão se contaminando com a sujeira do pecado no mundo. As luzes coloridas são muito interessantes, então o cérebro diz: “Está tudo certo. Na última vez em que eu verifiquei, a caixa estava cheia e o coração estava limpo. Quando der tempo, eu verifico de novo.” Enquanto isso, a presença do Espírito vai diminuindo e o coração passa a ser exposto às intempéries do mundo. Quanto mais vazia a caixa fica, mais sujo fica o coração, quanto menos luz, menos o cérebro percebe a sujeira das lentes.

Jesus está dizendo que é impossível que o cérebro veja a luz que vem do coração e as luzes cintilantes do mundo ao mesmo tempo. As lentes terão que se mover para focar um ou outro. Se as nossas lentes estiverem sujas, não veremos o terrível estado dos nossos corações e não nos preocuparemos em tomar as atitudes necessárias para purificá-lo novamente. Que tremendas trevas serão!

Colocar os nossos olhos nas coisas terrenas, nos tesouros deste mundo, é escolher um caminho de trevas. Veremos apenas luzes distantes e perderemos a capacidade de ver a beleza que está ao nosso redor, das coisas que já fazem parte da nossa vida, das bênçãos que podemos alcançar enquanto ainda estamos neste mundo. Porém, se os nossos olhos

estiverem voltados para o tesouro celestial, o nosso cérebro agirá de acordo com elas e a nossa vontade então estará completamente alinhada com a vontade de Deus para nós.

3.5 A ansiedade

“Portanto eu lhes digo: não se preocupem com suas próprias vidas, quanto ao que comer ou beber; nem com seus próprios corpos, quanto ao que vestir. Não é a vida mais importante do que a comida, e o corpo mais importante do que a roupa? Observem as aves do céu: não semeiam nem colhem nem armazenam em celeiros; contudo, o Pai celestial as alimenta. Não têm vocês muito mais valor do que elas? Quem de vocês, por mais que se preocupe, pode acrescentar uma hora que seja à sua vida? Por que vocês se preocupam com roupas? Vejam como crescem os lírios do campo. Eles não trabalham nem tecem. Contudo, eu lhes digo que nem Salomão, em todo o seu esplendor, vestiu-se como um deles. Se Deus veste assim a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada ao fogo, não vestirá muito mais a vocês, homens de pequena fé? Portanto, não se preocupem, dizendo: ‘Que vamos comer?’ Ou ‘que vamos beber?’ Ou ‘que vamos vestir?’ Pois os pagãos é que correm atrás dessas coisas; mas o Pai celestial sabe que vocês precisam delas. Busquem, pois, em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça, e todas essas coisas lhes serão acrescentadas. Portanto, não se preocupem com o amanhã, pois o amanhã se preocupará consigo mesmo. Basta a cada dia o seu próprio mal”.

Mateus 6.25-34

Alguns cristãos chegam ao aconselhamento bíblico com a seguinte queixa: “eu sou uma pessoa muito ansiosa e preciso aprender a lidar com isso”. Antes de começar a lidar com a ansiedade propriamente dita, precisamos trabalhar essa forma errada pela qual alguns cristãos se definem. Um cristão jamais poderá “ser” uma pessoa ansiosa porque o pecado não pode definir a nossa identidade. Ao nos resgatar do império das trevas, Deus nos fez novas criaturas e nos deu uma nova identidade: somos cidadãos do reino dos céus, filhos do Deus

Altíssimo, feitos à sua imagem. Somos pessoas transformadas que lutam contra o pecado, e a ansiedade é somente um entre tantos outros.

A sociedade diz que a ansiedade é o mal do século. Nunca houve na história tão grande quantidade de pessoas nos consultórios de psicologia e psiquiatria se queixando de ansiedade. Em 2020, no início da pandemia da COVID-19, a busca por medicamentos ansiolíticos aumentou em 34%.²⁰ É natural que seja assim, pois estamos vivendo tempos de grandes incertezas. Um vírus mortal tomou conta de todo o planeta e não há um país sequer habilitado a lidar sabiamente com ele. Os cientistas, que já clonaram uma ovelha, que pensam em expedições à Lua, que aprenderam a mapear o DNA, correm em círculos sem conseguir explicar o que exatamente o vírus faz com o corpo humano. Não é só a pandemia que deixa os corações ansiosos, o intenso uso das redes sociais também nos leva por esse caminho. Vemos as pessoas que conhecemos fazendo viagens incríveis, vemos suas casas bem decoradas, vemos casais fazendo declarações públicas de amor, vemos diversos produtos que facilitariam muito o nosso dia a dia, vemos desconhecidos aproveitando uma vida de luxo e diversão que estão muito longe do nosso alcance. É natural e esperado que a ansiedade domine muitas pessoas que não têm o emprego dos sonhos, a família dos sonhos, a saúde dos sonhos e que não podem fazer absolutamente nada para impedir que um vírus acabe com as suas vidas.

Nesse trecho do Sermão do Monte, Jesus diz que esse sentimento não é natural ao cristão. Mais uma vez, Jesus não só transmite o princípio do seu ensinamento, mas nos explica, com muita paciência, o que ele realmente quer nos dizer. Ele usa boa parte do sermão para falar especificamente sobre a ansiedade. Mesmo que ela seja conhecida como o mal do presente século, o Senhor preveniu os seus discípulos contra ela há mais de dois mil anos.

Jesus começa este trecho dizendo: “Portanto eu lhes digo: não se preocupem” Ele havia falado sobre a importância de acumularmos tesouros nos céus, servirmos somente a Deus e mantermos os nossos olhos limpos e voltados para a sua luz. A ordem surge de uma relação natural: quem não olha para as coisas dessa terra, não depositará sua esperança nas coisas do mundo. É importante atentar para o imperativo que Jesus usa aqui: “Não se preocupem” (NVI), “Não andeis ansiosos” (ARA). Alguns cristãos se chocam e ficam ofendidos

²⁰ PETERSEN, Andrea. *More People Are Taking Drugs for Anxiety and Insomnia, and Doctors Are Worried*. Disponível em: <<https://www.wsj.com/articles/more-people-are-taking-drugs-for-anxiety-and-insomnia-and-doctors-are-worried-11590411600>> Acesso em: 05 nov. 2020.

quando chamamos a ansiedade de pecado. Isso se dá porque o mundo, que muito fala sobre o assunto, diz que não há mal em ser ansioso: se este sentimento começar a te incomodar, você pode procurar uma terapia para amenizar os sintomas ou um remédio. (Cabe aqui um adendo: o conselheiro bíblico não prescreve remédio e não desfaz prescrições. Algumas vezes, a pessoa que vamos aconselhar está num sofrimento tão intenso que fazer uso do remédio para acalmar seu coração antes de começar a tratá-lo pode ser de grande utilidade. Por lidarmos com pessoas que usam remédios ou que precisarão deles, é bom que o conselheiro possa contar com a ajuda de um psiquiatra de confiança.)

Ivênio dos Santos traz um olhar interessante sobre o caminho que o pecado pode percorrer no nosso coração até gerar a ansiedade. Ele diz que a ansiedade surge através do orgulho.

‘Humilhai-vos, portanto, sob a poderosa mão de Deus, para que ele, em tempo oportuno, vos exalte, lançando sobre ele toda a vossa ansiedade, porque ele tem cuidado de vós’. (1 Pedro 5.6,7) A ordem que recebemos aqui é de nos humilharmos sob a poderosa mão de Deus para que Ele nos exalte no tempo d’Ele. Logo em seguida aparece o como humilhar-se: ‘Lançando sobre Ele toda a vossa ansiedade.’ É daqui que depreendemos ser a ansiedade uma forma muito sutil de orgulho. É um sentimento pecaminoso por querer o controle do futuro.²¹

J. C. Ryle diz que Jesus nos proíbe de manter um espírito ansioso, uma fadiga excessiva, uma preocupação desgastante, um sentimento que nos atormenta.²² Agostinho diz que a ansiedade é resultado de um coração dividido, que procura pelo supérfluo e se ocupa das preocupações da vida.²³ “A palavra ansiedade significa ‘rasgar’, enquanto a palavra inquietação significa ‘constante suspense’. Essas duas palavras eram usadas para descrever um navio surrado pelos ventos fortes e pelas ondas encapeladas de um mar tempestuoso.”²⁴ Dietrich Bonhoeffer fala que as riquezas e as correntes que nos prendem a elas é que são a causa da nossa ansiedade: utilizamos mal as riquezas quando tentamos garantir, por meio delas, o amanhã: “É a própria tentativa de garantir o amanhã que torna o hoje tão intranquilo.”²⁵

²¹ SANTOS, *Alma nua*, p. 108.

²² RYLE, *Meditações no evangelho de Mateus*.

²³ AGOSTINHO, *Patrística - O Sermão da Montanha e Escritos Sobre a Fé*.

²⁴ LOPES, *Mateus*, p. 274.

²⁵ BONHOEFFER, *Discipulado*, p. 167.

A ansiedade também é inútil: ela não muda os fatos. Quando ficamos ansiosos, não conseguimos tomar decisões racionais, não conseguimos produzir, não conseguimos sequer dormir. Ela não traz absolutamente nenhum bem. John Stott diz que ela é incompatível com o bom senso e com a fé cristã, por ser uma demonstração de incredulidade.²⁶ Se estamos ansiosos é porque não sabemos como vai ser o futuro e queremos ter este controle. Aquele que confia em Deus, sabe que não pode, e nem precisa, controlar nada. É preciso atentar para o que Jesus diz: nem a nossa vontade, nem o nosso esforço farão a menor diferença nas preocupações da vida, porque Deus é quem dá todas as coisas.²⁷

Jesus nos convida a olhar para os pássaros e ver o seu cuidado com eles. É interessante perceber que os pássaros não recebem o seu alimento de graça — eles precisam sair do ninho e caçar o alimento. Eles cumprem as suas obrigações diárias, mas é o Pai quem lhes concede o alimento. Não é mérito deles, mas da vontade do Pai.²⁸ Nós não somos diferentes dos passarinhos no sentido de não poder garantir o amanhã, mas valemos muito mais do que eles diante de Deus.

Enquanto buscamos ser vistos e valorizados pelos homens por aquilo que temos, Jesus nos diz que valemos muito para o nosso Pai celestial. Se os nossos tesouros estiverem no céu e os nossos olhos fixos na eternidade, entenderemos a grandeza do que ele está nos dizendo: nada do que tivermos, nada do que fizemos pode ser comparado à beleza de sermos valiosos para Deus. Por que nos importamos com o que as pessoas dizem sobre nós se Deus nos chama de valiosos? Por que nos importamos com as necessidades básicas para o corpo se Deus nos chama de valiosos? Somos valiosos como filhos amados, bem cuidados, protegidos. “Os filhos dependentes gastam pouco tempo se afligindo com refeições, roupas e abrigo. Sentem e acham que têm direito a tudo isso, e que os pais lhes proverão isso tudo.”²⁹

O cuidado amoroso de Deus é tão grande que ele nos dá a saída para nos libertarmos da ansiedade: buscar em primeiro lugar o seu reino e a sua justiça. É preciso estabelecer prioridades! “O Reino de Deus e sua justiça são os nossos verdadeiros bens, os quais devemos buscar e neles colocar a finalidade de tudo o que empreendemos.”³⁰ Aquele que tem fome e sede de justiça não perde tempo se preocupando com as questões de sobrevivência, mas

²⁶ STOTT, *Contracultura cristã*.

²⁷ AGOSTINHO, *Patrística - O Sermão da Montanha e Escritos Sobre a Fé*.

²⁸ BONHOEFFER, *Discipulado*.

²⁹ GRAHAM, *O Segredo da Felicidade*, p. 21.

³⁰ AGOSTINHO, *Op. Cit.*, p. 119.

busca aquilo que alimenta a sua alma. Agostinho diz que as coisas da terra não devem ser buscadas como se tivessem o fim em si mesmas, mas como meio para alcançarmos as necessidades do reino.³¹ Se nossos objetivos forem as coisas do reino, aquilo do que precisamos para alcançá-las será dado por Deus.

Buscar o reino de Deus em primeiro lugar não significa que não nos preocuparemos mais com as coisas do mundo, mas que sabemos que temos um pai amoroso nos céus cuidando delas. Assim, quando as preocupações nos atingirem, seguiremos a instrução de Paulo: “Não andem ansiosos por coisa alguma, mas em tudo, pela oração e súplicas, e com ação de graças, apresentem seus pedidos a Deus.” (Filipenses 4.6). A partir desta instrução, podemos ensinar alguns passos práticos aos aconselhados que sofrem com a ansiedade. A primeira coisa a fazer é identificar a razão da ansiedade. Normalmente, quando as pessoas começam a apresentar os sintomas da ansiedade, elas não param para procurar a razão, pois querem apenas fórmulas rápidas para lidar com a dor. Identificar o motivo da ansiedade nos ajudará a tratar do problema em sua raiz, sabendo onde ele age em nosso coração. Depois de identificar a razão, é interessante pregar ao coração procurar nas escrituras o que Deus diz sobre aquela necessidade ou sobre o seu cuidado pessoal com os seus filhos. Então os pedidos, os motivos que levam o seu coração a ficar ansioso, devem ser levados a Deus na certeza de que ele cuida, ele ouve e responde. Aquilo que é um peso para nós deve ser passado para Cristo: é ele quem carrega o nosso jugo, porque ele aguentou o peso da dor do mundo em seus ombros na cruz. Assim, “a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará os seus corações e as suas mentes em Cristo Jesus.” (Filipenses 4.7). Emilio Garofalo Neto sugere que façamos uma lista de todas as vezes que Deus cuidou de nós naquilo que poderíamos ficar ansiosos.³² Ao ver o cuidado específico de Deus com a nossa vida, teremos mais uma razão para não deixar o nosso coração se inquietar.

Jesus compara o gentio com o cristão: aqueles que não são filhos, de fato precisam se preocupar com as suas necessidades básicas, com a busca por ser valorizado, com um vírus que pode destruir todos os seus sonhos. Os gentios precisam confiar na força do seu trabalho para garantir o amanhã.³³ Mas os filhos não se importam com essas coisas porque sabem que no fim, tudo vai dar certo: eles viverão com o Pai em um mundo sem dor, nem sofrimento.

³¹ AGOSTINHO, *Patrística - O Sermão da Montanha e Escritos Sobre a Fé*.

³² GAROFALO NETO, Emilio. *Nem precisava ficar ansioso*. [Sermão]. Disponível em: <<http://ipsehear.org/sermao/nem-precisava-ficar-ansioso/>>. Acesso em: 05 nov. 2020.

³³ BONHOEFFER, *Discipulado*.

“Uma grande característica do paganismo é viver para o presente. Deixe que os pagãos estejam ansiosos, se assim desejarem. Eles nada sabem a respeito de um Pai celestial. Mas os cristãos, que têm maior conhecimento e uma visão clara da realidade, devem dar prova disso, por sua fé e seu contentamento.”³⁴ Aquele que tem a certeza da comunhão com Cristo, nunca sentirá necessidade de nada³⁵: “Conhecer a Cristo é ter a riqueza suprema, um lugar no reino de Deus. E todos os homens e mulheres, que dão a Cristo o primeiro lugar, sentem que em nada precisam se afobar pelos bens terrenos.”³⁶

Por fim, Jesus nos lembra que o amanhã não nos pertence e não deve nos inquietar. Ele cuida dos passarinhos e das flores, e com certeza cuidará de nós, tanto aqui, como na morada eterna. Esta é uma das verdades mais libertadoras: ansiedade é, na realidade, medo do mal no futuro. Jesus está desafiando-nos a enfrentar, com ele, o mal que poderá vir amanhã. Ele está ensinando-nos a viver cada dia como se fosse o único.³⁷ Quando pensamos no amanhã, tiramos os olhos da eternidade, porque o amanhã se situa no tempo. Logo, quando fizermos qualquer coisa, devemos nos focar na eternidade, não nas coisas temporais.³⁸

Sentir-se ansioso é, portanto, uma decisão do cristão. Ele escolhe se quer olhar para a eternidade ou para o amanhã, se quer confiar no dinheiro e nas certezas do mundo ou no Deus que alimenta os passarinhos e veste as flores. Como Moisés falou ao povo antes deles entrarem na terra prometida, escolham hoje entre a vida e a morte. (Deuteronômio 30.19) A vida cristã não é baseada em um impulso momentâneo motivado por emoções, mas em uma decisão racional, consciente dos seus efeitos. Não podemos ser cristãos que vivem como o mundo, sofrem como o mundo e reclamam por não terem uma vida abundante ou acham que os ensinamentos e promessas de Cristo são uma utopia ou um conjunto de palavras bonitas. O nosso Deus é vivo, é real e Cristo sabe exatamente o que é viver neste mundo! As suas instruções são para o dia a dia, porque servem para a mudança de emprego, para a compra da casa, para saber como reagir quando uma pandemia assola o mundo. Ele nos convida a escolher a humildade de um filho que sabe que o seu pai vai cuidar de todas as coisas.

³⁴ RYLE, *Meditações no evangelho de Mateus*, p. 60.

³⁵ BONHOEFFER, *Discipulado*.

³⁶ GRAHAM, *O Segredo da Felicidade*, p. 103.

³⁷ SANTOS, *Alma nua*.

³⁸ AGOSTINHO, *Patrística - O Sermão da Montanha e Escritos Sobre a Fé*.

Vale ressaltar que a responsabilidade de optar pela ansiedade é nossa, mas o peso dela não. Muitos cristãos se culpam e se sentem ansiosos por estarem ansiosos! Por saber que este sentimento não deve fazer parte da vida do cristão, eles se sentem fracos e incapazes de enfrentá-lo, mas se punem por não conseguir se libertar dele. Esse movimento é contrário à graça. Não é pela sua própria força que você vai se libertar do pecado, mas pela força do Espírito que habita em você. É se alimentando diariamente dele, que você tem o coração cheio do Espírito para não deixar a ansiedade te dominar. É preciso se submeter a outro domínio. Às vezes colocamos sobre nós jugos que Deus nunca colocou. Sim, nós somos fracos e pecadores, mas ele morreu por nós e por isso temos o seu Santo Espírito vivendo em nossos corações! Eu não sou mais só um humano que precisa lidar sozinho com os meus problemas, eu sou um cidadão do reino, uma nova criatura, que vai ser tentada das mais diversas maneiras enquanto ainda estiver no mundo. O inimigo vem para roubar, matar e destruir, mas Cristo veio para nos dar vida em abundância! (João 10.10)

O tempo em que vivemos coloca o “eu” no lugar central e, no Sermão do Monte, Jesus mostra que o nosso “eu” só se ajustará quando Deus for colocado no centro de todas as coisas. Por isso, foi importante ver como o correto direcionamento da nossa adoração, o lugar correto onde ajuntar tesouros e o cuidado com o coração e com os olhos são determinantes para a nossa felicidade. A ansiedade não domina o coração cheio do Espírito Santo e a vida em abundância pode ser desfrutada. Aquele que confia na ação de Deus em sua vida é capaz de se colocar em segundo plano para que o mundo conheça aquele que o chamou.

O conselheiro bíblico deve entender essas verdades apresentadas por Jesus para saber para onde deve direcionar o foco do aconselhado. Com o homem no centro de todas as coisas, os relacionamentos interpessoais se complicam porque há uma discordância de interesses; mas, se Deus for o centro, o relacionamento com o outro acontece para a glória do nome do Pai.

4 INSTRUÇÕES ACERCA DO RELACIONAMENTO DO CRISTÃO COM O OUTRO

Na sequência do Sermão do Monte, imediatamente após as bem-aventuranças, Jesus diz aos seus seguidores como agir diante das outras pessoas: sendo sal e luz, cuidando dos irmãos e do cônjuge, aprendendo a lidar com os inimigos. A lógica de Cristo é bem diferente da nossa, porque, enquanto nós pensamos em nossa felicidade e saúde mental, ele diz que devemos nos gastar pelas outras pessoas. Ele diz que os cidadãos do Reino devem viver no mundo como pessoas transformadas para que, através delas, o nome de Deus seja visto e glorificado.

4.1 Sal e Luz

“Vocês são o sal da terra. Mas se o sal perder o seu sabor, como restaurá-lo? Não servirá para nada, exceto para ser jogado fora e pisado pelos homens. Vocês são a luz do mundo. Não se pode esconder uma cidade construída sobre um monte. E, também, ninguém acende uma candeia e a coloca debaixo de uma vasilha. Pelo contrário, coloca-a no lugar apropriado, e assim ilumina a todos os que estão na casa. Assim brilhe a luz de vocês diante dos homens, para que vejam as suas boas obras e glorifiquem ao Pai de vocês, que está nos céus”.

Mateus 5.13-16

Jesus diz que os cidadãos do seu Reino são essenciais para a manutenção do mundo, pois eles são o sal e a luz. É interessante perceber que ele não diz que devemos ser, mas que já somos. A nossa natureza foi completamente transformada, já que deixamos um estado de morte e trevas e passamos a um estado que vai além da vida propriamente dita, um estado que ameniza os efeitos da morte e reduz a escuridão.

O sal é um elemento vital para a humanidade. No tempo de Jesus, além de ser usado para salgar os alimentos, ele também era usado para conservá-los. Sem nenhuma forma de refrigeração artificial e no calor do Oriente Médio, as pessoas colocavam sal nos alimentos para impedir que estes apodrecessem. Mas as analogias de Jesus não se perdem com o tempo e hoje conhecemos muitas outras propriedades do sal. No corpo humano, ele aumenta a

pressão arterial, está envolvido na contração muscular, nos impulsos nervosos e na absorção de proteínas; na tecnologia de alimentos, o sal é usado como conservante, texturizador, aglutinador, regulador de fermentação e ainda auxilia no desenvolvimento das cores. Essas propriedades mostram muito bem a importância de verdadeiros cristãos na sociedade. Somos sal quando realçamos o sabor dos prazeres que Deus nos concede, quando acentuamos o sabor das doces alegrias da vida, quando trazemos ânimo a um coração desanimado e quando preservamos o mundo da podridão. Usamos a expressão “sem sal” quando nos referimos a algo sem graça, que não vale o investimento, ou que não é digno de ser apreciado. Assim é o mundo sem a influência cristianismo: sem sal.

Sendo assim, a vida do cristão não pode ser insossa, tendo em vista que ela é a responsável por mostrar ao mundo como a vida com Deus é mais gostosa, vivendo aqui um lampejo do céu. A sua casa é um lugar com um sabor diferenciado: quando um casal que verdadeiramente aprecia a companhia um do outro, quando os filhos não são vistos como um fardo, mas como uma benção, com prioridades bem definidas. Aquele que é sal tem uma aparência de vida saborosa, já que o sal também tem a função de realçar as cores.

Assim como acontece com o sal, o cristão naturalmente influencia a sociedade onde vive. Para cumprir as suas funções, o sal precisa se desfazer, pois ele age de dentro para fora e se gasta por isso. O cristão não consegue influenciar as outras pessoas a distância, sem se envolver. Ele sabe que a única maneira deixar o mundo mais saboroso é se entregando completamente, em todos os momentos necessários. Foi o que Paulo fez pelo mundo em sua época: “Assim, de boa vontade, por amor de vocês, gastarei tudo o que tenho e também me desgastarei pessoalmente.” (2 Coríntios 12.15)

O cristão mantém o meio saudável por viver em função de servir e não de ser servido. Isto impede a deterioração de uma sociedade que é facilmente corrompida pelo egocentrismo, no qual cada um procura o outro de forma utilitária. A sua atitude é permeada de um significado maior: “A malignidade é contida por almas livres, voltadas para a doação de si mesmas promovendo a conservação dos valores do Reino de Deus.”¹ John Stott chama a atenção para o detalhe que diferencia os cristãos do mundo: de um lado está o mundo e do outro estais “vós”.² São comunidades diferentes que precisam se relacionar. O mundo é um

¹ SANTOS, *Alma nua*, p. 100.

² STOTT, *Contracultura cristã*.

lugar escuro com tendência à deterioração; a igreja interrompe ou retarda o processo de corrupção social.

Se a nossa sociedade está se deteriorando, é porque os cristãos estão perdendo o sabor, pela ausência de santificação em seu meio. Vemos em nossa cidade uma grande quantidade de igrejas com ensino teológico saudável, bons líderes, boas atividades, mas que não fazem diferença na sociedade. O número de cristãos reformados tem aumentado exponencialmente, enquanto a sociedade tem apodrecido na mesma medida. As pessoas estão descobrindo que a fé e o amor de Deus são essenciais para a sua vida pessoal e para a boa manutenção da sua saúde mental: é uma fé voltada para si. Entram na igreja e permanecem ali sem dar qualquer fruto. Esses são os cristãos que não descobriram a vida em abundância, que não conheceram o verdadeiro sabor da fé; eles não entenderam que a vida cristã só floresce e dá frutos quando tira o foco de si e olha para o mundo.

Vivemos em uma geração de cristãos egoístas, que tentam se separar do mundo porque, ao olhar para fora, veem uma situação nojenta: a podridão é visível! A degradação da sociedade é natural porque mundo jaz no maligno, mas o silêncio da igreja contribui para este processo. Foi quando os homens cristãos se calaram, que as mulheres começaram a ser subjugadas; quando as mulheres cristãs se calaram, os casamentos passaram a ser vistos como um martírio; quando as famílias cristãs se calaram, perdeu-se a importância de um pai e uma mãe unidos para criar uma criança emocionalmente saudável. Foi o silêncio deles que nos transformou em um país que tem "um jeitinho" desonesto, que permitiu que tivéssemos governantes corruptos por anos a fio, que fez a sociedade sentir o cheiro da sua podridão e começasse a se mover para tentar impedir a completa putrefação. O sal está impuro, misturado com tantas outras coisas, que é preciso usar uma quantidade muito maior para conseguir qualquer sabor minimamente diferente.

Deus pretende que penetremos no mundo. O sal cristão não tem nada que ficar aconchegado em elegantes e pequenas dispensas eclesiásticas; nosso papel é o de sermos "esfregados" na comunidade secular, como o sal é esfregado na carne, para impedir que apodreça. E quando a sociedade apodrece, nós, os cristãos, temos a tendência de levantar as mãos para o céu, piedosamente horrorizados, reprovando o mundo não-cristão; mas não deveríamos, antes, reprovar-nos a nós mesmos? Ninguém pode acusar a carne fresca de deteriorar-se. Ela não pode fazer nada.³

³ STOTT, *Contracultura cristã*, p. 33.

O mundo precisa dessa ação purificadora e temperante, por isso o sal não pode se deixar corromper.⁴ O sal puro influencia o mundo sem ser visto; ele penetra e transforma as vidas ao seu redor sem fazer alarde. Cada cristão deve agir dessa forma individualmente, na esfera em que se encontra. Essa não deve ser uma relação forçada, mas automática. A sociedade precisa de cristãos envolvidos em todas as áreas, infiltrados para impedir a completa putrefação do meio onde vive.⁵

Um outro resultado natural da ação do sal é produzir sede. O Rev. Obedes Jr., em suas pregações, usa a seguinte ilustração: quando um cavalo está doente e precisa beber água, o veterinário não o força.⁶ Ele coloca uma pedrinha de sal na boca do cavalo. Ao invés de empreender um terrível esforço para levantar aquela pobre criatura adoentada, o veterinário faz com que ele se levante sozinho para matar a sede. A função do cristão no mundo é ser a pedrinha de sal, uma vez que precisamos incitar nas outras pessoas a sede pela água viva que o nosso Senhor Jesus oferece. Devemos despertar nelas o desejo de conhecer a Deus.

Há ainda uma consideração importante a ser feita: a nossa função é dar sabor ao mundo, mas todos sabemos que sal demais estraga qualquer sabor. Alguns cristãos, ao invés de temperar o mundo, o tornam intragável quando são insistentes, inoportunos e sem consideração com a realidade das pessoas ao seu redor. Eles tentam estabelecer o Reino de Deus à força e pela insistência. A verdadeira utilidade do sal é realçada nas mãos de um bom cozinheiro; portanto, deixemos que o Criador nos use para temperar o mundo de acordo com a sua soberana vontade, sem insistirmos em ser salgados demais, nem nos escondermos deixando a comida insossa.

Jesus usa outra ilustração para falar da influência que os seus servos devem ter no mundo: além de sal, nós somos a luz. Nós somos os responsáveis por mostrar ao mundo a sua real situação e apontá-los para a fonte da nossa luz, o Senhor Jesus Cristo. Assim como o sal precisa agir no meio da carne viva, a luz se gasta enquanto caminha em meio às trevas e vê ali toda sorte de sujeira e imagens degradantes.

A luz que ilumina os passos do perdido é a luz do servo que trabalha nas caladas da noite em busca do cansado e do aflito. A luz que orienta o que navega na imensidão do oceano, no turbilhão dos vagalhões que querem afundar sua tosca embarcação, é a luz dos que refletem a luz daquele que

⁴ BONHOEFFER, *Discipulado*.

⁵ LLOYD-JONES. *Estudos no sermão do monte*.

⁶ DA CUNHA JUNIOR, Obedes Ferreira. [Sermão] Indisponível online.

disse: 'Aquietai-vos e sabeis que eu sou Deus. Se eu sou o Senhor dos ventos e das tempestades vocês podem descansar em mim. Eu sou a luz do mundo, quem me segue não andarรก em trevas, mas terรก a luz da vida.'⁷

A luz   a coisa mais útil criada e a sua principal propriedade   ser completamente diferente das trevas. Jesus ensina que os cristãos têm que ser completamente diferentes do mundo. A graça precisa ser vista e os frutos precisam aparecer. "      e      , evidentemente, implicam uma peculiaridade, tanto no coração como na vida diária, tanto na fé como na prática. Se nos consideramos salvos, devemos ousar ser singulares e diferentes da humanidade em geral."⁸

A luz deve ser vista por todos, servir de guia e de advertência, e a responsabilidade de ser luz   de todo e qualquer cristão. Martyn Lloyd-Jones explica como o mundo deve nos ver: precisamos exercer uma influência geral, antes da específica — o mundo precisa ver que há algo diferente em nós e isso os levará a uma conversa mais séria, onde o crente terá a oportunidade de falar do elemento que nos ilumina.⁹ O objetivo da luz   desmascarar as trevas, expor as suas causas e apresentar o meio de saída. O cristão deve pôr em destaque o erro e o fracasso da maneira de pensar e de viver dos incrédulos para então levá-los a conhecer o Salvador, a verdadeira luz do mundo.

O mundo afirma que o conhecimento traz a luz, mas a história mostra que quanto mais conhecimento a humanidade adquire, mais ela se d  conta da imensidão da sua escuridão. "Nosso Senhor não somente ensinou que este mundo se encontra em trevas, mas chegou ao extremo de asseverar que ninguém, exceto o crente, pode oferecer qualquer conselho útil, mediante o qual transmita conhecimento e instruções acerca dessas quest  es de ordem moral."¹⁰ Por mais que o homem saiba a razão de todas as coisas, sem a iluminação de Cristo, ele jamais entender  qual é a verdadeira raiz de todos os problemas.

Nós somos luz porque na cruz, algo extraordinário se tornou visível.¹¹ Somos luz para que o mundo veja as nossas obras e glorifique ao pai que está nos céus.   por dar prioridade   glória de Deus que não podemos nos ocultar. Os discípulos são a igreja visível que deve brilhar no mundo como a cidade edificada sobre o monte. O cristão que quer ser invisível foge do seu chamado e perde a utilidade.

⁷ SANTOS, *Alma nua*, p. 101.

⁸ RYLE, *Meditações no evangelho de Mateus*, p. 39.

⁹ LLOYD-JONES, *Estudos no sermão do monte*.

¹⁰ *ibid.*, p. 226.

¹¹ BONHOEFFER, *Discipulado*.

A condicional de Jesus é que o sal não pode perder a sua salinidade e nem a luz pode ser escondida. Para que isso não aconteça, o cristão precisa conservar a sua semelhança com Cristo e continuar fazendo as boas obras que glorifiquem ao Pai. Por isso, não podemos esconder a verdade que conhecemos e nem a verdade que somos. “Vocês simplesmente não podem falhar para com o mundo ao qual foram chamados a servir. Vocês têm de ser o que são. Vocês são o sal e, por isso, têm de conservar a sua salinidade e não podem perder o seu sabor cristão. Vocês são a luz e, por isso, devem deixar que a sua luz brilhe e não devem escondê-la de modo algum, quer seja através do pecado ou da transigência, pela preguiça ou pelo medo.”¹²

4.2 Cuidado com a língua

Nós fomos criados à imagem e semelhança do nosso Deus e por isso refletimos um dos seus atributos: a capacidade de comunicação. Ele nos fez criaturas relacionais e nos ensinou a comunicação através da fala. Ela nos permite o privilégio da intimidade com Deus e com as outras pessoas, mas também pode ser usada para terríveis fins. Foi por meio dela que o pecado entrou no mundo e, ainda hoje, é por meio dela que tantas vidas são destruídas. Seu poder é tão grande que Tiago compara a língua ao leme de um navio: uma pequena peça que controla o todo (Tiago 3.4,5). O conselheiro bíblico precisa ter em mente que as suas palavras ficarão guardadas no coração do aconselhado por anos e por isso ele deve atentar para o que Jesus disse sobre o cuidado com a língua. Ao mesmo tempo em que as nossas palavras podem ser fagulhas que incendeiam uma floresta inteira, elas podem ser doces para a alma e medicina para o corpo. Saber quando, como e o que dizer é o que diferencia um bom conselheiro de alguém apenas disposto a dar a sua opinião. Aprendemos isso nas palavras de Jesus e somos encorajados na certeza de que o Espírito Santo é o único capaz de nos tornar bons conselheiros.

a) As palavras devem ser dignas de valor

“Vocês também ouviram o que foi dito aos seus antepassados: ‘Não jure falsamente, mas cumpra

¹² STOTT, *Contracultura cristã*, p. 32.

os juramentos que você fez diante do Senhor'. Mas eu lhes digo: Não jurem de forma alguma: nem pelo céu, porque é o trono de Deus; nem pela terra, porque é o estrado de seus pés; nem por Jerusalém, porque é a cidade do grande Rei. E não jure pela sua cabeça, pois você não pode tornar branco ou preto nem um fio de cabelo. Seja o seu 'sim', 'sim', e o seu 'não', 'não'; o que passar disso vem do Maligno".

Mateus 5.33-37

As nossas palavras devem ser dignas de valor. Os nossos “sim” e “não” nunca devem significar nada além disso. Ao lermos as palavras de Jesus, assimilamos apenas o ensinamento de que “crente não jura”, e deixamos o restante de lado. Porém, uma boa parte das dificuldades de relacionamentos que enfrentamos deriva da não observação deste princípio. As mulheres são especialmente suscetíveis a essa falha: por sermos mais sensíveis à comunicação não verbal, achamos que todos também devem ser e criamos o hábito de não expressar verbalmente aquilo que realmente queremos dizer. É isso o que acontece quando o marido pergunta para a esposa se está tudo bem e ela responde que sim, enquanto bate com força a porta do armário e respira fundo de forma audível. Uma outra mulher ali saberia que existe algo de errado, mas o marido ouve apenas o “sim”. É claro que existem muitas outras questões problemáticas envolvidas nessa cena, mas o foco aqui é que o “sim” da esposa significa “não”. Jesus diz que com os cristãos não pode ser assim. Se somos diferentes em essência, se devemos ter relacionamentos bem temperados, então precisamos observar todos os princípios ensinados por Jesus de maneira completa.

Meias palavras, meias verdades e outros subterfúgios minam relacionamentos por dentro. Palavras ditas da boca para fora, sem a intenção de cumprir, enfraquecem os vínculos. Tudo o que passa do “sim” e do “não” vem do maligno e seu objetivo é roubar, matar e destruir. Não podemos deixar que o mundo nos ensine sobre comunicação porque satanás sabe muito bem do que ela é capaz. Qualquer conselheiro que trabalhe com casais sabe que a maioria dos problemas que eles enfrentam é resultado de dificuldades de comunicação. Qualquer cristão sabe que o inimigo tenta nos destruir a partir da família, de dentro para fora. Isso não é uma coincidência. Se temos o privilégio de atuar na vida de casais quando esses começam a ter problemas, precisamos lembrá-los que o cristão não tem a opção de ter uma comunicação clara, mas uma obrigação. Como pode haver silêncio ou mentira onde há uma

só carne? O mesmo se dá no contexto da igreja, quando Jesus diz que devemos “ser um” uns com os outros, assim como ele é com o Pai. A verdade deve ser uma característica dos cidadãos do Reino de Deus.

Eugene Peterson diz que não devemos manipular as palavras.¹³ Isso é especialmente complicado em um mundo permeado por jogadas de marketing e estratégias de comunicação eficaz para atingir objetivos específicos. Somos criados desconfiados, em uma sociedade que sabe que sempre existe alguma coisa por trás das palavras que ouve. Jesus sabe disso e por isso nos diz que somos luzeiros no mundo: o cristão é aquela pessoa em quem o mundo sabe que pode confiar porque ele realmente pensa aquilo que diz. São pessoas reconhecidas por serem íntegras. Não é este o puro de coração? Ele é a cidade edificada sobre o monte quando o seu chefe não precisa verificar se ele realmente fez o que disse, quando a sua esposa confia em sua palavra, quando os seus filhos descansam nas suas promessas. Ele não precisa endossar as suas palavras com um juramento para dar credibilidade a elas.

Martyn Lloyd-Jones explica que a finalidade da legislação mosaica sobre a questão do juramento era pôr um freio nas inclinações humanas para a mentira.¹⁴ Essa determinação era para lembrar ao povo de Israel que tudo quanto eles fizessem estava sob os olhares de Deus, e em todas as suas conversas deviam se lembrar das palavras “sejam santos porque eu sou santo”. Os fariseus distorceram todo esse princípio e o confinaram à questão do perjúrio. Além disso, eles fizeram uma divisão entre os juramentos que valiam e os que não valiam, a depender daquilo pelo que juravam. Jesus proíbe então o uso indiscriminado do nome de Deus e proíbe o juramento por qualquer coisa criada, porque tudo pertence a Deus. Jesus diz que os seus devem trazer sempre a verdade pura em qualquer comunicação ou conversa comum. Vivemos sempre na presença de Deus: Ele ouve tudo e vê tudo e, portanto, ofendemos o Espírito da verdade quando mentimos ou exageramos ou deixamos que saia de nós qualquer sombra de inverdade.

A verdade total só existe quando o pecado é revelado e também é perdoado por Jesus. Quem, na confissão de seu pecado, está na verdade diante de Jesus não se envergonha da verdade, onde quer que ela seja dita. A verdade que Jesus exige de seus discípulos consiste na abnegação que não oculta o pecado. Tudo é revelado, tudo é trazido à luz.¹⁵

¹³ PETERSON, *A Mensagem*, p. 1879.

¹⁴ LLOYD-JONES, *Estudos no sermão do monte*.

¹⁵ BONHOEFFER, *Discipulado*, p. 126.

Jesus nos manda falar sempre a verdade, mas nunca devemos dizê-la sem amor. Este é outro diferencial entre a integridade do cristão e a honestidade do mundo. Algumas pessoas pensam que ser honesto é dizer tudo o que vem à mente, doa a quem doer. Não é assim com os discípulos de Jesus, pois as nossas palavras devem ser agradáveis e temperadas com sal. Mas o que dizemos sempre é resultado daquilo que enche o nosso coração, então, ao invés de atentar apenas com as palavras, precisamos cuidar dos sentimentos em relação aos irmãos.

b) Cuidado com o julgamento e a condenação precipitados

“Não julguem, para que vocês não sejam julgados. Pois da mesma forma que julgarem, vocês serão julgados; e a medida que usarem, também será usada para medir vocês. Por que você repara no cisco que está no olho do seu irmão, e não se dá conta da viga que está em seu próprio olho? Como você pode dizer ao seu irmão: ‘Deixe-me tirar o cisco do seu olho’, quando há uma viga no seu? Hipócrita, tire primeiro a viga do seu olho, e então você verá claramente para tirar o cisco do olho do seu irmão.”

Mateus 7.1-5

O primeiro cuidado que devemos ter em nossos relacionamentos é em relação à crítica. Só há crítica onde existe padrão, e é para isso que Jesus está chamando a nossa atenção: qual é o nosso padrão? Três linhas de raciocínio podem ser estabelecidas aqui: o ideal do mundo moderno, o raciocínio do mundo real e o do Reino de Deus. De acordo com o ideal que vemos hoje no mundo, o padrão não existe. Todas as pessoas são diferentes e cada um tem o seu limite, então não há “linha de chegada”, não há uma pessoa ideal, um exemplo perfeito. Sendo assim, não há lugar para a crítica. No mundo real, as coisas não funcionam dessa maneira. O que vemos é que a sociedade estabelece determinados padrões que são expostos nas mídias e nas redes sociais. Assim, cada bolha da sociedade têm o seu padrão, que varia bastante. Cada pessoa estabelece um alvo para si e naturalmente critica todos aqueles que não se enquadram nesse modelo. Esta crítica possui um alto poder destrutivo e tem levado alguns jovens e adolescentes a graves problemas de saúde mental, alimentados pela “cultura do cancelamento” e “haters” comuns nas redes sociais. Por isso, muitos que

olham para o Sermão do Monte como um apanhado de regras morais, leem este trecho como um apelo à extinção do espírito crítico: não julguem. É daí que vem um dos erros comuns dentro da igreja: não podemos julgar nada, nem ninguém.

O raciocínio do Reino de Deus é diferente de todos esses. A Bíblia sempre falou sobre a existência de um padrão, um modelo de vida que agrada a Deus, e é daí que veio a Lei. Através dela, Deus ensinou ao seu povo uma forma de viver que deixaria a existência aqui neste mundo mais satisfatória. A lei foi dada para que eles tivessem vida e fossem prósperos e felizes na terra que Deus estava lhes dando. Os fariseus se perderam nos princípios da Lei de Deus e dali criaram mais de seiscentas regras com peso de lei. Eles criaram um padrão para si, como se o padrão estabelecido por Deus não fosse suficiente, e julgavam todas as outras pessoas a partir desse novo modelo. Jesus os condena pela hipocrisia, porque ele se importava com o coração e sabia que a conduta deles não era condizente.

O Sermão do Monte é pregado para os cidadãos do novo reino. Estes, que são pobres em espírito, sabem que não podem ser modelos de nada, porque já viram a sujeira do seu pecado. Mas um novo modelo nos foi dado, que é o próprio senhor Jesus Cristo. Assim, uma linha de raciocínio completamente diferente se estabelece: no Reino de Deus, o padrão é Jesus Cristo, pois ele é a “linha de chegada”, a “pessoa ideal”, o exemplo perfeito. O mundo inteiro não somente será criticado, mas julgado a partir deste padrão perfeito. Contudo, essa perfeição, que veio cheia de misericórdia e amor, nos livra da condenação quando nos cobre com a sua justiça e nos torna dignos de julgar o mundo. Portanto, os cristãos são feitos justos, tornados santos e têm um padrão para seguir enquanto ainda estiverem nessa vida. Mas eles também são mansos, misericordiosos, humildes e pacificadores. É a estes que Jesus diz para não estabelecerem padrões mundanos.

Jesus está dizendo que devemos tomar cuidado com a condenação depois do julgamento. Ele não diz que não devemos julgar a conduta e a opinião das outras pessoas, mas que não devemos condenar o irmão a partir de qualquer padrão diferente de Cristo.¹⁶ Devemos ser generosos, sem deixar de lado a nossa capacidade de discernimento. Hernandes Dias Lopes fala que Jesus condena o hábito de fazer críticas duras e destrutivas, e não o juízo de valor a respeito das coisas.¹⁷ Agostinho diz que ali o Senhor está nos mandando interpretar no melhor sentido possível os atos das outras pessoas, mesmo que pensemos que a intenção

¹⁶ STOTT, *Contracultura cristã*.

¹⁷ LOPES, *Mateus*.

foi duvidosa. Quanto às ações cujo objetivo é manifesto, saberemos pelos frutos e o julgamento virá naturalmente. Acerca das disposições secretas do coração, o julgamento está reservado a Deus. “Limitemo-nos a julgar o que é evidente e deixemos de julgar o que está oculto, deixando-o a Deus. Pois as ações, boas ou más, não poderão ficar ocultas. Dia virá em que serão desvendadas.”¹⁸ Portanto, não devemos condenar os atos quando desconhecemos a motivação.

Ivênio dos Santos também ressalta que é preciso fazer aqui uma distinção entre julgar ações e julgar motivações. Nós não devemos e não podemos julgar as motivações das pessoas, mas suas ações, nós temos a responsabilidade de julgar.

Suponhamos que eu veja um rapaz espancando brutalmente uma criança. O que devo fazer? Será que tenho de ficar passivo, dizendo: ‘Eu não posso condenar ou julgar a atitude desse rapaz’. Não! Eu tenho de julgá-la sim, e condená-la como uma ação má, e sair em defesa da criança, mesmo que isto me custe a vida. Agora, imaginemos uma outra situação: Uma pessoa se dirige ao piano e toca de forma maravilhosa, encantando a todos. Eu fico num canto resmungando e dizendo aos que me cercam que o tal está tocando só para aparecer. É este tipo de julgamento que eu não posso fazer, pois estou me condenando. O que estou, de fato, dizendo é que se fosse eu que estivesse tocando estaria fazendo para aparecer. O ato de tocar piano não é um ato mau, mas bom. Agora, a motivação de tocar não nos compete julgar.¹⁹

Na carta de Paulo aos Efésios, ele diz que não devemos participar das obras infrutíferas das trevas; antes, porém devemos trazê-las à luz, ou seja, julgá-las e condená-las (Efésios 5.11).

J. C. Ryle diz que Jesus não disse que é errado proferir um juízo desfavorável sobre a conduta e a opinião de outras pessoas.²⁰ O cristão deve ter opiniões bem formadas sobre todas as coisas. Ele também não diz que só poderemos reprovar as faltas de outras pessoas quando nós tivermos atingido a perfeição. O que Jesus condena é o espírito crítico que em tudo acha uma falta, a prontidão para condenar as pessoas por pequenas coisas, o hábito de exagerar os erros e as fraquezas dos outros.

O correto entendimento desse texto é essencial para a prática do aconselhamento bíblico. O conselheiro que diz “eu sou mais santo que você” faz de si mesmo o padrão. Ele se

¹⁸ AGOSTINHO, *Patrística - O Sermão da Montanha e Escritos Sobre a Fé*, p. 127.

¹⁹ SANTOS, *Alma nua*, p. 152.

²⁰ RYLE, *Meditações no evangelho de Mateus*.

assenta na confortável cadeira do “sujeito suposto saber”, onde nenhuma das suas falhas é exposta e do alto do seu trono condena a todos os que vierem se aconselhar. Cristo nos chama para ser diferentes, para caminhar junto, para mostrar que a solução não está no conselheiro, nem no aconselhamento em si, mas em Cristo, que é o único capaz de nos dar vida em abundância. Ao olhar para Cristo, veremos juntos onde está o pecado que deve ser extirpado. É muito importante que nos examinemos primeiro e estejamos seguros da sinceridade dos nossos olhos, da intenção do nosso coração. “Se, refletindo, encontramos em nós mesmos defeito idêntico ao que nos dispúnhamos repreender no outro, não o repreendamos, nem corriamos. Choremos antes com o culpado e convidemo-lo não a ceder às nossas admoestações, mas a empreender juntamente conosco o esforço da emenda.”²¹

Esta é a proibição da hipocrisia de condenar as faltas do outro sem antes perceber as nossas. Numa aparência de bondade, inflamamos o nosso ego e aplicamos a nós mesmos um baixo padrão crítico. Jesus condena essa atitude e nos faz andar em humildade para ajudar, em amor, o irmão que está em erro.²² Quando nos damos conta da viga que estava em nosso olho e com o cuidado que Deus teve conosco ao removê-la, seremos amáveis e misericordiosos com o irmão que está com um cisco no olho. O nosso objetivo não é condená-lo pela sujeira, mas ajudá-lo a ver claramente o caminho que leva ao padrão perfeito.

c) A fala cheia de rancor

“Vocês ouviram o que foi dito aos seus antepassados: ‘Não matarás’, e ‘quem matar estará sujeito a julgamento’. Mas eu lhes digo que qualquer que se irar contra seu irmão estará sujeito a julgamento. Também, qualquer que disser a seu irmão: ‘Racá’, será levado ao tribunal. E qualquer que disser: ‘Louco!’, corre o risco de ir para o fogo do inferno.”

Mateus 5.21,22

O segundo cuidado que devemos ter em nossos relacionamentos é em relação às nossas reações quando pensamos ter razão. Algumas vezes, ao nos deparar com uma conduta que pensamos ser errada, nos enchemos de ira e passamos a usar a fala para destruir o irmão. Nós julgamos, encontramos o erro e executamos a sentença: o assassinato. Jesus mostra que

²¹ AGOSTINHO, *Patrística - O Sermão da Montanha e Escritos Sobre a Fé*, p. 130.

²² STOTT, *Contracultura cristã*.

a proibição do homicídio incluía pensamentos, palavras, atos de raiva e insultos.²³ “O assassinio não envolve somente a destruição da vida física de outra pessoa, mas também envolve a tentativa da destruição de sua alma e espírito, derrotando aquela outra pessoa de alguma maneira.”²⁴

John Stott ressalta que Jesus fala da ira pecaminosa, injusta, do orgulho, do ódio, da malícia e da vingança. Jesus condena o desprezo pelo coração, caráter e inteligência de outras pessoas.²⁵ J. C Ryle diz que Jesus está condenando a linguagem irada, cheia de rancor.²⁶ Dietrich Bonhoeffer diz que quando usamos palavras cuja intenção é destruir, machucar ou tornar o outro desprezível, mostramos que não o respeitamos e damos maior valor à nossa vida que a dele.²⁷ Fica claro que odiar, nutrir ressentimento, desprezar, zombar ou escarnecer o irmão é algo extremamente repreensível aos olhos de Deus.²⁸

Todo cristão sabe da importância desse trecho do Sermão do Monte, porque sabemos que as palavras caluniosas são petiscos deliciosos (Provérbios 26.22). Fazer fofoca, falar mal do irmão, e trabalhar com jogadas políticas são comportamentos destruidores da saúde da igreja. Jesus é claro ao dizer que quem age assim corre o risco de ir para o fogo do inferno. Ele mostra que esse assunto é sério demais para não ser colocado em prática, tanto na igreja, como na vida comum e em casa.

Poucas vezes pensamos na gravidade dessas afirmações no contexto do casamento. Na nossa cultura é comum, socialmente aceito e até incentivado, que as pessoas falem mal dos seus cônjuges. Às vezes como piada, outras vezes como um simples desabafo, mas essas falas abrem caminhos dolorosos: são como pequenos furos em uma represa. Aquele que diz para o amigo que sua esposa é louca, logo não terá dificuldade de dizer o mesmo a ela durante uma discussão. E depois que foi dito na primeira discussão, logo não será mais uma barreira na próxima. A partir daí, quanto maior for a raiva, maior será a ofensa.

Algumas mulheres cristãs brincam com a seguinte frase: “não penso em me divorciar, mas penso em assassinato várias vezes por dia”. Parece uma piada inocente, mas depois dela costuma vir uma enxurrada de reclamações a respeito do marido. Jesus diz que essas

²³ STOTT, *Contracultura cristã*.

²⁴ LLOYD-JONES, *Estudos no sermão do monte*, p. 305.

²⁵ STOTT, *Op.Cit.*

²⁶ RYLE, *Meditações no evangelho de Mateus*.

²⁷ BONHOEFFER, *Discipulado*.

²⁸ LLOYD-JONES, *Op.Cit.*

reclamações já configuram assassinato diante da lei. Quando Deus diz que ao nos casarmos, nos tornaremos uma só carne, ele diz que essa prática de destruir o cônjuge destrói a nós mesmos. Jesus condena essa linguagem caluniosa, tanto na conversa a respeito dela, como durante a discussão. Ele condena a prática de tentarmos nos valorizar menosprezando o outro. Ele condena o egoísmo daquele que pensa valer mais, ser mais justo, mais santo que o irmão. Jesus diz que os cidadãos do seu Reino precisam trabalhar ativamente para ter relacionamentos saudáveis, tanto em casa como fora dela.

Uma outra grave consequência do uso da linguagem caluniosa que começa no casamento é a “Alienação Parental”. A lei brasileira que dispõe sobre este assunto, traz a seguinte definição:

Considera-se ato de alienação parental a interferência na formação psicológica da criança ou do adolescente promovida ou induzida por um dos genitores, pelos avós ou pelos que tenham a criança ou adolescente sob a sua autoridade, guarda ou vigilância para que repudie genitor ou que cause prejuízo ao estabelecimento ou à manutenção de vínculos com este.²⁹

Uma das maneiras de praticar a alienação parental é destruindo a reputação do outro ou abalando a confiança dos filhos nele. Jesus disse que no seu tribunal, esta ação será julgada como assassinato, mas diante das leis do Brasil, essa conduta também não é inocente. A alienação não se dá apenas no contexto de divórcio, pois casais cristãos que não pensam em se divorciar agem assim também quando querem mostrar aos filhos que são mais dignos de amor do que o outro.

O conselheiro lida com dificuldades reais que cristãos enfrentam neste mundo e precisa estar muito atento aos sinais de assassinato dentro do casamento. É preciso ter o cuidado de diferenciar o que é uma reclamação justa e racional a respeito da conduta do outro, daquilo que se configura calúnia e difamação. Caso o casal venha junto para o aconselhamento, é bom que eles aprendam a discutir de maneira respeitosa, sem ofensa e linguagem irada. O conselheiro deve trazê-los à razão. Se apenas uma parte vier para ser aconselhada, o conselheiro deve agir como filtro, impedindo que a enxurrada de reclamações raivosas se estabeleça. Se concordamos ao ouvir uma esposa cheia de rancor, podemos ser condenados como cúmplices desse assassinato. É preciso estar muito atento também para

²⁹ LEI Nº 12.318. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12318.htm>
Acesso em: 18 nov. 2020.

identificar condutas enquadradas como alienação parental. Esse comportamento traz graves prejuízos para o desenvolvimento dos filhos e pode abalar os seus vínculos futuros.

Dietrich Bonhoeffer levanta um ponto essencial para qualquer relacionamento do cristão: “O irmão que está sob a proteção da lei divina já não é apenas irmão na fé, pois agora as ações do discípulo não se baseiam no que o outro é, mas nos mandamentos de Jesus, a quem seguimos e obedecemos.”³⁰ Nada do que as pessoas sejam ou façam pode ser maior que os mandamentos de Jesus, por isso eles jamais poderão determinar os nossos passos. Assim como o pecado não pode definir a nossa identidade, a conduta do outro não pode definir a nossa reação. Se somos cidadãos do Reino, colocaremos a nossa língua para trabalhar em prol da pacificação, e não da destruição.

Deus conhece as artimanhas do nosso coração, por isso, o seu ensinamento não para naquilo que a nossa língua é capaz de produzir, mas passa pelo rancor que abrigamos no coração e como devemos agir diante das ofensas. Algumas pessoas deixam de falar e adoecem fisicamente por conta da mágoa e da amargura que abrigam dentro de si. Deus não exige o nosso silêncio. Ele quer nos curar completamente, quer nos saciar da sua justiça, quer consolar o coração que sofre pela dor do pecado.

4.3 Proativos e Generosos

Na prática do aconselhamento bíblico, talvez este seja o assunto do Sermão do Monte mais difícil de ser aplicado. É exatamente por isso que foi necessária toda uma construção anterior. As exigências colocadas por Cristo aqui jamais poderiam ser praticadas por alguém que não teve o caráter transformado, que não foi feito nova criatura. Para ter relacionamentos interpessoais que agradam a Deus, precisamos estar em plena intimidade com Deus, e precisamos estar vigilantes com o nosso coração. Passou o tempo da primeira infância e do leite, tendo em vista que agora Deus está tratando com adultos maduros, pessoas que entendem que não são vítimas de uma sociedade cruel, mas luzeiros, soldados feitos fortes por Cristo, dispostos a salgar o mundo que jaz no maligno para depois ter o privilégio de desfrutar de tesouros eternos. Somente um coração que entendeu que nada do que acontece na história é sobre ele, poderá ser proativo e generoso com o irmão, para a glória de Deus.

³⁰ BONHOEFFER, *Discipulado*, p. 114.

a) A reconciliação e a retratação devem ser imediatas

“Portanto, se você estiver apresentando sua oferta diante do altar e ali se lembrar de que seu irmão tem algo contra você, deixe sua oferta ali, diante do altar, e vá primeiro reconciliar-se com seu irmão; depois volte e apresente sua oferta. Entre em acordo depressa com seu adversário que pretende levá-lo ao tribunal. Faça isso enquanto ainda estiver com ele a caminho, pois, caso contrário, ele poderá entregá-lo ao juiz, e o juiz ao guarda, e você poderá ser jogado na prisão. Eu lhe garanto que você não sairá de lá enquanto não pagar o último centavo”.

Mateus 5.23-26

Jesus nos adverte em relação ao homicídio, dizendo que se difamarmos o irmão seremos condenados, mas ele não para no silêncio que alimenta o rancor e a amargura. Ele nos diz que devemos agir em prol da reconciliação e nos chama à retratação imediata. Martyn Lloyd-Jones diz que não podemos nos esconder e nos justificar, mas devemos ser ativos, como Jesus mandou, porque devemos dar os devidos passos para a reconciliação, para remover as causas da dificuldade de relacionamento.³¹ Se não fizermos isso, nosso ato de adoração será vão.

Precisamos voltar a atenção para a trave que está em nosso olho, principalmente quando ofendemos as pessoas com os nossos comportamentos e palavras. O cristão não pode justificar um comportamento ofensor com “não foi a minha intenção”, ou “você está muito sensível”, ou “cada um entende como quer”. Ele deve ser manso, agradável, e falar apenas palavras amáveis para edificação ou instrução na justiça. Porém, por viver em um estado de “já, mas ainda não”, eventualmente ele vai tropeçar e ofender a alguém. Jesus diz que, quando isso acontecer, é dele a responsabilidade de dar um primeiro passo em direção à reconciliação.

Nesse trecho do sermão, Jesus está fazendo alusão ao culto judaico, onde o adorador trazia uma ovelha para ser sacrificada. O altar a que se refere era o lugar do sacrifício. Ivênio dos Santos diz que este altar seria aplicável hoje à celebração da ceia, quando nos aproximamos da mesa do Senhor a fim de uma avaliação honesta do nosso relacionamento

³¹ LLOYD-JONES, *Estudos no sermão do monte*.

com Deus e com os nossos irmãos.³² A ceia do Senhor nos leva a olhar para o passado, contemplando o preço que foi pago pela nossa redenção e o cancelamento de toda a nossa dívida; e, em seguida, para o presente, para o nosso relacionamento com os irmãos; e para o futuro, quando tomaremos a ceia com Cristo, no Reino do Pai. Portanto, quando olhamos para o presente e vemos o relacionamento quebrado com algum irmão, em decorrência do nosso pecado contra ele, devemos agir logo. Ele não diz que devemos deixar a poeira abaixar, ou esperar que a raiva passe, mas que devemos resolver logo essa pendência.

Nunca deveríamos permitir que uma desavença permanecesse, muito menos que se desenvolvesse. Não devemos retardar o fazer as pazes. Não devemos nem permitir que o sol se ponha sobre a nossa ira. Mas, imediatamente, logo que tivermos consciência de um relacionamento estremeado, devemos tomar a iniciativa de restaurá-lo, de pedir desculpas pelo ressentimento que provocamos, de pagar a nossa dívida, de fazer restituições.³³

Esperar o máximo possível para dar o primeiro passo é uma atitude que revela o orgulho no coração. Precisamos ser humildes, reconhecendo nossas falhas, para ir na direção daquele a quem ofendemos. Existe aqui um detalhe muito importante, pois assumir o erro é diferente de se justificar. É muito comum vermos aquele que ofendeu começar a frase assim: “Desculpa, mas...”. Tudo o que foi dito antes do “mas” é dispensado pelo ofendido. Quando nos justificamos pela nossa falta, nos colocamos em uma posição de vítima e só pioramos a situação. Quando nos justificamos, não tentaremos reparar a ofensa e não mudaremos o comportamento, porque a culpa na verdade não foi nossa. O pobre de espírito sabe que erra muito e que Deus está disposto a perdoar quando ouve um “eu errei”, por isso não terá dificuldades em assumir o erro diante do irmão.

Não podemos negar que, algumas vezes, a situação é confusa e acabamos sendo induzidos ao erro, mas a responsabilidade ainda é nossa. Quando for este o caso, é melhor mudar a forma de explicar a situação, por exemplo, ao invés de dizer: “Desculpa, mas a bateria do telefone acabou e eu não pude dar notícias”, é melhor dizer: “Você tem razão por ter ficado chateado por não ter notícias minhas. Eu deveria ter pedido emprestado o telefone de alguém para te dizer aonde eu estava. Da próxima vez, eu vou levar um carregador e vou ficar atenta para lembrar de te avisar antes de me envolver com as conversas das minhas amigas.” Houve

³² SANTOS, *Alma nua*.

³³ STOTT, *Contracultura cristã*, p. 42.

um erro sim, mas houve um pedido de desculpas sinceras e um passo em direção à reconciliação. Este é um exemplo bem simples, mas são essas pequenas coisas que, se não forem tratadas, formarão a base para dores mais profundas. Quem age assim demonstra que reconhece as suas falhas e que está disposto a restaurar a comunhão. Estes podem celebrar a vitória da cruz sobre o pecado, porque sabem que Deus nos perdoa sempre que reconhecemos nossas falhas e buscamos nele a capacitação para não cair novamente.

b) O perdão entre os irmãos

“Pois se perdoarem as ofensas uns dos outros, o Pai celestial também lhes perdoará. Mas se não perdoarem uns aos outros, o Pai celestial não lhes perdoará as ofensas”.

Mateus 6.14,15

Jesus diz que só devemos apresentar a oferta diante do altar depois que buscarmos nos reconciliar com o irmão a quem ofendemos, mas ele também diz que devemos perdoar o irmão que nos ofendeu, se quisermos ser perdoados, se quisermos manter a comunhão com o Pai. Assim como não é permitido se irar sem motivo contra o irmão, também não é permitido conservar no coração alguma coisa contra ele, de uma forma que a indignação se transforme em ódio.³⁴ Nós não perdemos a salvação, não deixamos de ser filhos quando agimos assim, mas há uma ruptura no relacionamento com Deus, um distanciamento na intimidade. Para impedir que isso aconteça, precisamos agir, apesar da dor.

Aqui, o princípio é o mesmo, uma vez que é nossa a responsabilidade de procurar o irmão que nos ofendeu. Portanto, a iniciativa é sempre nossa. Tanto no caso do outro pecar contra nós, quanto quando nós pecarmos contra o outro, a iniciativa deverá ser sempre nossa. Com isso, Jesus está nos ensinando que em nenhuma situação eu tenho de ficar esperando o outro vir em minha direção. Dessa forma, o corpo estará sempre saudável. “Se entendermos que a iniciativa é sempre de todos, nenhuma doença se instalará em nosso meio, pois somos todos, igualmente responsáveis, pela saúde do corpo.”³⁵

³⁴ AGOSTINHO, *Patrística - O Sermão da Montanha e Escritos Sobre a Fé*.

³⁵ SANTOS, *Alma nua*, p. 155.

Fomos feitos mansos, então não lutaremos pelos nossos interesses; somos misericordiosos, então poderemos perdoar aqueles que nos ofenderam; somos pacificadores, então podemos procurar o ofensor com a atitude certa para trazê-lo de volta à comunhão. Essa atitude certa só existe no bem-aventurado que já se deu conta da trave que foi removida dos seus olhos. Essas palavras parecem ser bonitas, mas utópicas, porque é difícil pensar em alguém que realmente age assim ao nosso redor. Porém, para ganharmos a vida em abundância proposta por Jesus, torna-se necessário passarmos por esses caminhos difíceis para o nosso coração. Precisamos enfrentar de forma clara e dura o nosso desejo de nos fechar em autocomiseração para lidar com o pecado do outro como Jesus lidou com o nosso, cheio de misericórdia e amor.

Se, todos os dias, fizermos uma boa autoavaliação, veremos o tamanho da dívida que nos foi perdoada e perdoaremos as dívidas menores que os nossos irmãos tiverem para conosco. Porém, se assumirmos que a nossa dívida foi zerada e nos esquecermos dela, tenderemos a ser duros e inflexíveis com os pecados e faltas dos nossos irmãos. Quando falamos em dívidas menores, ou nas faltas dos nossos irmãos, pensamos em pequenas ofensas que são mais fáceis de perdoar. Mas quando a ofensa é grave e destrutura a nossa vida, achamos que o perdão não é para qualquer um. Esse é um daqueles trechos do Sermão do Monte que nos levam a pensar que esses ensinamentos são só para alguns cristãos mais especiais, para os grandes da fé. Mas Jesus já nos mostrou que esse trecho pode ser aplicado por todos aqueles que têm o caráter descrito nas bem-aventuranças, porque entenderam que a força para perdoar não vem deles, mas do Santo Espírito que habita em seus corações. Não existe nenhuma estratégia, nenhum atalho, não há absolutamente nada que gere o perfeito perdão e reconciliação sem passar pela cruz de Cristo, por isso, jamais poderemos fazê-lo por nós mesmos.

Como é difícil o trabalho do conselheiro quando a questão exige uma atitude diante do ofensor! Quando choramos junto com o irmão ofendido, temos a tendência de protegê-lo de novas ofensas e o nosso desejo é de aconselhá-lo a se afastar do ofensor. Existem muitas questões envolvidas na prática do perdão e não há espaço para tratar de todas elas aqui, mas é preciso ter em mente que a nossa responsabilidade é sempre fazer com que os olhos daqueles a quem aconselhamos se voltem para Cristo, para que ele veja ali na cruz o tamanho do seu pecado que foi perdoado. Por mais terrível que seja a dor que este irmão esteja sofrendo, precisamos lembrá-lo de que a dor de Cristo foi maior e que é ele quem nos manda

ir atrás do ofensor, com o coração aberto à reconciliação. Foi ele quem tomou a iniciativa para nos perdoar enquanto éramos seus inimigos, então, como seu imitador, o cristão deve fazer o mesmo, independentemente do tamanho da ofensa sofrida. O lugar do conselheiro no meio de toda essa dor é ali bem perto do aconselhado, lembrando a ele de que os que choram serão consolados pelo maravilhoso conselheiro.

Quando o passo em direção à reconciliação for dado, seja pelo ofendido ou pelo ofensor, deve haver perdão. Jesus é enfático ao dizer que só quem perdoa será perdoado. Hernandez Dias Lopes diz que “Quem se recusa a perdoar seu irmão está destruindo a mesma ponte sobre a qual precisa andar.”³⁶ Ivênio dos Santos diz que “aquelas pessoas que afirmam que não conseguem perdoar, provavelmente têm uma visão muito pequena do quanto foram perdoadas. Elas se dizem pecadoras, mas não se acham assim tão pecadoras. Nunca tiveram uma visão real de si, e acabam tornando-se impermeáveis à ação de Deus em suas vidas.”³⁷

Quando nos separamos do irmão, nos separamos de Deus que é nosso pai. Deus não quer ser honrado enquanto o nosso irmão é desonrado. Portanto, só há um caminho para participar da verdadeira adoração: a reconciliação com o irmão. “Será que entendemos que, para o discípulo de Jesus, o irmão não é lei, mas graça? É graça poder entrar em acordo com o irmão e fazer-lhe justiça, e também é graça poder reconciliar-se com ele. O irmão é a nossa graça diante do juízo.”³⁸ O Cristo crucificado deu a vida por seus amigos, por isso essa lei só pode ser cumprida na cruz de Jesus.

E quando o outro, aquele que nos ofendeu, se recusar a admitir o erro? Devemos ir até ele com um ou dois irmãos, para tentar mostrar o erro; e se ainda assim ele se recusar a admitir, então a igreja deve confrontá-lo. Caso ele permaneça inflexível, deve ser tratado como pagão (Mateus 18). Esse ensinamento de Jesus deve ser visto com muito cuidado. Alguns cristãos pensam que tratar como pagão é excluí-lo de suas vidas e assumir que este não tem jeito e que, por causa disso, irá para o inferno. Agir assim é uma tremenda arrogância, porque não sabemos quais são os propósitos de Deus. Jesus nos manda tratar o ofensor que se recusa a se arrepender como pagão porque este não entendeu que a humildade e a confissão são parte da vida daqueles que fazem parte do Reino. Essa pessoa, depois de ser excluída da comunhão ao passar pelo processo de disciplina, deve ser buscada pela igreja com

³⁶ LOPES, *Mateus*, p. 238.

³⁷ SANTOS, *Alma nua*, p. 145.

³⁸ BONHOEFFER, *Discipulado*, p. 117.

um intenso amor, o mesmo amor que arde no coração da igreja pelas almas perdidas. Um outro cuidado que deve ser tomado é em relação ao favoritismo ou partidarismo dentro da igreja. Toda história sempre tem dois lados e nem sempre as situações são claras, como preto no branco. Não podemos permitir que a preferência e a amizade com determinado irmão, contamine a nossa capacidade de julgamento, ou que nos faça ouvir apenas um lado da história. A igreja precisa tratar essas questões de forma muito séria para que haja perfeita comunhão no meio do corpo.

Como fica a situação do irmão que foi ofendido e que nunca ouviu um pedido de desculpas? Não houve o que a Bíblia chama de perdão, porque a comunhão não foi restaurada. Mas isso não dá ao ofendido o direito de alimentar mágoa e rancor em seu coração, ou de seguir falando mal do outro. É preciso depositar toda a dor aos pés da cruz, deixando que o próprio Deus trate essa ferida em seu coração. O ofensor pode ser tratado então como inimigo, sendo objeto de amor daquele que foi ofendido.

Para o mundo, todo esse conceito de perdão e restauração soa como loucura. Relacionamentos nos quais as pessoas se ofendem e são ofendidas são chamados de “relacionamentos tóxicos” e a solução para estes é cortar relações. Devemos “passar por cima” das dores que nos foram causadas. O mundo não sabe o que fazer com a dor e alguns preferem tentar esquecer. Talvez essa seja uma das razões dos consultórios de psicologia estarem tão cheios: quem não trata a dor deixa brotar dentro de si uma pequena raiz de amargura que contamina o todo. É como se o coração convivesse com uma fonte de fel que, aos poucos, envenena todo o corpo e todos os outros relacionamentos. Pessoas amarguradas são difíceis de lidar, são duras, e, muitas vezes, são doentes. Quantos cristãos têm lidado com a ofensa e com a dor da forma que o mundo sugere! Quantos têm chegado ao aconselhamento com o coração dominado pela amargura! O cristão precisa ser diferente do mundo e de dentro dele só podem brotar bons frutos. Relacionamentos tóxicos vão continuar existindo na vida do cristão, mas, ao invés de fugir e se esconder, o cristão deve enfrentá-lo com mansidão a fim de ganhar para o Reino a pessoa que já fez da ofensa um hábito.

c) O revide em amor

“Vocês ouviram o que foi dito: ‘Olho por olho e dente por dente’. Mas eu lhes digo: Não resistam

ao perverso. Se alguém o ferir na face direita, ofereça-lhe também a outra. E se alguém quiser processá-lo e tirar-lhe a túnica, deixe que leve também a capa. Se alguém o forçar a caminhar com ele uma milha, vá com ele duas. Dê a quem lhe pede, e não volte as costas àquele que deseja pedir-lhe algo emprestado.”

Mateus 5.38-42

John Stott diz que agora Jesus chega no ponto mais alto de seu sermão, ao falar sobre o amor que o cristão deve direcionar ao perverso e ao seu inimigo. Para ele, essa é a situação em que a contracultura cristã é mais óbvia e a nossa necessidade do poder do Espírito Santo é mais constrangedora.³⁹ A lei de Moisés tinha a finalidade de evitar excessos e manter a proporcionalidade na retaliação. Jesus afirma que o princípio da retribuição é verdadeiro e justo, mas que pertence aos tribunais legais e a Deus, não aos nossos relacionamentos pessoais.

O princípio básico nesse ensino tem a ver com a atitude da pessoa para consigo mesma. “Eu preciso estar certo, em minhas atitudes para comigo mesmo, no tocante ao espírito de autodefesa, que aflora prontamente quando alguém me faz alguma injustiça. Também é mister que eu aborde esse desejo de vingança, esse espírito de retaliação que tanto caracteriza o homem natural.”⁴⁰ Cristo ensina que devemos morrer para o próprio “eu”, que não devemos nos preocupar com insultos pessoais ou críticas, nem com a nossa honra pessoal, ou com nossos direitos legais. Esta é a definição de mansidão que faz parte das características do cidadão do Reino. Todavia, no trecho em questão, Jesus vai além e diz que não devemos ser apenas mansos que não revidam, mas que devemos fazer mais do que nos foi exigido, devemos ser mansos que revidam em amor. Devemos morrer para nós mesmos e buscar apenas a glória de Deus.

Ao mundo, parece que Jesus está falando da fraqueza do cidadão do reino, mas na verdade ele fala da sua maturidade, da sua força: “As ilustrações de Jesus e o seu exemplo pessoal não se referem ao covarde que não oferece resistência. (...) Antes, referem-se ao homem forte, cujo controle de si mesmo e cujo amor aos outros é tão poderoso que rejeita

³⁹ STOTT, *Contracultura cristã*.

⁴⁰ LLOYD-JONES, *Estudos no sermão do monte*, p. 374.

absolutamente qualquer forma concebível de retaliação.”⁴¹ O cristão precisa estar pronto para dar o máximo de si e de tudo o que possui por amor, por isso, o desejo de vingança por ofensas pessoais não tem lugar em seu coração.

Jesus nos ensina quatro maneiras de não opormos resistência: dando a outra face, deixando a túnica, andando a segunda milha e não voltando as costas para o que nos pede emprestado. Dar a outra face fala da forma que reagimos imediatamente à agressão. Esta reação imediata revela do que está cheio o nosso coração, porque, se estivermos cheios de nós mesmos, buscaremos a autodefesa porque não admitiremos a humilhação; mas, se estivermos cheios do amor de Deus, encontraremos nele a força para respirar fundo e mostrar a outra face. Ao deixar a túnica, entendemos que tudo o que está sob a nossa guarda é do Senhor, então não precisamos assegurar a posse de nada. Somos mordomos de um rei que é o nosso defensor.⁴² Andar a segunda milha é assumir a posição de servo. Se o perverso nos pedir que façamos algo que seja humilhante, ou que não é nossa função, faremos mais do que ele pede. Nosso coração sabe que os que são humilhados no mundo serão exaltados no céu, então essa é apenas mais uma forma de juntar tesouros eternos; nosso coração também sabe que, agindo assim, faremos com que o perverso veja em nós a luz de Cristo que foi humilhado até a morte para nos conceder a vida. Além disso, quando doamos a quem nos pede, mostramos que não somos governados pelo dinheiro e que, o Senhor que nos dá a vida, também nos dará todas as outras coisas, sem deixar que nada nos falte.

Quando pensamos no perverso, nos vem à mente aquele chefe terrível, ou algum líder tirano, ou um desconhecido que move um processo judicial injusto contra nós. Assim, vemos em nosso coração alguma disposição em fazer mesmo como Jesus mandou. É como quando nos imaginamos numa situação onde um terrorista entra na igreja e pede que aqueles que não negarão a Cristo fiquem de pé: nós certamente ficaremos! Temos uma tendência, uma facilidade de nos vermos como mártires, que sofrem pelo Evangelho em situações pontuais: nós morreríamos por obediência a Cristo. Mas quando o perverso é alguém que exige de nós uma humilhação diária, não temos a mesma facilidade. Algumas mulheres cristãs podem dividir a cama com este perverso: seu marido é até um homem bom para ela e para os filhos, mas tem umas atitudes machistas, e acha que a mulher deve ser tratada como alguém inferior. Alguns casais podem ter filhos perversos, que os ferem com palavras duras e é difícil não

⁴¹ STOTT, *Contracultura cristã*, p. 51.

⁴² SANTOS, *Alma nua*.

revidar. Alguns podem ter parentes perversos que sempre pegam dinheiro emprestado, mas que parecem não ter a intenção de devolver. Essas situações, onde o perverso é alguém do nosso convívio próximo, exigem muita sabedoria para serem conduzidas, mas o princípio deste ensino não pode ser deixado de lado: o cristão não paga o mal com o mal, mas o mal com o bem. O cristianismo deve dominar não só as suas ações, mas também as suas reações.⁴³

Jesus exige que a atitude pessoal dos cristãos contra os malfeitores deve ser fruto da misericórdia, não da justiça e jamais deve ser dominada pelo desejo de causar o mal, mas sempre com o objetivo de servir e proporcionar o mais alto bem.⁴⁴ O crente precisa manter-se naquele estado, naquela condição espiritual, na qual ele seja invulnerável a esses ataques que se manifestam das mais diferentes maneiras e deve aceitar tudo o que lhe aconteça pessoalmente.⁴⁵ Jesus ensina que não devemos fechar os olhos para o comportamento errado, mas não podemos ceder à vingança. Ao suportar, o cristão não está reconhecendo os direitos do perverso, mas anulando o mal e o vencendo com a cruz de Cristo. A vingança passa a ser o sofrimento paciente pelo golpe recebido. “A disposição de renunciar tudo que nos é pedido é a disposição de satisfazer-se tão somente por estar junto de Jesus Cristo e segui-lo. Na renúncia voluntária à defesa, confirma-se e declara-se o compromisso incondicional com Jesus, com a liberdade e com o desprendimento do próprio eu.”⁴⁶ Somente quem encontra na cruz a promessa da comunhão com Jesus pode encontrar a promessa da vitória sobre o mal.

d) O amor aos inimigos

“Vocês ouviram o que foi dito: ‘Ame o seu próximo e odeie o seu inimigo’. Mas eu lhes digo: Amem os seus inimigos e orem por aqueles que os perseguem, para que vocês venham a ser filhos de seu Pai que está nos céus. Porque ele faz raiar o seu sol sobre maus e bons e derrama chuva sobre justos e injustos. Se vocês amarem aqueles que os amam, que recompensa receberão? Até os publicanos fazem isso! E se vocês saudarem

⁴³ LOPES, Mateus.

⁴⁴ STOTT, *Contracultura cristã*.

⁴⁵ LLOYD-JONES, *Estudos no sermão do monte*.

⁴⁶ BONHOEFFER, *Discipulado*, p. 128.

apenas os seus irmãos, o que estarão fazendo demais? Até os pagãos fazem isso! ”

Mateus 5.43-47

Depois de dizer como lidar com a vingança, Jesus explica que os seus devem ir além da não retaliação, além de fazer mais do que lhe pedem, porque eles precisam amar os seus inimigos. Os fariseus ensinavam que os judeus deviam odiar a qualquer um que não fosse judeu e tiravam esses ensinamentos da relação de Israel com as nações vizinhas e dos salmos imprecatórios. Martyn Lloyd-Jones explica que essas duas situações falavam da glória de Deus e o zelo pelo Senhor levava o salmista a escrever tais coisas.⁴⁷ A justiça de Deus para com aqueles que desonram o seu nome é clara em toda a Bíblia, mas a misericórdia de Deus para com todos os homens também é. A graça comum deixa claro que Deus cuida de toda a humanidade e que o nosso dever é olhar para todas as pessoas com esse mesmo olhar de misericórdia e amor.

Precisamos compreender de que amor Jesus está falando. Em nossa cultura, a palavra amor assumiu o significado de emoção, de algo que sentimos e que tem um fim em si mesmo. Podemos sentir sem agir, enquanto apenas desejamos o bem do objeto amado. As pessoas “de bom coração” conseguem amar os inimigos quando, ao invés de desejar-lhes o mal, desejam o bem. Jesus não está falando deste sentimento que envolve afeição, mas de um amor no sentido social. A palavra grega *agapao* se refere a um amor sincero, devotado, incondicional e significa benevolência invencível, infinita boa vontade.⁴⁸ Esse tipo de amor é melhor compreendido pela palavra “servir”. O texto de Paulo aos Romanos nos ajuda a entender como se dá este amor pelo inimigo: “Não retribuam a ninguém mal por mal. Procurem fazer o que é correto aos olhos de todos. Façam todo o possível para viver em paz com todos. Amados, nunca procurem vingar-se, mas deixem com Deus a ira, pois está escrito: ‘Minha é a vingança; eu retribuirei’, diz o Senhor. Pelo contrário: ‘Se o seu inimigo tiver fome, dê-lhe de comer; se tiver sede, dê-lhe de beber. Fazendo isso, você amontoará brasas vivas sobre a cabeça dele’. Não se deixem vencer pelo mal, mas vençam o mal com o bem.” (Romanos 12.17-21) Amar o inimigo, portanto, é suprir-lhe as necessidades.⁴⁹ É abençoar, fazer o bem e orar — incondicionalmente, sem fazer acepção de pessoas. O cristão não tem

⁴⁷ LLOYD-JONES, *Estudos no sermão do monte*.

⁴⁸ LOPES, *Mateus*.

⁴⁹ SANTOS, *Alma nua*.

apenas que suportar o golpe, mas deve ir além e fazer bem, servir ao inimigo com todo amor no coração, sem falsidade e ajudá-lo em tudo o que precisar.⁵⁰

A nossa maneira de tratar os outros não pode se basear nem naquilo que as pessoas são, nem no que elas fazem conosco. Precisamos nos deixar governar pelo amor de Deus. Ele faz tudo pelo nosso benefício e bem-estar e nós devemos fazer o mesmo por todas as pessoas.⁵¹ O amor se torna invencível quando o discípulo jamais se questiona sobre o que o inimigo lhe faz, mas apenas se questiona sobre o que Jesus fez por ele.⁵² Precisamos ser essencialmente diferentes do mundo, ser semelhantes a Cristo, e deixar isso transparecer em todos os nossos relacionamentos.

Dietrich Bonhoeffer fala que o amor integral, que não mostra favorecimento àqueles que retribuem o nosso amor, é o que torna o cristão alguém extraordinário.⁵³ O que é exclusivo do cristão não pode aparecer na esfera natural, precisa ter algo a mais, algo que excede. O cristão excede à ética e à moral do mundo quando vive a vida descrita nas bem-aventuranças, quando é a luz que ilumina a cidade, e quando passa pelo caminho da renúncia. O extraordinário é o próprio amor de Cristo na cruz, aquilo que possibilita ao mundo ver a glória do Pai. O extraordinário é mais que escandaloso e é assim que o discípulo de Cristo deve viver.

e) O ensino de Jesus sobre o divórcio

“Foi dito: ‘Aquele que se divorciar de sua mulher deverá dar-lhe certidão de divórcio’. Mas eu lhes digo que todo aquele que se divorciar de sua mulher, exceto por imoralidade sexual, faz que ela se torne adúltera, e quem se casar com a mulher divorciada estará cometendo adultério.”

Mateus 5.31,32

Se o cristão tem o dever de ter uma comunicação clara para com todas as pessoas, se ele tem a obrigação de pedir perdão quando erra e de perdoar as faltas assumidas pelo outro, se está proibido de guardar rancor e deve amar até o inimigo, onde pode entrar o divórcio na

⁵⁰ BONHOEFFER, *Discipulado*.

⁵¹ LLOYD-JONES, *Estudos no sermão do monte*.

⁵² BONHOEFFER, *Op.Cit.*

⁵³ *ibid.*

vida de um cidadão do reino? Vivemos em um mundo cheio de dor e sofrimento em razão do pecado e aqui não é diferente, pois qualquer divórcio é resultado de pecado. Este é um assunto delicado e tem muita dor envolvida, mas precisamos ter posições firmes em relação a ele para não sermos levados pelo mundo.

Ao falar sobre o divórcio, Jesus mostra, mais uma vez, que não estava indo contra os ensinamentos de Moisés, mas comparando a lei com a falsa interpretação dos fariseus e escribas. Para estes, o ensino de Moisés se concentrava na carta de divórcio e eles diziam que se dessem a carta à mulher ao se divorciar, estariam cumprindo a lei. Martyn Lloyd-Jones explica que o ensino de Moisés em relação à carta veio por conta da situação em que eles viviam: os homens abandonavam as mulheres quando queriam, por qualquer motivo, e a carta passou a ser uma prova de cuidado, para que as mulheres pudessem viver uma vida digna depois que foram repudiadas.⁵⁴ John Stott diz que Deus instituiu o casamento como uma união exclusiva e permanente que ele fez e o homem não pode quebrar, por isso, Jesus diz que se alguém divorciar-se de um parceiro e casar-se com outro estará adulterando, porque aos olhos de Deus o primeiro casamento não foi desfeito.⁵⁵ Mas Jesus traz uma exceção por causa da dureza do nosso coração, uma vez que, no caso de algum sério pecado sexual, o divórcio é permitido. Contudo, o autor ressalta que essa exceção deve ser lida no contexto do Sermão do Monte e de toda a Bíblia que proclama um Evangelho de reconciliação: Jesus enfatizou a ordem do amor, do perdão e do chamado à pacificação em cada situação de luta ou discórdia.

Agostinho afirma que as dificuldades do casamento, se existirem, devem ser suportadas corajosamente, por amor à fé e à castidade conjugal e que o único motivo para o divórcio seria a fornicção (e apenas se o cônjuge ofendido estiver livre de pecados como a avareza, idolatria e fornicção).⁵⁶ As suas ideias a respeito do casamento e do divórcio demonstram que ele não via o casamento como bênção e motivo de grande deleite nesta vida. Ele entendeu que essa era apenas mais uma necessidade temporal que deveria ser usada com um fim específico e aborrecida para dar prioridade à busca pela alegria eterna. A fé reformada entende que Deus deu o casamento e o sexo como prazeres que podem e devem ser desfrutados! E essa é uma visão importante dentro do aconselhamento. O sexo dentro do casamento deve ser incentivado para aumentar a intimidade e o lar deve ser lugar de

⁵⁴ LLOYD-JONES, *Estudos no sermão do monte*.

⁵⁵ STOTT, *Contracultura cristã*.

⁵⁶ AGOSTINHO, *Patrística - O Sermão da Montanha e Escritos Sobre a Fé*.

descanso, onde a paz de Deus reina e a alegria brota como resultado. Sendo assim, ao buscarmos as necessidades do reino, o casamento há de ser celebrado, não aborrecido. A visão a respeito do divórcio também é diferente: se qualquer pecado fosse motivo para o divórcio ninguém mais estaria casado; mas se só pudesse se divorciar aquele que não comete pecado, nenhum divórcio jamais poderia acontecer.

O divórcio, em caso de infidelidade, é uma concessão, mas não é um mandamento. Jesus diz que aquele que foi ofendido tem o direito de divorciar-se neste caso. No texto de Mateus 19.3-12, Jesus diz que Moisés permitiu o divórcio por causa da dureza do nosso coração, e muitas igrejas têm aplicado este texto de forma errada. Alguns cristãos que passaram por esse processo que, por si só, já é doloroso, carregam também o fardo de terem sido acusados de dureza de coração por não conseguir permanecer casado com aquele que o traiu. A dureza de coração à qual Jesus se refere é de toda a sociedade, que não dá o devido valor ao casamento; do casal, que permitiu que o pecado se instalasse em seus corações e até dos irmãos, que não agiram como corpo na hora da necessidade. O divórcio é resultado do pecado que está no mundo e que endurece os corações, mas Jesus não obriga o ofendido a carregar o fardo da crítica.

A Igreja Presbiteriana do Brasil entende que duas situações são passíveis de divórcio: traição e abandono de lar. O “abandono de lar” se refere ao abandono das funções de marido, ou de esposa. Significa que a igreja não condena a separação, se for esse o caso. Ninguém é obrigado a sofrer violência ou ser traído e continuar casado. Deus não nos impõe esse tipo de pena e nem a igreja deveria fazê-lo. Mas o conselheiro precisa saber mais do que isso para lidar com casais em sofrimento, uma vez que, antes de falar sobre divórcio, precisamos falar sobre casamento e reconciliação.

Um casamento feliz é uma benção, uma centelha de eternidade na nossa vida aqui. Deus valoriza tanto esta união que compara o seu relacionamento com a igreja a um casamento, no qual somos a noiva amada. Ele diz que as bodas do cordeiro serão uma festa, um banquete, um momento de grande alegria! Ele não só valoriza o casamento como nos capacita a viver como casal da forma que o agrada. Qualquer cristão que tenha um casamento feliz sabe que a glória por isso deve ser dada somente a Deus. Mas Satanás tem grandes planos para destruir o casamento e nós vemos isso em todo lugar na sociedade. Algumas falas são comuns no mundo: “Relacionamento serve para te fazer feliz, então se você não está feliz, saia deste casamento. ”, “Não aceite menos do que um homem que te trate como rainha. Se

o seu não for assim, escolha outro. ”, “As pessoas mudam com o tempo e a pessoa com quem você se casou já não é mais a mesma. Na verdade, você estava casado com outra pessoa, então está livre para se divorciar desta.”. Essas falas parecem absurdas para alguns, mas já fazem parte da vida de muitos cristãos. A nossa sociedade vê o outro como objeto de autossatisfação, então, a renúncia não encontra lugar nestes corações. Em tempos de amores líquidos, ninguém sabe mais se quer estreitar os laços ou mantê-los frouxos. As pessoas tendem a se concentrar nas satisfações que esperam obter das relações precisamente porque, de alguma forma, estas não têm sido consideradas verdadeiramente satisfatórias.⁵⁷ Vemos novamente um problema de padrão: o mundo estabelece padrões para si e não sabe como atingi-los, enquanto Cristo nos dá o padrão para o casamento e nos dá também o caminho para chegar lá.

Todos os trechos do Sermão do Monte podem ser aplicados especificamente ao casamento, como por exemplo: o caráter dos cristãos, o relacionamento com Deus, as questões de dinheiro e ansiedade, e os ensinamentos de Cristo para nos relacionarmos com outros irmãos. O ideal é que todos estes ensinamentos sejam passados aos casais quando ainda são jovens para que seu casamento seja fundamentado nos valores corretos, mas sabemos que nem sempre é assim. Algumas vezes, o conselheiro terá que ensinar uma esposa a tratar o marido como inimigo, antes de alcançar o seu coração dizendo que ela deve demonstrar a ele um amor que serve, independentemente do que ela estiver sentindo. Ou talvez tenhamos que mostrar ao marido como ele tem agido como perverso, exigindo que a esposa caminhe com ele uma milha para humilhá-la. Muitas vezes, teremos que trazer à tona as questões do perdão, incentivando-os a confessar o pecado, a conversar sobre a ofensa feita ou sofrida e a restaurar a comunhão. Aqueles que agem assim serão chamados filhos de Deus.

O conselheiro precisa também ter a sabedoria de ouvir sempre os dois lados da história e ouvir com amor, pois pessoas estão sofrendo e é uma só carne que está se rasgando ali. É nosso o privilégio de mostrar a eles a cruz de Cristo que pode reconciliar qualquer relação e suportar qualquer dor. O casamento só pode dar certo quando dois pecadores convictos se colocam diante da cruz e encontram ali o amor que faz servir, suportar as adversidades e perdoar.

⁵⁷ BAUMAN, Zygmunt. *Amor Líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

No Sermão do Monte, Cristo não dissolve o casamento, mas o fortalece e o santifica pela fé: ele é o Senhor do casamento, por isso, o discípulo deve preservar o seu compromisso por meio da disciplina e da renúncia. A santificação do casamento cristão é o que o torna diferente do mundo, não o desprezo a ele.⁵⁸

f) A regra de ouro do Reino

“Assim, em tudo, façam aos outros o que vocês querem que eles lhes façam; pois esta é a Lei e os Profetas.”

Mateus 7.12

Jesus deixa a diferença clara, pois, enquanto o mundo evita a fadiga, o cristão age. Enquanto para eles a regra de ouro é “não faça aos outros o que você gostaria que não fizessem com você”, para nós a regra é “façam, ajam primeiro”. O cristão não pode agir somente quando provocado, porque ele é responsável pela mudança do mundo. Ivênio dos Santos diz que não há nada de errado em gostarmos de ser bem tratados, por isso devemos ter essa intenção por base ao agirmos com o nosso próximo.⁵⁹ Essa regra esclarece uma infinidade de questões e evita que recorramos a pequenas regras para tudo.

O cristão não tem o direito de se ressentir diante das ofensas e não pode ser briguento; não pode ter em si qualquer coisa parecida com um espírito vingativo, que não esteja disposto a perdoar. Deve então cultivar um espírito de amor e benevolência para com os homens, pagando a maldição com bênçãos; deve amar não só de palavras, mas de verdade e de fato. “Compete-nos tolerar muita coisa, suportar muita coisa, em vez de ofender ou prejudicar outras pessoas. Em todas as coisas, devemos mostrar-nos altruístas. Nosso pensamento nunca deveria ser: ‘Como é que as outras pessoas se comportam comigo?’”. Pelo contrário, deveria ser: ‘O que Cristo gostaria que eu fizesse?’.”⁶⁰ Se este não for o alvo, devemos nos perguntar se realmente somos filhos de Deus. Agir como o Pai é o que evidencia que nascemos de novo. O crente deve ser dirigido por princípios mais elevados que o interesse próprio. Mesmo que o mundo não consiga compreender as doutrinas do cristianismo, ele compreenderá a cortesia,

⁵⁸ BONHOEFFER, *Discipulado*.

⁵⁹ SANTOS, *Alma nua*.

⁶⁰ RYLE, *Meditações no evangelho de Mateus*, p. 45.

a gentileza, a consideração pelas outras pessoas. Se todos os que se dizem cristãos vivessem de fato por esses princípios o mundo veria o cristianismo de maneira muito mais eficiente.

Não é fácil se relacionar com o perverso, não é fácil perdoar, não é fácil se envolver com as trevas para ser luz ou com a carne viva para ser sal; mas o nosso chamado não é para uma vida fácil. Não é fácil manter a saúde mental quando nos relacionamos com pessoas tóxicas, mas Deus não nos chamou para sermos saudáveis pelos padrões do mundo. Se o objetivo em todos os nossos relacionamentos for a glória de Deus, ele se encarregará em manter a nossa mente sã e seremos perfeitamente felizes vivendo no seu glorioso Reino.

O aconselhamento bíblico fundamentado no Sermão do Monte traz respostas para as situações acinzentadas nos relacionamentos, já que fala das características dos cristãos e das regras para os seus relacionamentos. A transformação resultante desta prática é poderosa e profunda e fará com que os outros perguntem pelo Deus que é capaz de fazer pessoas assim.

5 OS ARGUMENTOS FINAIS DE JESUS

Ao pregar um sermão direcionado aos cidadãos do seu novo reino, Jesus fala de todas as áreas do relacionamento humano. Mas ele vai além e fala também das dificuldades que os discípulos encontrarão: o caminho e a porta são estreitos e os falsos profetas tentarão derrubá-los. Ele fala da importância do discernimento na hora de pregar a palavra e também da importância da intimidade com Deus. Somente aqueles que, ajudados pelo Santo Espírito de Deus, se esforçarem para alcançar o alvo proposto por Jesus é que poderão ter a confiança de uma casa construída sobre a rocha, porque as tempestades jamais serão capazes de separá-los do amor de Deus.

5.1 O caminho e a porta estreita

“Entrem pela porta estreita, pois larga é a porta e amplo o caminho que leva à perdição, e são muitos os que entram por ela. Como é estreita a porta, e apertado o caminho que leva à vida! São poucos os que a encontram.”

Mateus 7.13,14

Jesus termina o sermão nos encorajando a entrar pela porta estreita. Ele sabe que suas palavras não são fáceis e já nos alertou em relação aos possíveis obstáculos que teremos pelo caminho: o mundo com suas luzes coloridas, a nossa carne que sempre tende para o que é mal e o Diabo que é astuto e sagaz e tenta nos derrubar a todo instante. O caminho estreito lembra a sensação de andar numa corda bamba, pois sabemos que, se olharmos para os lados, para baixo, ou para a corda, iremos desequilibrar, então a instrução é que mantenhamos os olhos fixos no alvo. Mas ainda assim, corremos o risco de desviar o olhar, desequilibrar e cair. Não é um caminho fácil e é o próprio Senhor Jesus quem diz isso!

Vida em um reino de “já, mas ainda não”, perfeição, compromisso, negação do “eu”, caráter transformado: para muitos, são palavras bonitas, mas não passam de uma utopia — um lugar ideal que não é no agora. Para estes, essas coisas não cabem na vida real, não se encaixam nos seus problemas. São pessoas que estão dentro da igreja, que não negam a Cristo, mas que dizem que “não precisa de tudo isso”. John Stott diz que a necessidade de

escolha entra em pauta agora, porque Jesus fala que não há uma terceira alternativa ou um caminho do meio; só há um caminho e uma porta que conduzem ao céu.¹ No caminho largo, há tolerância e permissividade, cada um segue o desejo de seu próprio coração e não é preciso nenhum esforço para estar ali. Já o caminho estreito, tem os limites bem demarcados pela revelação divina. Jesus fala que aqueles que passarão pela porta larga estão indo em direção a um fim tenebroso e nos convida a tomar uma decisão a respeito de como queremos caminhar e onde desejamos entrar.

O conselheiro bíblico corre o risco de se sentir especialmente desencorajado por esses que buscam ainda o caminho do meio, uma vez que são muitos dentro das nossas igrejas que pensam que a vida cristã não deve ser penosa assim e que a solução para muitos problemas está fora das Escrituras. No Brasil, a sensação é de que o aconselhamento bíblico luta contra o mundo, a carne, o Diabo e a igreja. Não é por termos uma teologia bíblica fraca ou por termos líderes desinteressados pelo rebanho — o que temos é exatamente o contrário disso. Mas talvez a razão esteja no preparo dos nossos líderes que se sentem capazes de fazer muito pelo reino, mas quando chegam nas questões cruciais do coração, se sentem fracos e preferem entregar suas ovelhas para a psicologia. É um caminho confuso para as ovelhas! O pastor prega domingo após domingo as verdades bíblicas que apontam para a porta estreita, os líderes das sociedades internas falam das dificuldades do caminho semanalmente, o discipulador ensina a identificar os obstáculos, mas quando o cristão cai, dizemos que seu machucado está fora da nossa alçada! Não faz nenhum sentido pensar assim! É a igreja a responsável por tratar o coração ferido com o bálsamo que só pode ser encontrado nas Escrituras. A psicologia não pode ajudar esse coração porque a solução para a dor não está no mundo, mas naquele que entregou a vida por nós. Mais uma vez, é preciso ressaltar: a psicologia tem excelentes técnicas para limpar o machucado, mas o remédio só Cristo tem. Mesmo que o psicólogo seja cristão e esteja tratando outro cristão, ele não pode usar a Bíblia dentro do consultório. O conselho de psicologia brasileiro não permite esta prática. Mesmo que muitos argumentem que essa prática é comum em todas as religiões, não deixa de ser uma conduta antiética e proibida pela autoridade que regula a profissão no país.

Temos uma igreja com uma teologia sólida, temos pastores e líderes cujo coração arde pelo Evangelho, e temos a resposta para a dor do mundo. Não precisamos ter medo de pedir

¹ STOTT, *Contracultura cristã*.

ajuda naquilo que não entendemos. Ao invés de mandarmos as ovelhas machucadas para os consultórios de psicologia, podemos trazer estes psicólogos para ensinar a igreja a limpar os machucados. O aconselhamento bíblico não é tarefa de alguns poucos, não é um dom especial, mas é responsabilidade de toda a igreja e ela precisa aprender a agir. Assim como aprendemos teologia com aqueles que estudam mais o assunto, podemos aprender algumas técnicas da psicologia. Juntos podemos trabalhar para deixar de buscar respostas em teorias humanistas para encontrá-las no Criador.

Jesus diz aos seus que eles sempre serão poucos, porque o caminho é realmente apertado, mas não precisamos caminhar sozinhos. Assim como na corda bamba é bom ter alguém do lado que nos impeça de cair, na vida cristã, temos a igreja fazendo este papel e o Espírito que habita em nós para trazer o equilíbrio. Quando olhamos para o caminho, temos a impressão de que ele é impossível e suas exigências são duras demais. Mas Dietrich Bonhoeffer nos lembra de que Cristo é o caminho, ele é a porta e se caminharmos junto dele, não correremos o risco de nos perder.²

Intimamente relacionado à escolha da porta e do caminho, está a advertência em relação aos falsos mestres, aos crentes formais e àqueles que não querem ser ajudados. Mesmo quando estamos dentro da igreja, separados do mundo, não podemos sair do estado de alerta, tendo em vista que tudo o que ouvirmos precisa ser confrontado pelas Escrituras.

5.2 Cuidado com os falsos profetas

“Cuidado com os falsos profetas. Eles vêm a vocês vestidos de peles de ovelhas, mas por dentro são lobos devoradores. Vocês os reconhecerão por seus frutos. Pode alguém colher uvas de um espinheiro ou figos de ervas daninhas? Semelhantemente, toda árvore boa dá frutos bons, mas a árvore ruim dá frutos ruins. A árvore boa não pode dar frutos ruins, nem a árvore ruim pode dar frutos bons. Toda árvore que não produz bons frutos é cortada e lançada ao fogo. Assim, pelos seus frutos vocês os reconhecerão!”

Mateus 7.15-20

² BONHOEFFER, *Discipulado*.

Os falsos mestres são aqueles que nem entram pela porta estreita, nem deixam os outros entrarem. John Stott diz que esses são peritos em tornar confusa a questão da salvação.³ Alguns distorcem o Evangelho de tal maneira que fica difícil encontrar a porta estreita; outros tentam dizer que o caminho apresentado por Cristo é, na realidade muito mais largo do que tem sido apresentado; outros dizem que todos os caminhos levam a Deus, contradizendo a Jesus. Estes mestres são lobos vorazes e são extremamente perigosos. Devemos ficar de guarda, em oração, usando nossa capacidade crítica sem nunca relaxar, porque eventualmente eles mostrarão a sua verdadeira face.

O irmão que é novo ou fraco na fé é levado como folha no vento por esses falsos mestres, por isso, a igreja precisa caminhar unida, como um rebanho, para que nenhuma ovelha se perca. Os falsos profetas, como fazem os lobos, procuram separar algumas do rebanho para poder destruí-las porque é muito mais fácil atacar a ovelha machucada e solitária. O pastor das nossas almas com certeza irá buscar a ovelha que se perdeu, mas é nossa a responsabilidade como rebanho de proteger as mais frágeis. Um cristão não sobrevive muito tempo fora da comunhão e longe do corpo, sem ser atacado por esses lobos devoradores.

Para tranquilizar a igreja em relação à insegurança de não saber quem pode ser lobo e quem é ovelha, Jesus afirma que pelos seus frutos os conheceremos. Mesmo que a árvore não queira dar frutos, em algum momento eles aparecerão e a igreja deve ter o discernimento para diferenciar entre a realidade e a aparência. Os falsos profetas revelam sua identidade pelo caráter e pela conduta, pelos seus ensinamentos e pela influência que exercem nos seus discípulos. Seu progresso perturba a fé das pessoas, promove a impiedade e provoca divisões dolorosas.⁴ Isso deve levar os discípulos à uma comunhão mais sólida, porque a aparência de nada valerá: a árvore que não der frutos bons será lançada ao fogo.⁵

Precisamos julgar os frutos dos nossos líderes para saber se estamos lidando com lobos devoradores e, enquanto líderes do povo de Deus, precisamos julgar também os nossos frutos. Alguns conselheiros tendem a deixar as leis de Deus mais difíceis do que já são ao aplicá-las a questões pessoais, outros se solidarizam tanto com a dor do outro que esquecem de apontar seus pecados, outros podem ser levados pelo mundo a motivarem seus

³ STOTT, *Contracultura cristã*.

⁴ *ibid.*

⁵ BONHOEFFER, *Discipulado*.

aconselhados com palavras vazias que buscam no homem a solução. Precisamos nos comprometer com o tempo de intimidade na prática das disciplinas espirituais para que o amor do Senhor transborde em nós e não sejamos levados pelas nossas próprias ideias. Deus nos chamou para ser um farol quando o seu povo estiver num mar atribulado, e nós jamais poderemos brilhar essa luz sem o combustível que vem dele. Nossos frutos precisam ser bons e é saudável que tenhamos pessoas que os experimentam com frequência. Quanto mais dispostos estivermos a sermos examinados, mais facilmente veremos os nossos erros e poderemos corrigi-los.

5.3 A necessidade da intimidade

"Nem todo aquele que me diz: 'Senhor, Senhor', entrará no Reino dos céus, mas apenas aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus. Muitos me dirão naquele dia: 'Senhor, Senhor, não profetizamos nós em teu nome? Em teu nome não expulsamos demônios e não realizamos muitos milagres?' Então eu lhes direi claramente: 'Nunca os conheci. Afastem-se de mim vocês, que praticam o mal!'"

Mateus 7.21-23

Precisamos nos preocupar também com os frutos daqueles a quem aconselhamos. Podemos encontrar pessoas que estão na igreja há muitos anos, que estão bem acostumadas com as ideias bíblicas, mas que nunca tiveram um coração transformado. Essas pessoas podem vir a fazer grandes coisas em prol do reino: evangelizar, fazer milagres, expulsar demônios, mas nunca ouviram ou viram as verdadeiras obras do Senhor. Com isso, Jesus nos ensina que a confissão não confere ao discípulo direito algum, nem as obras que ele executa.⁶ J. C. Ryle fala que o cristianismo precisa ser praticado com o coração, tanto quanto professado.⁷ É claro que não podemos perscrutar o coração dos nossos irmãos para saber se de fato nasceram de novo, mas sabemos que o que de fato pode diferenciar o discípulo é a obediência em amor, confiante na graça de Deus.

⁶ STOTT, *Contracultura cristã*.

⁷ RYLE, *Meditações no evangelho de Mateus*.

Somos também levados a um confronto próprio, onde analisaremos o nosso coração para saber se estamos de fato obedecendo à palavra do Senhor.⁸ Ele diz que não aceitará aqueles que não o conhecem de verdade, aqueles com quem ele não tem intimidade. Nós precisamos ter o coração examinado pelo Senhor dia a dia para garantir que, ao chegar no céu, não estaremos entre estes que não conheceram a Deus.

O grande teste que sempre deveríamos aplicar a nós mesmos é o seguinte: 'Qual é a minha relação com Deus? Eu O conheço, realmente? Eu O estou agradando?' Em outras palavras, ao nos examinarmos, antes de nos recolhermos ao leito, não deveríamos meramente indagar de nós mesmos se cometemos algum homicídio, algum adultério, ou se nos tomamos culpados disto ou daquilo, para, em seguida, em caso negativo, agradecer a Deus por isso. Não! Pelo contrário, deveríamos perguntar coisas como estas: 'Deus ocupou o lugar supremo em minha vida, no decorrer deste dia? Vivi hoje para a glória e a honra de Deus? Cheguei a conhecê-Lo melhor? Tenho demonstrado zelo por Sua honra e glória? Houve em mim alguma atitude diferente das atitudes de Cristo — pensamentos, imaginações, desejos ou impulsos?' Esse é o verdadeiro autoexame. Em outras palavras, devemos examinar-nos à luz do exemplo de uma Pessoa viva, e não apenas em termos de um código mecânico, composto de regras e regulamentos.⁹

Viver a vida descrita no Sermão do Monte é uma clara evidência de que nascemos de novo, que somos cidadãos do Reino. Àqueles que vivem assim Jesus vai dizer: "eu os conheço".

5.4 A Palavra não deve ser desperdiçada

"Não deem o que é sagrado aos cães, nem atirem suas pérolas aos porcos; caso contrário, estes as pisarão e, aqueles, voltando-se contra vocês, os despedaçarão".

Mateus 7.6

Na prática do aconselhamento bíblico, lidaremos com pessoas machucadas, amarguradas e difíceis. Lidaremos com pessoas fracas na fé, com pouca instrução e pouco conhecimento. Lidaremos com muitos autossuficientes, idólatras, egoístas e ansiosos. Devemos insistir neles porque sabemos que todos terão dificuldades específicas, mas, em

⁸ STOTT, *Contracultura cristã*.

⁹ LLOYD-JONES. *Estudos no sermão do monte*, p. 313.

algum momento, o Espírito poderá abrir esses corações para transformá-los. Porém, Jesus nos diz que precisamos ter discernimento para saber quando desistir de alguém. Algumas pessoas que estão no erro não gostam e não querem ser ajudadas.

Não precisamos tentar impor a Palavra sobre as pessoas. Dietrich Bonheffer afirma que é inútil e perigoso tentar convencer o outro pela própria força — quem age assim confunde a palavra do Evangelho com uma ideia de vitória.

A Palavra de Deus (...) se deixa sujeitar ao desprezo e à rejeição humanos. Para a Palavra, há corações endurecidos e portas fechadas. (...) para a ideia, não existe o impossível. A Palavra é mais fraca que a ideia. As testemunhas da Palavra também são mais fracas que os propagandistas da ideia. Mas, nessa fraqueza, os discípulos estão livres da inquietação doentia dos fanáticos, pois sofrem com a Palavra. Os discípulos nada são senão servos e instrumentos da Palavra e não podem querer ser fortes onde a Palavra quer ser fraca. (...) Os discípulos que desconhecem a fraqueza da Palavra não reconheceram ainda o mistério da humildade de Deus. Essa Palavra fraca, que sofre a oposição dos pecadores, é a Palavra forte e misericordiosa que converte pecadores do fundo do coração. Sua força está oculta na fraqueza; se a Palavra viesse até nós com todo o seu poder, estaríamos diante do juízo final. Esta é a grande tarefa dos discípulos: reconhecer os limites de sua missão.¹⁰

Quando nos depararmos com corações fechados, devemos ser levados a orar. Se for da vontade de Deus, ele mesmo fará com que a Palavra que foi plantada dê frutos e, se não, ele mesmo fará com que a semente morra à beira do caminho.

5.5 O fundamento da casa do verdadeiro cristão

“Portanto, quem ouve estas minhas palavras e as pratica é como um homem prudente que construiu a sua casa sobre a rocha. Caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e deram contra aquela casa, e ela não caiu, porque tinha seus alicerces na rocha. Mas quem ouve estas minhas palavras e não as pratica é como um insensato que construiu a sua casa sobre a areia. Caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e deram contra aquela casa, e ela caiu. E foi grande a sua queda.”

Mateus 7.24-27

¹⁰ BONHOEFFER, *Discipulado*, p. 148.

Durante todo o sermão, Jesus repetiu o que a Bíblia inteira diz: o que importa é o coração. Ele nos mostrou, em todas as áreas da nossa existência, que ele não espera uma reforma, uma mudança na fachada, ou uma decoração diferente, porque ele nos diz que é hora de analisarmos a estrutura da casa onde vivemos. As rachaduras nas paredes podem ser apenas uma infiltração, mas podem também ser sinal de que os alicerces estão cedendo, e passar uma massa e pintar novamente não vai resolver o problema escondido.

Essas palavras devem soar para nós como um alerta da Defesa Civil: "Possibilidade de forte chuva com ventos intensos e trovoadas. Cuidado e atenção no trânsito, pontos de alagamento e estruturas com ameaça iminente de desabamento." Só ficamos tranquilos e descansados quando recebemos essas mensagens se sabemos que nós e todos os nossos queridos estão em algum lugar seguro. Este é o alerta que Jesus está nos dando: verifiquem bem onde estão os seus alicerces para que a tempestade não lhes tire a vida de repente.

O cristão que ouve a Palavra e põe em prática é como uma casa edificada sobre a rocha, pois a sua religião pode ter custado tribulações, pode ser que seus alicerces tenham sido erguidos com muito esforço e lágrimas, mas não foi em vão. Quando os dilúvios de enfermidade, tristeza, pobreza e desolação desabam sobre a sua casa, ele está firme. Sua fé não vacila, sua alma permanece inabalável. Já aquele que apenas ouviu a palavra, mas nunca colocou em prática e nem rompeu com o mundo, na verdade, nunca se apropriou de Cristo. Na primeira tempestade, a sua casa é demolida; na hora da sua maior necessidade, a sua religião o desampara totalmente. "A grande verdade é que o que custa pouco vale pouco! Uma religião que nada nos custa, e que não consista em outra coisa senão em ouvir sermões, sempre provará ser uma atividade inútil, por fim."¹¹ O construtor sábio investe naquilo que ninguém vê, para dar segurança à casa na hora da tempestade, enquanto o construtor insensato investe na aparência e lança seus alicerces na areia.¹² Ao olhar de fora, não perceberemos a diferença, mas as calamidades revelarão onde elas estavam firmadas.

É importantíssimo perceber que Jesus não promete ao fiel discípulo tempestades mais brandas. Os problemas e as dificuldades vêm de igual maneira sobre crentes e descrentes.

¹¹ RYLE, *Meditações no evangelho de Mateus*, p. 71.

¹² LOPES, *Mateus*.

Jesus não nos promete livramento dos problemas da vida. Pelo contrário, ele enfatiza que, andando ao seu lado, teremos as mesmas perseguições que também vieram sobre ele.¹³

Que grande responsabilidade o conselheiro tem nas mãos! Somos procurados no momento da tempestade e, muitas vezes, queremos apenas consolar o aconselhado com palavras bondosas. Fazendo isso, podemos estar apenas amortecendo a queda e ajudando o aconselhado a lançar novamente seus alicerces na areia. É preciso ter grande discernimento e compaixão para cavar fundo e descobrir onde estão os fundamentos. E então, caso se verifique o erro, é urgente mostrar ao aconselhado que seus alicerces precisam estar firmados somente em Cristo e que desta decisão dependerá toda a sua eternidade.

O Sermão do Monte nos ensina a construir a casa sobre os firmes fundamentos da fé, na certeza de que Cristo é a rocha que nos sustenta. Esse é o grande diferencial do aconselhamento bíblico em relação a qualquer outro tipo de terapia: a profunda transformação do coração e dos relacionamentos só acontece quando lançamos os alicerces na rocha para enfrentar as intempéries da vida.

¹³ SANTOS, *Alma nua*.

CONCLUSÃO

A presente pesquisa se destinou a demonstrar como o Sermão do Monte poderia ser aplicado ao aconselhamento bíblico para gerar profunda transformação em todas as áreas do relacionamento humano. Para isso, foi preciso reorganizar as passagens do sermão reunindo as que falavam do caráter do cristão, do seu relacionamento com Deus, com o seu coração e com as outras pessoas, e as passagens que traziam os argumentos finais de Jesus.

O primeiro objetivo era descrever o caráter do cidadão do reino de Deus. Jesus deixou claro que as palavras desse sermão não poderiam ser colocadas em prática por aqueles que não fazem parte desse Reino. Exigir que um não cristão aja assim é como determinar que um morto fale: é impossível. Por isso, o aconselhamento bíblico só faz sentido se for direcionado àqueles que já nasceram de novo, àqueles que são como Jesus.

Ele viveu cada uma das bem-aventuranças, além de tudo o mais que ensinou no sermão. Jesus foi pobre de espírito quando poderia ser tudo, mas escolheu ser servo. Ele chorou pelo pecado do mundo até o momento da sua morte. Ele foi manso em todos os momentos, até quando confrontou e ofendeu onde era apropriado, mas nunca exigiu qualquer louvor embora merecesse todo ele. Jesus foi perfeitamente justo e saciou completamente toda a fome dele no mundo. Ele foi misericordioso com quem precisava dele e nos deu essa misericórdia como um dom. Ele viveu plenamente a pureza de coração. Ele foi pacificador ao ponto de ser a própria paz e nos dar a paz com Deus, e foi perseguido por sua justiça até a morte de cruz. Jesus não traz as bem-aventuranças para nos condenar, mas para nos libertar e nos dar vida em abundância! O Sermão do Monte não é um conjunto de conselhos de autoajuda, mas uma expressão de uma vida dominada por Deus!¹

No calvário ele nos trouxe paz, e é para lá que nós devemos correr quando pensarmos que as palavras desse sermão são impossíveis de serem praticadas, pois não há absolutamente nenhum detalhe da identidade do cristão que não seja resolvido na cruz! O apóstolo Paulo reconhecia que jamais atingiria com os seus próprios esforços um coração puro, e disse: "Tudo posso naquele que me fortalece" (Filipenses 4:13).²

Ao encararmos as bem-aventuranças, entendemos bem por que Jesus deu tanta importância às disciplinas espirituais: é absolutamente impossível ser genuinamente cristão,

¹ GLENN, *Crucificando a moralidade*.

² GRAHAM, *O Segredo da Felicidade*.

viver todo aquele padrão descrito anteriormente se não estivermos em contato contínuo com Deus, nos enchendo do Espírito. O segundo objetivo era apresentar o que Jesus falou a respeito do relacionamento do homem com Deus e aplicá-lo à prática do aconselhamento bíblico. Para isso, foi preciso falar das disciplinas espirituais, da santificação e do temor direcionado a Deus. Qualquer segundo de desconexão nos leva a nos envolver com o nosso ego. Precisamos sempre ser lembrados de que somos cidadãos de outro Reino, que não pertencemos a este mundo, por isso Deus nos chama à comunhão frequente.

O terceiro objetivo do presente estudo era demonstrar como a fala de Jesus a respeito do relacionamento do cristão com o seu coração poderia ser usado no aconselhamento bíblico. Este capítulo é essencial para diferenciar o aconselhamento da psicologia, pois, enquanto o primeiro é centralizado em Deus, o segundo é centralizado no homem. O cristão se tornou participante da natureza divina, porque as coisas antigas passaram e que tudo se fez novo. Este homem não está mais vivendo para si próprio, visando somente as suas próprias realizações; e nem é mais um indivíduo satisfeito consigo mesmo. O seu coração está sendo purificado. Ele ama a Deus, e o seu anelo é contribuir para a honra e a glória do Senhor.³ Jesus mostra que o cristão que vive com os olhos no céu não será iludido pelas sutilezas do mundo que angustiam o coração. O aconselhamento cristocêntrico leva o aconselhado a sonhar com o céu, tanto na Nova Jerusalém celestial, como aqui na terra, no tempo do 'já, mas ainda não'.

O quarto objetivo deste estudo era interpretar as passagens do sermão que tratam do relacionamento do homem com as outras pessoas. Aqui a regra de ouro de Jesus é o ponto chave: "façam aos outros o que vocês querem que eles lhes façam". Se esta instrução for usada em todos os relacionamentos, muitas dificuldades poderão ser evitadas. Jesus também fala da importância do perdão e do amor generoso que devemos ter para com os outros, inclusive para com os inimigos.

Nosso sábio mestre terminou o seu sermão de uma maneira esplêndida! Jesus reconhece que não será um caminho fácil e sem tempestades, mas encoraja os seus a seguirem firmes porque a alegria que lhes é proposta é muito maior que as dificuldades da vida. A conclusão de Jesus foi além do que o trabalho se propôs a trabalhar, mas foi essencial. A prática do aconselhamento bíblico é dura e o Diabo tenta nos desencorajar a todo instante com as mais diversas artimanhas. Jesus revela cada uma delas e nos dá a certeza de que jamais

³ LLOYD-JONES. *Estudos no sermão do monte*.

poderemos pensar que trabalharemos sozinhos: é ele quem efetua o trabalho através das nossas vidas.

Quando ouvimos a voz de Jesus falando aos nossos corações nesse sermão, ficamos tão maravilhados quanto ficou aquela multidão! Agora, precisamos fazer coro com estes grandes homens, como Martyn Lloyd-Jones, John Stott, Billy Graham e tantos outros que tiveram a certeza de que se os cristãos vivessem o Sermão do Monte, a sociedade seria outra. O nosso coração precisa arder pela palavra, por viver e proclamar uma vida em abundância, por transformar a sociedade onde vivemos. Não é utopia, não é sonho — é uma realidade possível! É possível exatamente porque não está em nossas mãos fazê-lo, mas nas mãos do nosso Deus soberano, e Jesus não só nos diz o que fazer, mas nos capacita a viver uma vida que o agrade.

Devemos aceitar o seu sermão com extrema seriedade e colocá-lo em prática em nossas vidas e nos conselhos que daremos aos nossos irmãos. Esses são os padrões, os valores e as prioridades do Reino de Deus. Se a igreja se afasta desses padrões, ela perde a salinidade, a luz se apaga e fica quase impossível distingui-la do mundo.⁴ Nós, que temos o privilégio de falar sobre o céu todos os dias, de ajudar um irmão a ver a esperança que Cristo oferece, de ver de perto o maravilhoso conselheiro trabalhando, precisamos ser excelentes para que o nome do nosso grande rei seja glorificado. Precisamos sempre ter em mente que não lidamos com os efeitos do pecado, com os sintomas apenas, mas com a fonte de vida: o coração, por isso, o nosso trabalho jamais poderá ser raso.

Por tratar de todas as áreas da nossa vida, o Sermão do Monte merece um estudo sério por parte do conselheiro. Alguns temas não puderam ser tratados aqui em toda a sua profundidade por fugir do objetivo proposto, como a prática do perdão, o padrão de comunicação cristã e a ansiedade. Seria interessante também um estudo sobre um modelo de discipulado a partir do Sermão do Monte, mostrando ao novo convertido como viver em sua nova pátria. O aconselhamento bíblico é a prática de restauração de muros, enquanto o discipulado é a construção destes. Se o cristão recém-convertido tiver essa base bem fundamentada, o trabalho do conselheiro será mais pontual, mais claro. Porém, se o cristão for apenas colocado dentro da igreja, ou se tiver um discipulado fraco que não chega ao

⁴ STOTT, *Contracultura cristã*.

coração, o conselheiro terá de trabalhar na fundação, ensinando ao aconselhado todos os princípios antes de lidar com o problema propriamente dito.

Jesus disse que, bem-aventurado, verdadeiramente feliz, é aquele que em absoluta dependência se coloca aos pés da cruz e encontra ali tesouros celestiais. Estes, chamados filhos pelo Deus vivo, enfrentam as tribulações com tranquilidade porque entenderam que esta vida é apenas um sopro diante do porvir. No meio de um mundo coberto de sombras e dores, os cidadãos do Reino de Deus são os únicos capazes de desfrutar da paz que excede o entendimento e viver uma vida em abundância.

Há o que se chama 'travesseiro marinho'. Muito abaixo da superfície marítima, que é agitada pelas tempestades e movida pelos ventos, há uma parte do mar que nunca se agita. Quando se draga o fundo do mar, os restos de animais e vegetais trazidos à superfície contêm evidências de não terem sofrido a mínima agitação por centenas de milhares de anos. A paz de Deus é aquela eterna calma que, à semelhança do travesseiro marinho, é profunda demais para ser atingida por qualquer perturbação; e aquele que entra na presença de Deus torna-se participante daquela calma imperturbável.⁵

⁵ COWMAN, Lettie. *Mananciais no Deserto*. Belo Horizonte: Betânia, 1999, p.272.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. *Patrística - O Sermão da Montanha e Escritos Sobre a Fé*. São Paulo: Paulus, 2017, v. 36.

BAUMAN, Zygmunt. *Amor Líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BERNHARDT, Cecelia. *Why I still "give something up" for lent*. Disponível em: <<https://www.ccef.org/why-i-still-give-something-lent/>>. Acesso em: 27 out. 2020.

BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*. São Paulo: Mundo Cristão, 2016.

CALVINO, João. *As Institutas da Religião Cristã*: edição especial com notas para estudo e pesquisa. São Paulo: Cultura Cristã, 2006, v.2.

CATECISMO DE HEIDELBERG. Disponível em: <http://www.monergismo.com/textos/catecismos/catecismo_heidelberg.htm>. Acesso em: 19 nov. 2020.

COWMAN, Lettie. *Mananciais no Deserto*. Belo Horizonte: Betânia, 1999.

Disponível em: <<https://open.spotify.com/track/58zslZPvfflailbNWoaA22O?si=fH6AsbJxSTaZIRajNsHeIA/>>. Acesso em: 27 out. 2020.

GLENN, R. W. *Crucificando a moralidade: o evangelho das Bem-Aventuranças*. São José dos Campos: Fiel, 2014.

GRAHAM, Billy. *O Segredo da Felicidade*. São Paulo: Eclésia, 2003.

DA CUNHA JUNIOR, Obedes Ferreira. [Sermão] Indisponível online.

KELLER, Timothy. *Oração: Experimentando a intimidade com Deus*. São Paulo: Vida Nova, 2016.

LEI Nº 12.318. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12318.htm> Acesso em: 18 nov. 2020.

LLOYD-JONES, D. Martyn. *Estudos no Sermão do Monte*. São José dos Campos: Fiel, 1984.

LOPES, Hernandes Dias. *Mateus: Jesus, o rei dos reis*. São Paulo: Hagnos, 2019.

MILLER, J. *Percurso de Lacan, uma introdução*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

GAROFALO NETO, Emilio. *Eis misericórdia em sangue*. [Sermão]. Disponível em: <<http://ipsemear.org/sermao/eis-misericordia-em-sangue/>>. Acesso em: 21 out. 2020.

GAROFALO NETO, Emilio. *Nem precisava ficar ansioso*. [Sermão]. Disponível em: <<http://ipsemear.org/sermao/nem-precisava-ficar-ansioso/>>. Acesso em: 05 nov. 2020.

GAROFALO NETO, Emilio. *O Tesouro, o Coração e a Lâmpada*. [Sermão]. Disponível em: <<http://ipsemear.org/sermao/o-tesouro-o-coracao-e-a-lampada/>>. Acesso em: 05 nov. 2020.

GAROFALO NETO, Emilio. *Um sermão para mudar o mundo*. [Sermão]. Disponível em: <<http://ipsemear.org/sermao/um-sermao-para-mudar-o-mundo/>>. Acesso em: 21 out. 2020.

O'DONNELL, Douglas Sean. *Matthew: all authority in heaven and on Earth*. Illinois: Crossway, 2013.

PETERSEN, Andrea. *More People Are Taking Drugs for Anxiety and Insomnia, and Doctors Are Worried*. Disponível em: <<https://www.wsj.com/articles/more-people-are-taking-drugs-for-anxiety-and-insomnia-and-doctors-are-worried-11590411600>> Acesso em: 05 nov. 2020.

PETERSON, Eugene H. *A Mensagem: Bíblia em linguagem contemporânea*. São Paulo: Vida, 2011.

PIVA, Daniel. *A verdadeira contrição é para Deus, e não para homens*. [Sermão]. Disponível em: <<http://ipsemear.org/sermao/a-verdadeira-contricao-e-para-deus-e-nao-para-homens/>>. Acesso em: 27 out. 2020.

RYLE, John Charles. *Meditações no evangelho de Mateus*. 2 ed. São José dos Campos: Fiel, 2018.

SANTOS, Ivênio. *Alma nua: O Desnudamento da Alma Através de Uma Abordagem Psicoteológica do Sermão do Monte*. Curitiba: Palavra, 2006.

SPROUL, R. C. *Somos todos teólogos: uma introdução à Teologia Sistemática*. São José dos Campos: Fiel, 2014.

SPURGEON, Charles Haddon. *Dia a dia com Spurgeon – Manhã e Noite: meditações diárias*. Curitiba: Publicações Pão Diário, 2009.

STOTT, John R. W. *Contracultura cristã: A mensagem do Sermão do Monte*. São Paulo: ABU, 1981.

WELCH, Edward T. *Quando as pessoas são grandes e Deus é pequeno: vencendo a pressão do grupo, a codependência, e o temor do homem*. São Paulo: Batista Regular, 2011.